

MANIFESTAÇÕES DO CATOLICISMO
POPULAR NO CONTEXTO URBANO:

Folia de Reis

COMO RESISTÊNCIA CULTURAL EM SOROCABA - SP
(1990-2025)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

Isabela Martins de Souza Rocha

**Manifestações do catolicismo popular no contexto urbano:
Folia de Reis como resistência cultural em Sorocaba-SP
(1990-2025)**

Sorocaba, São Paulo

2025

Isabela Martins de Souza Rocha

Manifestações do catolicismo popular no contexto urbano: Folia de Reis como resistência cultural em Sorocaba-SP (1990-2025)

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana. Área de concentração: Estudos da Condição Humana na Contemporaneidade

Orientador(a): Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Sorocaba, São Paulo

2025

Rocha, Isabela Martins de Souza

Manifestações do catolicismo popular no contexto urbano: Folia de Reis como resistência cultural em Sorocaba / Isabela Martins de Souza Rocha -- 2025. 135f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Vanda Aparecida da Silva

Banca Examinadora: Viviane Melo de Mendonça, Dulcinéia de Fátima Ferreira, Rafaela Sales Goulart

Bibliografia

1. Cultura Popular. 2. Estudos Interdisciplinares. I. Rocha, Isabela Martins de Souza. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Isabela Martins de Souza Rocha, realizada em 11/07/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

Profa. Dra. Dulcineia de Fatima Ferreira (UFMA)

Profa. Dra. Rafaela Sales Goulart (SMEC/SJN)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

Este trabalho é dedicado à memória da minha primeira orientadora,
Profª Dra.Teresa Mary Pires de Castro Melo e do Contramestre José
Pedro da Fonseca, Zé Mineiro.

AGRADECIMENTOS

Minha primeira gratidão é a Deus, por me dar forças e inspirações nos momentos mais difíceis e, claro, aos meus santos de devoção: Maria e José, a quem consagrei este trabalho, mas não me esquecendo dos meus novos santos de devoção, Santos Reis, agradeço a intercessão.

Em segundo lugar, agradeço imensamente a toda minha família e em nome dos meus pais, Anália e Valdecir, agradecer a todos das famílias Martins e Rocha, por sempre me apoiarem a ser a primeira das duas famílias a obter este título. Fora do meu núcleo sanguíneo, mas de coração, agradeço imensamente meu companheiro de jornada, Leonardo, por não soltar minha mão e em nome dele, agradeço toda família Matsui que me acolheu.

No âmbito acadêmico, quero agradecer à UFSCar pela oportunidade e confiança, por me aceitarem. Minha gratidão aos professores, trabalhadores, mas em especial à professora Teresa Melo (in memoriam) que me abraçou e à Vanda Aparecida da Silva que me adotou, quando fiquei órfã de orientação. Também não posso deixar passar em branco os meus sinceros agradecimentos à banca avaliadora deste trabalho, que desde a qualificação contribuiu para o abrilhantar deste trabalho.

Também no âmbito da academia, meus sinceros agradecimentos ao Governo Federal de Luis Inácio Lula da Silva (Lula), por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo incentivo e subsídio aos pesquisadores brasileiros - como foi meu caso - após um governo anterior de desmontes científicos.

Aos meus amigos da turma de 2023: vocês são pesquisadores incríveis, tenho muito orgulho da jornada de cada um e para vocês, para sempre: “três vezes sim: sim, sim, sim”.

Aos meus demais amigos, de bairro, do Portal Porque, da Câmara Municipal de Sorocaba - no nome do companheiro, vereador Izídio de Brito -, e do ministério de música “São José”, em especial ao Claiton de Oliveira, que me deu várias dicas, pois, hoje, ele toca comigo, mas aprendeu o ofício com seu pai, antigo violeiro da Companhia da Vila Formosa, Carmelino de Oliveira.

Por fim, agradeço do fundo do meu coração aos personagens principais deste trabalho: OS FOLIÕES. Sem vocês, sem sua sabedoria e sem sua arte e fé, este trabalho não existiria. Agradeço a confiança e espero ter cumprido as expectativas de vocês. **VIVA A COMPANHIA DE REIS DA VILA FORMOSA!**

Santo Reis desceu do céu, visitando o seu povo
Trazendo as boas festas “olarai” do Natal e o Ano Novo
(Toada de Santo Reis - Companhia de Reis da Vila Formosa)

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre a história e a sobrevivência do único grupo de “Folia de Reis” em Sorocaba, São Paulo. A “Companhia de Santos Reis da Vila Formosa” realiza suas jornadas, levando cultura e fé aos lares de sorocabanos desde 1990. A partir da pesquisa qualitativa, com observação participante, acompanhada das anotações em caderno de campo e escuta de relatos orais junto aos integrantes da Folia de Reis Sorocabana, este estudo especifica os processos de preservação da própria condição humana, no contexto da cultura popular e a formação histórica de povos migrantes; assim como, aponta pistas para a compreensão de como a sociedade e poderes políticos, acolhe e revisita sua própria formação cultural, nesta pequena comunidade e nas demais tradições religiosas de âmbito rural. Conclui-se que, assim como a festa de Santos Reis é diversa, a territorialização e o pertencimento é essencial para compreensão das vivências aqui obtidas, os relatos deixam de ser somente orais, mas se tornam tangíveis e intangíveis, revelando aspectos de uma tradição assentada não somente no imaginário de universos rurais, mas coexistindo e resistindo na acelerada vivência de apagamento de culturas populares presentes em centros urbanos.

Palavras-chave: Folia de Reis; tradições populares; urbanização; modernidade; Sorocaba.

ABSTRACT

This is a study on the history and survival of the only Folia de Reis group in Sorocaba, São Paulo. The “Companhia de Santos Reis da Vila Formosa” has been carrying out its journeys—bringing culture and faith to the homes of Sorocaba residents—since 1990. Based on qualitative research, with participant observation supplemented by field notebook annotations and oral history interviews with members of the Sorocaba Folia de Reis, this study explores the processes of preserving the very condition of being human within the context of popular culture and the historical formation of migrant communities. It also offers insights into how society and political powers receive and revisit their own cultural foundations, both within this small community and in other rural-based religious traditions. The study concludes that, just as the Festa de Santos Reis is diverse, the notions of territoriality and belonging are essential to understanding the experiences observed. The oral accounts collected cease to exist solely as speech and become both tangible and intangible heritage, revealing elements of a tradition rooted not only in rural imagination, but also coexisting and resisting the rapid erasure of popular cultures within urban centers.

Keywords: popular traditions; urbanization; modernity; Sorocaba.

LISTA DE FIGURAS

- Fotografia 1 - Viagem à Ribeirão do Pinhal - PR em 06 de janeiro de 2002 - Arquivo pessoal (2002)
- Fotografia 2 - Viagem à São João do Paraíso - MG em janeiro de 2006 - Arquivo pessoal (2006)
- Fotografia 3 - Visita da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa à Comunidade São José em 06 de janeiro de 2018 - Arquivo pessoal (2018)
- Fotografia 4 - Bandeira da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa - Da autora (2025)
- Fotografia 5 - Bastião e Bandeireira à caminho dos arcos - Da autora (2025)
- Fotografia 6 - Bastião em frente ao presépio- Da autora (2025)
- Fotografia 7 - José Coppi e José Mineiro embaixando na celebração da Epifania do Senhor- Da autora (2025)
- Fotografia 8 - Benedita embaixando na jornada pré Cerimônia dos Arcos- Da autora (2025)
- Fotografia 9 - Bandeireira e co-criadora da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa- Da autora (2025)
- Figura 10 - Mapa cartográfico da Vila Formosa Sorocaba/SP - Google Maps (2025)
- Fotografia 11 - Fachada da Comunidade São José - Sorocaba/SP - Google Maps (2025)
- Figura 12 - Lei Municipal que inclui a Folia de Reis no Calendário Municipal de autoria do vereador Izídio de Brito (2011) - Câmara Municipal de Sorocaba (2025)
- Fotografia 13 - Jornada na Vila Angélica - Sorocaba/SP- Da autora (2025)
- Figura 14 - Raio de visitação da Vila Angélica - Sorocaba/SP - Google Maps (2025)
- Fotografia 15 - Missa da Epifania do Senhor na Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística - Da autora (2025)
- Figura 16 - Raio de visitação na Vila Formosa - Sorocaba/SP - Google Maps (2025)
- Fotografia 17 - Louvação ao Presépio da Catedral Metropolitana de Sorocaba - Sorocaba/SP- Da autora (2025)
- Fotografia 18 - Foto oficial na escadaria da Catedral - Sorocaba/SP- Da autora (2025)

- Fotografia 19 - Louvação ao presépio da Praça Cel. Fernando Prestes - Sorocaba/SP- Da autora (2025)
- Fotografia 20 - Início da Jornada na Vila Formosa - Sorocaba/SP- Da autora (2025)
- Fotografia 21 - Louvação ao Presépio na casa do Contramestre Zé Mineiro - Da autora (2025)
- Fotografia 22 - Início do cortejo para a Cerimônia dos Arcos - Vila Formosa - Da autora (2025)
- Fotografia 23 - Arco cerimonial sem decoração - Vila Formosa - Da autora (2025)
- Fotografia 24 - Início da Cerimônia dos Arcos - Vila Formosa - Da autora (2025)
- Fotografia 25 - Cortejo fúnebre para o velório do Contramestre - Da autora (2025)
- Fotografia 26 - Missa de sétimo dia do Contramestre - Da autora (2025)

LISTA DE TABELAS

- **Tabela 1** - Resultados obtidos em pesquisa preliminar - Da autora (2025)

SUMÁRIO

EU VI A ESTRELA NO ORIENTE: A JORNADA DOS REIS DA INFÂNCIA À ACADEMIA	13
O MOMENTO PRIVILEGIADO	18
DÊ LICENÇA, DONO DA CASA, AO CORTEJO QUE SE ACHEGA	20
1. INTRODUÇÃO	20
2. PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NO ARTESANATO INTELECTUAL	27
2.1 ÉTICA JORNALÍSTICA	31
3. DO CONTO À TRADIÇÃO	33
3.1 FÉ E ARTE POPULAR	37
3.1.1 Sistemas, instrumentos e vocais	37
3.1.2 Bandeira e vestimenta	40
3.1.3 Funções na Vila Formosa	45
3.1.3.1 Bastião	45
3.1.3.2 Embaixador e Contramestre	48
3.1.3.4 Bandeireira	50
3.1.3.5 Demais atores	52
4. UMA FOLIA EM SOROCABA	53
4.1 FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO	53
4.1.1 Sorocaba das migrações	54
4.2 O INÍCIO DA FOLIA DE REIS EM SOROCABA	60
4.2.1 O Embaixador, a Bandeireira e a Vila Formosa	61
4.2.2 A carta e o retorno à Vila Formosa	63
4.2.3 Recepção municipal	63
4.2.4 Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba	69
4.3 PERTENCIMENTO À CIDADE E OS ATRAVESSAMENTOS TERRITORIAIS E CULTURAIS	73
4.3.1 Os santos itinerários - Santos Reis Magos	73
5. A JORNADA VIVENCIADA	75
5.1 PRIMEIROS CONTATOS: DA EUFORIA AO DESESPERO	75
5.1.1 A primeira entrevista e as relações de poder constituídas	78
5.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	79
5.2.1 A primeira visita e o almoço	79
5.2.2 Epifania do Senhor, o retorno à paróquia e a Fazenda Ipanema	85
5.2.3 O seis de janeiro	91
5.2.4 Cerimônia dos Arcos e a festa	99
5.2.5 O velório do contramestre	103
5.2.6 Missa do sétimo dia e o pertencimento ao grupo	107
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110

7. REFERÊNCIAS	112
8. APÊNDICES	118
MODELO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	118
VERSOS DE LOUVAÇÃO AO PRESÉPIO	119

EU VI A ESTRELA NO ORIENTE: A JORNADA DOS REIS DA INFÂNCIA À ACADEMIA

Antes de qualquer coisa, para que não haja dúvidas: Esta é a história da jornada de 2024/2025 da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa, onde eu, Isabela Martins de Souza Rocha, pesquisadora, contei por meio do formato acadêmico esta linda toada que fala de cultura, de beleza e claro, de resistência.

Toda história tem um ponto de partida, é óbvio. Na pesquisa acadêmica, muitas vezes, a vontade de pesquisar vem de uma indignação, uma dúvida ou uma incerteza, no meu caso, foi minha própria história de vida que me trouxe não só aos assentos da academia, mas ao território e a festividade pesquisada. Antes de iniciar a história da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa, grupo de resistência da cultura caipira em meio a urbanização sorocabana, acho interessante que me apresente à banca examinadora e à quem me lê, a fim de que por meio disso possam compreender quem sou, como as folias e o catolicismo popular me moldaram quanto pesquisadora e, por fim, minha escolha pela valorização da vida, não aquela pautada no falso moralismo religioso, mas nas cores das vivências e das ruas, que fazem a história da cidade se entrelaçar nas nossas próprias.

Eu sou Isabela Martins de Souza Rocha, sorocabana, mas apesar de filha desta terra, me sinto migrante. Isto se dá pela minha linhagem familiar, filha de duas pessoas que viveram os mesmos processos migratórios que estes que contarei a história, mais adiante.

Meus pais nasceram em territórios rurais dos estados de Minas Gerais e do Paraná e aprender sobre suas culturas tão iguais, mas de vivências tão diferentes, era o meu cotidiano. Cresci em um meio de apreciação e valorização à “cultura caipira tradicional” (explicada mais à frente) e a preservação da cultura católica voltada à fé popular enraizada nos sertões por meio dos saberes populares, das oralidades, das comunidades eclesiais de base e, em especial, das festas e cantos do catolicismo popular, como as festas de São João, as bandeiras do Divino e de Santa Luzia e, claro, a Folia de Reis.

Não gosto, e nem quero parecer soberba, mas para entender onde cheguei neste processo, preciso constatar um fato: minha história de vida é transpassada pelas jornadas dos reisados. Quando ainda não sabia o que aquilo significava culturalmente, já acompanhava, ainda menina, a passagem dos foliões em Ribeirão do Pinhal, no norte do estado do Paraná, terra de toda minha família paterna.

As memórias não são tão vívidas por conta da minha pouca idade, mas meu primeiro contato aconteceu, como disse, na primeira infância onde vi um grupo, uma companhia

passava com sua alegria pelas pequenas ruas da Vila Almeida em Ribeirão do Pinhal (PR), bairro tradicional mas periférico de uma cidade no início de um processo de urbanização, com ruas de terra e asfalto em trechos alternados.

Naquela que seria uma das minhas últimas idas até Ribeirão, vi pela primeira vez aquele grupo, visitando pessoas com cantos próprios de exaltação ao menino Jesus recém nascido com instrumentos, vozes e palhaços em pernas de pau, que para uma criança de cinco anos, me deixou por muito tempo traumatizada.

Fotografia 1 - Folia de Reis em Ribeirão do Pinhal/PR



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2002)

Não tinha ainda o pensamento crítico o suficiente para ligar os fatos - se é que hoje tenho -, mas assim como hoje, os visitados em 2002, em sua maioria eram idosos, que buscavam manter como podiam, esse aspecto da cultura e fé vivo. Sim, isso era de extrema importância, mas gostaria de me apegar por um instante na memória daqueles que migraram, mas que estavam lá naquele momento: o rememorar dos cantos e festas que vem junto com os foliões é o de suas histórias de infância e juventude para aqueles que migraram, como minha própria ascendência, assim mesmo sem saber, naquele 06 de janeiro de 2002, eu vi com meus olhos o processo de sobrevivência das memórias acontecerem e se perpetuar, como um conhecimento oralizado para mim, principalmente.

Voltando aos visitados, eram aqueles que ainda permaneceram em sua terra natal, enquanto a maioria dos filhos - assim como meu pai - migraram para os centros urbanos de outras cidades do Brasil, em busca de melhores condições financeiras.

Voltando à visita dos foliões, no Paraná, as companhias organizadas - e fardadas¹ - levavam a alegria da festa de natal às casas com seus violões, violas caipiras, tambores, pandeiros e rabecas; levavam a bandeira tal qual um estandarte imponente, enquanto os palhaços (chamado de bastiões) mascarados e com roupas coloridas, dançavam e pulavam nas ruas “semi urbanizadas”. Assim como fui aprendendo, manda a tradição da festa que onde havia pouso - seja para uma refeição completa ou apenas um café - a companhia ficava, e aí, mesmo ainda criança, tive meu primeiro contato pessoal, na casa do meu tio-avô que mantinha a tradição do meu bisavô de recebê-los.

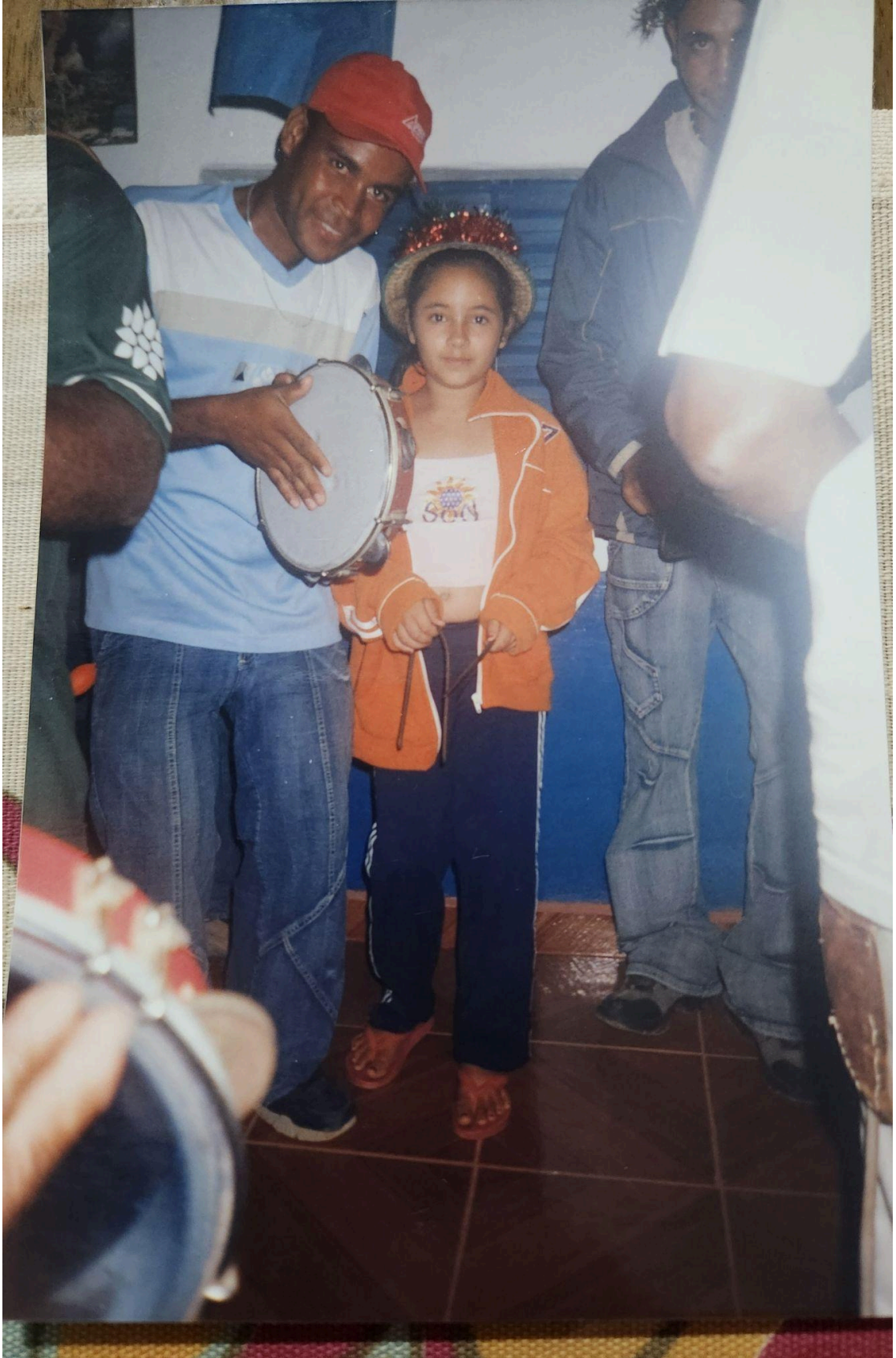
Em Minas Gerais, na cidade de São João do Paraíso, no extremo norte do estado, novamente a Folia de Reis transpassou minha vivência. Diferentemente da experiência paranaense, os foliões mineiros traziam um traço interessante que remetia aos primórdios das jornadas de Reis: a passagem noturna. Em uma noite, dentro do tempo litúrgico católico do natal, uma matraca - instrumento sonoro feito de madeira e aço utilizado para sinalizar a passagem de uma procissão - me acorda, levanto e mesmo sendo tarde da noite, vejo a casa toda iluminada e música tocando; sem entender, por conta da pouca idade, procuro minha mãe que está cantando junto com os brincantes e ela me diz, “é a folia de reis”. Isso me deixou ainda mais confusa, por conta da primeira experiência no Paraná, mas ao invés de me esconder, entrei no meio para ver melhor (o que talvez já fosse um presságio tanto para a curiosidade jornalística, quanto para a atual pesquisa).

¹ Nome dado às vestes utilizadas pelos reiseiros durante as visitas/jornadas

Além da curiosidade por conta do horário totalmente diferente ao que esperava, a folia em si era diferente, no lugar de rabeças e ritmos semelhantes a das rodas de viola - alegres, mas ainda com tom de seriedade -, estava o trio original do forró - sanfona, zabumba e triângulo - que animavam a casa de meus avós com cantos de natal mais festivos, sendo assim a jornada se tornava uma festa, pois ao ouvir o toque da sanfona, os demais familiares que moravam no entorno também vinham prestigiar os foliões, onde tenho uma das minhas melhores lembranças de infância: participar da folia ativamente, aprendendo e tocando um triângulo emprestado por um dos foliões.

Fotografia 2 - Folia de Reis em São João do Paraíso (MG)

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2006)



Neste exercício de recordação, hoje entendo melhor, ao mesmo tempo que as músicas eram mais animadas, os bastiões, porém, eram mais “sóbrios”, assumindo mais o papel de guardiões da bandeira e menos de brincantes, assim como no estado sulista; um choque cultural logo substituído pelo que penso ser a maior semelhança entre as festas, a recepção. Assim como no Paraná, pude me aproximar mais dos brincantes durante o café e comidas preparados aos foliões como sinal de respeito e pedido de boa sorte.

Da primeira infância até o início da juventude em Sorocaba, durante meu crescimento e formação cultural, não conhecia a existência da Folia de Reis sorocabana, sendo até um motivo de angústia, isso até 2018, onde antes de uma missa, algo me causou curiosidade: vi um grupo uniformizado com camisa de cetim azul esverdeado e chapéu panamá, formado em sua maioria por idosos portando instrumentos. O padre (o mesmo que faz parte, aqui, dos entrevistados), chega à equipe de música que participo e diz “não cantem o canto de entrada e final, deixem a cargo da **folia de reis**”, com isso tive um sentimento de alívio, e no meu íntimo pude dizer, “eles ainda existem”!, e assim renasceu aquela alegria. Naquele mesmo dia revisei a minha infância, participei da festa litúrgica e da procissão para a festa popular e “re-conheci” o que mais para frente no tempo culminaria neste trabalho.

Fotografia 3 - Folia de Reis em Sorocaba/SP



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

O MOMENTO PRIVILEGIADO

Comuniquei à minha orientadora, profa. Teresa Melo, sobre minha motivação em estudar a Folia de Reis de Sorocaba e após o seu aceite em continuar a minha orientação, em uma das nossas conversas, ainda durante as pausas no tratamento dela, busquei novamente a orientação de Vanda Aparecida da Silva para esse processo, naquele momento, na condição de minha co-orientadora. Numa de nossas conversas, e após eu lhe contar sobre minha rápida

aproximação junto ao grupo de foliões de Reis, em Sorocaba, ela me apresentou a expressão “momento privilegiado” na pesquisa. Na sua interpretação, o que estava se passando demonstrava que o grupo social estava em seu melhor momento para compartilhar informações. Por isso pude desta forma, fazer uma aproximação de modo mais facilitado, pois as pessoas estavam dispostas a falar sobre aquilo que estavam vivendo e celebrando, e talvez se sentindo alegres em partilhar. Portanto, ao me decidir em me dedicar ao estudo da folia de Reis de Sorocaba, tive a sorte de encontrar meus interlocutores nesse momento de privilégio, especialmente para mim.

O processo para reconhecer a folia de Reis de Sorocaba como uma manifestação importante da memória e da tradição local, e que estudá-la é uma forma da academia adentrar o universo material e simbólico deste festejo, chegou no mês certo, início de dezembro de 2024, mês em que as visitas já tinham se iniciado. Ou seja, não era somente o momento apropriado para que eu pudesse não só entrar em contato, mas também a única oportunidade que tinha de participar, antes do meu exame de qualificação (cujo prazo limite é o mês de março de 2025) e a defesa do Mestrado (no prazo limite, no mês de outubro de 2025). Por isso, as entrevistas e a observação de campo precisavam acontecer ao mesmo tempo em que preparava os papéis de aprovação do comitê de ética em pesquisa, e tivesse material para esta escrita.

Outro ponto relevante que me fez iniciar esse trabalho atual é fruto de pesquisas realizadas em periódicos de pesquisas nacionais, onde é possível ter acesso a trabalhos geograficamente localizados sobre as Folias de Reis, mas nenhum em Sorocaba. “Mas há o livro do Carlos Cavalheiro”, sim, há, mas ele se enquadra como uma narrativa histórica e descritiva sobre a Companhia de Reis da Vila Formosa, mas não é uma dissertação ou tese na qual os integrantes são os protagonistas.

O terceiro ponto que me fez acreditar que este seria meu caminho de pesquisa está em fatores numéricos: somando as idades dos foliões (a maioria já acima dos 60 anos de idade) e o fato de que a companhia é a única que se tem registro na cidade, caso ninguém da universidade se interesse em fazer um registro - mesmo que este se soma a tantos outros estudos sobre a Folia de Reis - talvez não haverão, num futuro próximo, muitos mais para relatar com detalhes essa história de resistência cultural e vivências rurais numa Sorocaba, cada vez mais urbanizada.

Portanto, some o momento privilegiado de pesquisa às vivências pessoais, fazendo um ode à cultura popular e até um retorno às minhas próprias memórias, “aos 45 do segundo tempo”, chego a essa temática. E por que trouxe toda essa narrativa aqui exposta? Pois, com

toda essa vivência e todos os percalços, espero que este trabalho que lhes apresento seja mais um cortejo guiado pelas mãos dos sujeitos da Folia de Reis de Sorocaba. Uma folia levada por mais de 30 anos pela Companhia de Reis da Vila Formosa.

DÊ LICENÇA, DONO DA CASA, AO CORTEJO QUE SE ACHEGA

Antes de iniciar o cortejo que busca valorizar e conhecer a história da Companhia de Reis da Vila Formosa, manifestação cultural sobrevivente em meio urbano, é preciso, já nas primeiras linhas, anunciar o que vejo como principal motor deste trabalho: a sabedoria e o que a diferencia do conhecimento. É essencial neste estudo compreender qual o lugar que cada um ocupa, como se entrelaçam nas fitas dos violeiros, para que assim possamos mergulhar na sua história, de forma profunda. Encontro nas palavras de Tim Ingold (2019), uma explicação para essa diferença que aqui chamo atenção:

O conhecimento busca fixar as coisas nos conceitos e nas categorias de pensamento, explicá-las e torná-las, até certo ponto, previsíveis. Frequentemente, falamos de nos armar de conhecimento, ou de usá-lo para fortalecer nossas defesas, para que possamos enfrentar melhor as adversidades. Ele nos dá poder, controle e imunidade para atacar. Mas, quanto mais nos refugiamos nas fortalezas do conhecimento, menos atentos estamos ao que acontece à nossa volta. Para que se preocupar em observar, diz-se, quando já conhecemos? Ser sábio, ao contrário, é aventurar-se pelo mundo e assumir o risco de se expor ao que acontece lá. É compartilhar da presença de outros, prestar atenção, importar-se (Ingold, 2019, p. 11).

Internalizando esse fundamento, e antes de começarmos a construir o conhecimento em torno da cultura dos Reiseiros - em maiúsculo, já que são os protagonistas -, quero destacar que, além dos objetivos específicos deste trabalho, vejo que ele tem como principal empreitada construir um caminho em que a sabedoria dos foliões se sobressaia, imprimindo as bases desta aprendizagem (Ingold, 2019). Bem, a partir daqui, peço licença para que sigamos juntos/as nos entremeios do conhecimento e da sabedoria.

1. INTRODUÇÃO

Dentro da construção da identidade cultural brasileira, compreende-se o papel das festividades ligadas ao catolicismo, em especial aqueles advindos das crenças populares, como essenciais para o sentido de entendimento acadêmico da construção da sociedade (Goulart, 2023). Sendo assim, é necessário atentar para a complexidade dos processos de construção de práticas culturais e significados tendo em vista a sua característica de não linearidade. Desta maneira, os sujeitos pós modernos, em sua característica de “fragmentação” (Hall, 2006) se moldam ao mesmo tempo que se reinventam na construção de

novas identidades culturais fluidas, em paradoxo entre a rejeição das tradições para criação de inovações, mas a necessidade de um panorama histórico para a criação do novo, como explica Debord (1992):

A luta entre a tradição e a inovação, que é o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, só pode prosseguir através da vitória permanente da inovação. Mas a inovação na cultura só é sustentada pelo movimento histórico total que, ao tomar consciência de sua totalidade, tende à superação de seus próprios pressupostos naturais e vai no sentido da supressão de toda separação (Debord, 1992, p. 120).

Tendo essa perspectiva da construção de novas práticas culturais, coloco em discussão a sobrevivência das culturas tradicionais em meio à sociedade da velocidade, da tecnologia e da informação, observando o conceito de “costume”, compreendido nos termos de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, em *A invenção das tradições* (1997):

O "costume", nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. **Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto**, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. **Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o exposto na história** (Hobsbawm; Ranger, 1997, p.10 - Grifos da autora).

Neste sentido, para refletir acerca do costume é imprescindível um olhar sobre a noção de cultura, um terreno desafiador para qualquer estudioso das ciências humanas. Desta forma é importante lembrar que “cultura” não é um processo tangível, exato e linear, como explica Geertz (1978), para entender a cultura é preciso escolher um caminho à procura do significado por meio de uma ciência interpretativa. Assim, pretendo construir esse caminho, tendo em conta as subjetividades que formam esse todo ainda não alcançado. Pois, onde há ações e materiais que construam estruturas significantes para um grupo de sujeitos e interpretações sobre esse contexto, ali está o conceito de cultura, que, segundo Geertz (1978), é um conceito público.

Thompson (1998) explica que, para uma ideia mais robusta sobre esse processo, é preciso entender que a cultura é uma “arena de elementos conflitivos”, compreendendo que “as generalizações dos universais da ‘cultura popular’ se esvaziam, a não ser que sejam colocadas firmemente dentro de contextos históricos específicos” (Thompson, 1998, p.17). Neste sentido, podemos refletir sobre essa ideia de esvaziamento das manifestações das culturas populares, em ambientes urbanos, tendo por embasamento a visão de Antonio Cândido (2010). Em sua obra, *Os Parceiros do Rio Bonito*, estuda o caipira e a transformação

dos seus meios de vida, considerando a **necessidade** da cultura caipira de se adequar à nova realidade urbana, sinaliza para aqueles que não se **adequam totalmente**, pois tal como nas palavras de Cândido, “a cultura do caipira (...) não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim...” (2010, p. 97). Isto porque esta cultura tem por base “tipos de ajustamento ecológico e social” precários e qualquer tipo de alteração destes, será a derrota das “formas de cultura por eles condicionada” (2010, p. 97). **Neste sentido, é possível considerar que no caso estudado, a Folia de Reis da Vila Formosa, em Sorocaba-SP, representa os que resistem com a sua manifestação cultural.** O que foi vivido em experiência social-acadêmica durante o trabalho de campo, aqui, busco analisar, discutir para fim de compreender o local onde a Folia está inserida no contexto urbano e cultural, incluindo este conhecimento à perspectiva de Tim Ingold (2019, p.13), que propõe uma antropologia comprometida não apenas com a explicação dos dados quantitativos, mas com a vivência e o acompanhamento dos processos de existência e relação entre os sujeitos. Para Ingold, a antropologia serve para caminhar junto com os outros, “ser educado por eles” e, sobretudo, transformar-se no percurso.

Silva (2019, p.10) argumenta que: “(...) quando pensamos em grupos que estão ligados ao patrimônio imaterial¹, acreditamos que essa identidade cultural não se perde, mesmo com toda a fragmentação das identidades pós-modernas”, porém se os saberes das práticas culturais não são transmitidos, por conta da questão geográfica ou das novas identidades culturais e seu distanciamento das tradições, especialmente as de matrizes rurais, como estas sobrevivem em territórios urbanos, para além de sua inclusão e descrição na “letra fria” do Decreto nº 3551/2000² que institui o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (Brasil, 2000) e no artigo 216 da Constituição Federal (Brasil, 1988)³? Essa incógnita pode não ser respondida em completude neste trabalho, mas busco mostrar como isso acontece com os foliões de Sorocaba - SP.

Desta forma, procuro descrever a história da “Companhia de Santos Reis da Vila Formosa”, um grupo de Folia de Reis inserido no contexto urbano de Sorocaba-SP, mantido por 18 (dezoito) pessoas, na maioria idosas. Buscou-se olhar e analisar como o espaço geográfico onde o grupo está inserido pode ou não interferir na preservação de tradições populares, discutir a importância de festividades populares na manutenção da memória coletiva e sua resistência e adaptação à urbanização. Nesta dissertação intitulada “Manifestações do catolicismo popular no contexto urbano: Folia de Reis como resistência

² https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm (acesso em 25 ago 2025)

³ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm (acesso em 25 ago 2025)

cultural em Sorocaba” fala, portanto, de um grupo de 18 moradores residentes na periferia da cidade que mantém uma tradição ativa em meio a uma população estimada de 757.459 pessoas (IBGE, 2024, s/p).

É importante destacar que em uma pesquisa prévia de revisão bibliográfica, realizada em dezembro de 2024, em três repositórios de pesquisas brasileiras - Scielo BR, Periódicos Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD) -, foram levantados trabalhos que abordam diversos aspectos culturais, teológicos e antropológicos da Folia de Reis. Ao todo foi encontrado uma vasta bibliografia com mais de 100 (cem) escritos. Contudo, para a construção deste trabalho fez-se uma busca por regiões urbanizadas do estado de São Paulo que tenham a presença das companhias de Reis. A pesquisa foi realizada nos repositórios de pesquisa considerando as seguintes palavras-chave com marcadores “OR” e “AND”,: “folia de reis” OR “reisados AND “São Paulo” OR “SP”. Desta forma, destacando os trabalhos realizados ou que tenham como um dos locais de pesquisa grandes e médios centros urbanos paulistas - aqueles com mais de 100.000 (cem mil) habitantes -, foram localizados sete trabalhos nas seguintes cidades: Campinas, Itapetininga, Ourinhos, Santa Bárbara D’Oeste e São Caetano do Sul, a partir da leitura dos títulos e resumos. São eles:

Tabela 1 - Resultados obtidos em pesquisa preliminar

Tipo de trabalho	Título	Autor	Cidade	Ano de publicação
Artigo	A experiência performática no giro de Folia de Reis	Daniel Santos Costa	Campinas/SP	2017
Dossiê	Palhaços de folias de reis e a continuidade geracional dos rituais	Ana Paula Horta Bruna Carvalho	Campinas/SP	2018
Artigo	Entre a folia e a bola de luz: reflexões sobre uma visão compartilhada com os sem-terra de Itapetininga-SP	Danilo Paiva Ramos	Itapetininga/SP	2013
Doutorado	TRADIÇÃO COMO MISSÃO: história da preservação da	Rafaela Sales Goulart	Ourinhos e Palmital/SP	2023

	memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital (SP)			
Doutorado	Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas	Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama	Ourinhos/SP	2009
Dissertação	O TERRITÓRIO DE SANTOS REIS: um estudo de caso na cidade de Santa Bárbara d'Oeste-SP	Ivan Manoel Ribeiro Teixeira	Santa Bárbara D'Oeste/SP	2008
Dissertação	Os mascarados das Folias de Reis: uma análise das máscaras da Companhia Santa Cecília, de São Caetano do Sul, no ABCD paulista, e da Companhia da Serraria, de São Thomé das Letras, no Sul de Minas Gerais (2009-2012)	Priscila de Paula Gorzoni	São Caetano do Sul/SP	2013

Fonte: Da autora (2025)

Por consequência, após a leitura dos trabalhos localizados nas cidades citadas, esses resultados levaram-me a uma indagação que pretendo suprir com este trabalho: nos estudos acadêmicos sobre as Folias de Reis, no estado de São Paulo, onde está a Folia de Reis da cidade de Sorocaba? Pretendo discutir que sua ausência tem diversos fatores, um deles - e talvez o principal - se dá pela falha nos equipamentos públicos e políticas de proteção à cultura e patrimônio da municipalidade sorocabana, na contramão do que foi analisado por Goulart e Cunha (2024, p. 685).

A considerar a falha do poder público de Sorocaba, a Folia de Reis tem como principais aliados o Sindicato dos Metalúrgicos - como representante do terceiro setor - e a imprensa, inserindo-os nas divulgações locais e regionais, com reportagens em seus diversos meios - impresso, online e/ou audiovisual; produções independentes - tendo um documentário

e um CD e dois livros: “Folclore em Sorocaba” e “Folia de Reis em Sorocaba” lançados em 1999 e 2007, respectivamente, escritos pelo historiador Carlos Cavalheiro. Os livros trazem relatos históricos da mesma companhia que ainda permanece ativa em diferentes décadas.

Para que o trabalho percorresse o caminho da sabedoria, na perspectiva de Tim Ingold (2019), buscou-se uma metodologia que contemplasse a ideia de “aventurar-se pelo mundo e assumir o risco de se expor ao que acontece lá”; de “... compartilhar da presença de outros, prestar atenção, importar-se” (p.11). Ou seja, uma formação interdisciplinar, flexível e de caráter qualitativo, visando compreender com maior riqueza de detalhes a construção do simbolismo narrativo desta manifestação cultural. Uma manifestação que leva em consideração os traços das origens de seus fundadores - migrantes dos estados do Paraná (PR) e Minas Gerais (MG), especialmente - e por isso, bebe da fonte das folias das respectivas regiões. Assim, este trabalho também tem a pretensão de ser imersivo, de fácil entendimento e de acesso a um público mais amplo, fora dos muros do conhecimento fechado na universidade, contribuindo para a democratização dessa construção acadêmica.

Em síntese, este é um trabalho de caráter social e cultural elaborado com a utilização de métodos e técnicas qualitativas, no âmbito de uma pesquisa interdisciplinar, a fim de comportar neste processo a compreensão deste caminho de indagações, compromisso ético e de interações sociais com as pessoas que compõem a Folia de Reis da Vila Formosa de Sorocaba. Para tal, um conjunto de ações foram sendo construídas, contudo, a experiência de campo, é o que traz a compreensão desta cultura. O que foi realizado: as entrevistas livres e semi-estruturadas, buscando aprender o que é a Folia de Reis, a partir dos relatos orais de seus viventes, a observação participante e a escrita do caderno de campo. Essa composição nos trouxe à análise de um universo de gestos, valores, sentimentos, enfim, das subjetividades advindas também da aproximação com os interlocutores nesta pesquisa. Portanto, o saber prático da comunicação social, reflexo de minha formação inicial, vai aos poucos se somando às práticas da pesquisa antropológica para uma concreta e aprofundada compreensão das informações obtidas e anotadas.

Considerando a menção à minha área de formação, é importante também ressaltar que as bases éticas deste trabalho estão pautadas nos manuais de jornalismo, nas pesquisas de caráter qualitativo, na legislação e no código de ética que rege a profissão de jornalistas, por meio da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), como consta no documento oficial: “Art. 3º O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social, estando sempre subordinado ao presente Código de Ética” (Federação Nacional de Jornalistas, 2007,

p. 01). Toda a construção sobre a escolha desta ferramenta metodológica estará destrinchada à frente, em capítulo próprio.

No corpo deste trabalho apresentado para a obtenção do título de mestre, trouxe: Minhas vivências pessoais que me trouxeram à academia e, em especial, aos reisados; um pequeno texto de “abre-alas”; a introdução esta que estão lendo que compreende minhas angústias que me trouxeram ao tema, o que foi estudado, com quais objetivos e de que forma foi realizado; a discussão das ferramentas metodológicas para a construção deste estudo e a submissão ao código de ética de imprensa, por se tratar de um produto intelectual de caráter interdisciplinar e entrelaçando tudo isso - tal qual um artesanato intelectual - nas explicações teóricas e os relatos orais deste grupo. Considerando isso, elaboramos a seguinte ordem de capítulos que darei a conhecer:

- DO CONTO À TRADIÇÃO: Compreende-se neste capítulo o conto bíblico dos Três Reis Magos, sua inserção na liturgia católica apostólica romana, o início da festa no Brasil e suas divisões artísticas;
- UMA FOLIA EM SOROCABA: Neste capítulo extenso, trabalho com a geolocalização e a territorialidade, sendo assim, localizo o/a leitor/a no aspecto histórico e cultural da formação da cidade de Sorocaba, sua cultura heterogênea por consequência das migrações, o início da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa e a perspectiva política onde apresento as falhas do poder público e o apoio do terceiro setor na preservação da cultura pautada na religiosidade popular;
- A JORNADA VIVENCIADA: O coração deste trabalho. Este capítulo compreende meu relato e observações sobre como é estar em meio aos foliões de Sorocaba durante as jornadas de 2024 e 2025. Uma história de chegadas e partidas, da construção da confiança, da sobrevivência de uma cultura, das alegrias e do luto. A condição humana em saída;
- ABERTURA PARA NOVAS JORNADAS: Saber finalizar um trabalho é compreender que nem tudo cabe em somente um estudo. Ficam lacunas, desejos e experiências que não puderam ser experienciadas, essas conclusões são mais possibilidades;

- APÊNDICES: Modelo de entrevista utilizado para pesquisa com os protagonistas e versos da louvação presépio cantada pelo Bastião Miguel.

À vista desta explicação, este trabalho busca, por fim, compreender a importância de preservar a memória das Folias de Reis, a partir das vivências desta pesquisadora que vos fala e dos relatos orais daqueles que respiram a Folia de Reis, em Sorocaba. E a partir das vivências desta pesquisadora que vos fala e dos relatos orais daqueles que respiram a Folia de Reis, em Sorocaba. Especialmente em um contexto urbano onde as práticas culturais tradicionais tendem a ser descaracterizadas e marginalizadas (Goulart, 2023, p. 26). .

2. PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NO ARTESANATO INTELECTUAL

Considera-se na produção de ciência tradicional, a metodologia tal qual a “coluna” ou a “bússola” dos estudos e obtenção de resultados para análise. É inegável sua importância, mas sua utilização, aqui, porém, será feita como uma engenharia reversa. Mais do que a teoria do “como fazer”, a metodologia se abrilhanta na experiência do campo antropológico, na compreensão da necessidade de sair em busca da informação, coletar, registrar, ouvir e categorizar, para que assim a teoria das metodologias em pesquisas interdisciplinares, emergisse como uma linha de costura que uniu as informações do campo e dos livros (Mills, 2009).

Maduro (1994, p. 26), já no primeiro capítulo do seu livro disserta como nossas experiências de vida influem naquilo que conhecemos, assim como Mills que descreve que experiências pessoais e profissionais se entrelaçam na vida do pesquisador social (2009, p. 21). Porém, para mim tal colocação também pode se revelar num problema, especialmente quando aquilo que julgamos conhecer é tão natural aos nossos olhos, posto que já se vive (ou se viveu) aquilo. Neste caso, me refiro às recordações de minhas participações nas Folias de Reis, da minha infância. Por vezes, este universo do estudo de algo que nos é tão familiar pode nos levar a subestimar as descobertas. Assim, foi preciso retirar a venda e compreender que não sei (ou sabia) uma fagulha do que é a Folia de Reis, menos ainda a Folia deste estudo. Portanto, se a memória da infância me trouxe à Folia de Reis, foi preciso fazer uma autorreflexão para criar o tão mencionado estranhamento do familiar (Velho, 1978), ou estabelecer o mínimo de distância, de tal modo que além da empatia, garantisse alguma objetividade para estudar um universo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante.

Neste caminho, busquei os focos de sobrevivência da cultura popular em Sorocaba diante de processos acelerados de urbanização, visando traduzir suas vivências na atualidade, além de sua importância social, através da pesquisa de campo, para analisar também os elementos que emergiram de meu encontro com os protagonistas deste estudo. Para tal, e uma vez que além do período do ano onde as visitas de reis já aconteciam, tive a disposição de ouvir o grupo ao mesmo tempo em que o grupo também esteve aberto a narrar suas histórias, algumas já inseridas em livros e reportagens.

Outro ponto que é importante ressaltar nesse aspecto do “momento privilegiado de pesquisa” é caracterizado pela faixa etária dos participantes da Folia, cuja maioria já é considerada idosa: há os anciãos que ocupam os cargos de liderança na companhia, assim como o Embaixador, Contramestre, Bandeireira, entre outros, na faixa dos 70 anos ou mais; há também aqueles que gozam de mais saúde e estão entre os seus 50 anos, e os/as mais novos/as, ainda pouco representados/as na companhia, com apenas três meninos na faixa etária dos 13 anos de idade, que trazem ares de esperança de sobrevivência da tradição popular da Folia de Reis. Como escreve o escritor Alessandro Portelli (2004), há momentos e formas de comunicar uma história. Observar os distintos momentos em que a companhia pode me contar sua história, pode me contar sua história, foram primordiais para este estudo, pois:

Existem momentos para se contar histórias. Por exemplo, existem relatos - tal como leitura do Evangelho na missa - que assumem uma característica específica dentro do contexto da narração. Também há momentos favoráveis e disponíveis para as histórias pessoais: reuniões familiares; festas típicas, festas em geral; reuniões sindicais ou políticas; ou as longas tardes dos velhos sentados no banco da praça, ou no bar bebendo vinho (Portelli, 2004, p. 297).

Desta forma, ouvindo os anciãos do grupo que foram me trazendo as camadas sociais de suas vidas e do seu processo de envelhecimento, no âmbito deste momento favorável de folia da Companhia, tratou-se de uma oportunidade de transmissão de experiências dignas de serem conservadas (Queiroz, 1991); além de, talvez, ser uma forma de mobilizar novos participantes que façam com que a companhia tenha perspectiva de continuidade e sobrevivência em ambiente urbano.

Assim sendo, a composição das práticas metodológicas aplicadas à pesquisa foi considerando as nuances apresentadas acima. Para tal, realizei oito entrevistas para o registro e escuta dos relatos orais de forma a compreender, por meio da análise historiográfica e antropológica, a Companhia de Santo Reis da Vila Formosa de Sorocaba-SP, sua atuação e

preservação da cultura do catolicismo popular brasileiro, em território urbano. A reflexão sobre o uso dos relatos orais é inspirada pela socióloga, Maria Isaura Pereira Queiroz, no livro “Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva”, de 1991:

(...) o relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não-conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois, para captar o não-explicito, quem sabe mesmo o indizível (Queiroz, 1991, p.1-2).

Apesar de haver trabalhos sobre a Companhia, em mídias tradicionais e livros, é importante ressaltar que os estudos de Cavalheiro (1999 e 2007), por exemplo, não são registrados como pesquisas de cunho acadêmico, mas sim como um relato histórico. Desta forma, para a academia tradicional, ainda não se tinha escrito sobre a Companhia de Santo Reis da Vila Formosa, tampouco levando em conta as bases antropológicas para a obtenção de informações.

Os relatos orais foram captados através de entrevistas com os participantes da Companhia, não somente para conhecer suas histórias, mas para que a partir dos relatos traçasse um paralelo histórico da Folia de Reis em Sorocaba, a partir dos olhos de quem já atua ou atuou no movimento cultural-religioso. Como jornalista de formação, compreendo que há diversos “modos de fazer” quando se trata desta obtenção de informações, por meio de entrevistas. A orientação para a realização destas entrevistas se encaixa no estudo de Minayo e Costa (2018). Levando em consideração que o primeiro contato da pesquisadora com seus interlocutores ocorreu numa festa, uma entrevista fechada, com perguntas pré-estabelecidas - uma entrevista semi-estruturada - muitas vezes, não seria possível para se chegar ao melhor resultado, e em profundidade. Como orienta Minayo e Costa (2018):

Nesse tipo de interlocução, o investigador explica o propósito da conversa e, no decorrer da narrativa, vai entremeando perguntas a partir do que é dito pelo entrevistado, com o único objetivo de dar mais profundidade à reflexão. A ordem dos temas não obedece a uma sequência rígida, pois o intuito do pesquisador é acolher as relevâncias e ênfases que o entrevistado dá ao tema (Minayo; Costa. 2018, p. 13).

As entrevistas que se utilizaram desta estratégia foram aquelas relacionadas aos líderes e membros mais antigos da Companhia, ouvidos para essa pesquisa, neste caso: 1º Embaixador (José Coppi), Bandeireira (Eva Borges), Contramestre (José Pedro Fonseca “Zé Mineiro”), Violeiro (Joaquim Dias) e o Co-fundador (Tarcísio Amaro); a escolha deste tipo de entrevista, além do descrito anteriormente sobre a profundidade das informações (Minayo e Costa, 2018), se deu também pela intenção de aproximação e construção de vínculos com os

foliões. Para os demais foliões ouvidos durante a Festa da Chegada, que são: Ex-bastião e 2º Embaixador (José Esmerindo) que participa da folia desde seus primeiros anos de atuação, na década de 1990; 3ª Embaixadora e violeira (Benedita dos Santos), a mais nova companhia, acompanhando as jornadas desde 2022 e Bastião (Evanilda Almeida) há sete anos na companhia, utilizei a entrevista semi-estruturada, para que as perguntas não fossem perdidas em meio às músicas e atividades de recreação; assim como, os detalhes que pudessem me escapar devido à “rigidez” de um roteiro, deixei um caminho aberto para novos diálogos futuros. Conforme os alertas de Minayo e Costa:

Por ter um apoio claro na sequência ordenada de um roteiro, a abordagem dos entrevistados é assegurada, sobretudo, aos investigadores menos experientes, para que tenham suas hipóteses ou pressupostos contemplados numa espécie de conversa com finalidade. No entanto, os que assim trabalham **correm o sério risco de não inovarem e de apenas obterem respostas a seus questionamentos, quando não dão margem para ouvir, de forma livre, as relevâncias dos interlocutores em campo.** (Minayo; Costa. 2018, p. 13 - grifo nosso)

Apesar das entrevistas serem uma forma eficaz de obter informações relevantes para a pesquisa, porque a partir delas pude conhecer a Folia pelo olhar daqueles que a vivem, há trejeitos, atos, olhares e outras percepções pequenas, mas significativas que não são captadas pelo gravador de voz, assim para que o trabalho trouxesse a profundidade necessária para entendimento do processo de preservação da memória coletiva de uma tradição popular, outros dois métodos de práticas de pesquisa antropológicas foram utilizadas: a observação participante e o caderno de campo.

Utilizei do **método de observação e gravação audiovisual (vídeo/foto)** durante as visitas e eventos onde a Folia esteve presente, na Vila Angélica, Vila Formosa, Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística e Centro. Ali, as anotações - escritas e fotografadas - foram realizadas a fim do entendimento e registro, portanto, dos modos de agir, a hierarquia, a quantidade de pessoas, as músicas, danças, vestimentas, entre outras coisas. Para que a observação fosse utilizada da melhor forma, um caderno de campo se fez necessário, como explica Magnani (1997):

O caderno de campo, entretanto — para além de uma função catártica — pode ser pensado também como um dos instrumentos de pesquisa. Ao registrar, na linha dos relatos de viagem, o particular contexto em que os dados foram colhidos, permite captar uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais, — obtidos por meio do gravador, da máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições — não transmitem (Magnani, 1997, p. 10-11).

A utilização destes métodos de pesquisa foram essenciais para a análise subsequente da história e das vivências da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa, em Sorocaba, e os processos advindos da urbanização das cidades e a relação com as culturais populares advindas de ambientes rurais, trazidos pelos participantes durante as migrações. Adentrando os aspectos éticos da pesquisa, foi essencial refletir também a partir do pressuposto da objetividade nas pesquisas de caráter qualitativo sem perder a empatia e a dimensão de confrontar intelectual e emocionalmente, a nós mesmos, os sujeitos a respeito de suas interpretações acerca de fatos, situações, tensões e conflitos, visando a importância do humano e do coletivo. **Consequência deste ponto de partida da pesquisa participante é o de que a confiabilidade de uma ciência não está tanto no rigor positivo de seu pensamento, mas na contribuição de sua prática na procura coletiva de conhecimentos que tornem o ser humano não apenas mais instruído e mais sábio, mas igualmente mais justo, livre, crítico, criativo, participativo, co-responsável e solidário** (Brandão, 2017, p. 04).

Assim como contei acima, os emaranhados da vida sempre me aproximaram da cultura popular. Portanto, para chegar até aqui, li os conselhos de Mills, na inquietude de querer fazer parte do campo, de Maduro, Brandão, Bosi e Laraia, na compreensão das festas populares e das memórias dos velhos como um corpo científico valioso; de Minayo na escuta e de compreender que nem sempre uma entrevista quadrada, ansiosa e metodicamente pensada é o essencial, de Queiroz que compreende como a escuta está em interpretar o que está sendo falado, contudo enxergar a partir das palavras o que não está explícito; de Portelli de entender que às vezes as coisas acontecem porque elas precisam acontecer, o encontro é inevitável e necessário e, compreender isso, o privilégio de poder relatar, é o que faz o pesquisador e os conselhos de Magnani - também Mills (2009), novamente - em se ter sempre um confidente ao seu lado, um caderno de campo, onde lá será o seu confessionário, sua ficha catalográfica e parceiro mais fiel de jornada.

Outros autores também foram fundamentais para as análises feitas, tais como os estudos de Carlos Rodrigues Brandão e a cultura popular inserida nas periferias urbanas, também de Antonio Cândido. Antonio Arantes, Roque Laraia, em especial sobre seu pensamento relacionado à cultura e cultura popular; Eclea Bosi, principalmente a partir de suas análises no livro “Memórias de Velhos”, trazendo mais corpo ao estudo cultural e à memória, somado aos estudos de Antonio Cândido, sobre a sobrevivência das ruralidades em contexto urbano.

2.1 ÉTICA JORNALÍSTICA

A ética na produção desta dissertação passou por decisões complexas para a sua realização; por conta de problemas extra-campo que levaram este trabalho ser realizado em tempo diminuto e por conta do momento favorável de pesquisa, onde se aguardada a autorização, este trabalho não aconteceria, foi escolhido então, pela banca avaliadora em consenso - apesar de se ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por todos os entrevistados -, considerando a formação da pesquisadora na área de Comunicação Social – Jornalismo, incorporar os princípios éticos da prática jornalística, conforme estabelecido pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007).

O jornalismo, enquanto atividade de natureza social, fundamenta-se na defesa da dignidade humana, na busca pela verdade, na responsabilidade social e na preservação da integridade, privacidade e imagem dos sujeitos (FENAJ, 2007). Tais princípios orientaram todas as etapas desta pesquisa, especialmente nas entrevistas e na observação participante, que envolveram relatos de vida, práticas religiosas, memórias afetivas e construções identitárias, porque ao trabalhar com comunicação, pode até haver o “magnânimo poder da informação, porém, o peso da responsabilidade é ainda maior” (Christofoletti, 2008, p.10).

Ao conhecer o código de ética jornalística e se aprofundar no processo de produção de conhecimento de informação, o fazer jornalismo tem uma carga ética tão pesada quanto a de um pesquisador em ciências humanas, veja: Um jornalista recebe uma informação, apura, observa, ouve, compreende e relata; desta forma, qual a diferença entre um pesquisador e um jornalista? Ouso dizer que ambos caminham pela mesma estrada e com as mesmas implicações, já que “Para um jornalista, abandonar o compromisso com a verdade não é um deslize, é uma falha ética e grave” (Christofoletti, 2008, p.11).

Conectado ao jornalismo - e por consequência à ética profissional -, o trabalho dialoga em duas vertentes com metodologias e instrumentos da pesquisa antropológica interdisciplinar: primeiro, com os princípios da história oral, tendo como referência as reflexões de Alessandro Portelli (2016, p. 11), que compreende a entrevista como um espaço de escuta ativa, um espaço de respeito e valorização do entrevistado e seu conteúdo. Essa construção de sentidos requer mais do que sensibilidade do pesquisador, mas sim um balizador ético afinado para que os contextos emocionais, simbólicos e performativos estejam presentes, mas de forma ética. O segundo encontro entre o jornalismo e a pesquisa de campo se dá pelas técnicas de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1991), onde se reforça a necessidade

de atenção ao uso das tecnologias de registro, como o gravador, e ao ambiente da entrevista, buscando sempre preservar a espontaneidade e o ritmo de fala dos entrevistados. Para Queiroz, a escuta qualificada exige cuidado com o interlocutor, reconhecendo-o como protagonista de sua própria narrativa (1991, p. 82), o que demonstra a escolha ética do pesquisador, mas também do jornalista - que nesse caso em específico se fundem as funções.

Dessa forma, durante toda a coleta e análise dos dados, buscou-se garantir a fidelidade às falas, evitando distorções ou recortes indevidos. A escuta atenta e o compromisso com a representação respeitosa dos sujeitos foram princípios norteadores deste trabalho, para a construção de um conhecimento social, fora do senso comum, como relata Christofolletti (2008):

O jornalismo é uma atividade social, que revela dados da realidade e interliga fatos desconexos para uma maior compreensão humana. É uma prática que orienta, instrui e denuncia desmandos e desvios. (...) Por isso, a responsabilidade cresce no exercício dessa profissão, já que há muita coisa em jogo (Christofolletti, 2008, p. 18)

3. DO CONTO À TRADIÇÃO

Segundo o documento “Catecismo da Igreja Católica”, um dos pilares de fé para os que professam essa religião se dá como base na “sagrada tradição”, que é o conhecimento sacramental e das escrituras passado de forma oral entre gerações, dos apóstolos de Jesus até os dias de hoje aos seus seguidores ordenados (Vaticano, 2025); este conhecimento pautado na vivência e nas posteriores escrituras do Novo Testamento foram solo para a criação de devoções e festividades, porém o mesmo documento alerta que, mesmo que criada de forma popular, a festividade católica deve ser subordinada à sua matriz [Vaticano], podendo ser até mesmo excluída, se assim entender o Magistério.

É preciso distinguir, desta Tradição, as «tradições» teológicas, disciplinares, litúrgicas ou devocionais, nascidas no decorrer do tempo nas Igrejas locais. Elas constituem formas particulares, sob as quais a grande Tradição recebe expressões adaptadas aos diversos lugares e às diferentes épocas. É à sua luz que estas podem ser mantidas, modificadas e até abandonadas, sob a direcção do Magistério da Igreja (Vaticano, 2025, s/p).

Apesar da orientação eclesial sobre as novas festividades com base nas devoções, ser um apontamento realizado na idade moderna, a devoção aos “Reis Magos” já estava presente no imaginário popular muito antes. De acordo com Barbosa e Filho (2022) a construção em torno da devoção aos reis constitui no “mito” das relíquias de Milão, onde em 1158, após escavações foram encontradas em um mosteiro, três corpos envoltos por um círculo de ouro “Após este evento, Milão atribuiu esses corpos aos Reis Magos. A devoção intensificou-se nesse período e se espalhou não somente na Europa, mas também em outros continentes” (Barbosa e Filho, p. 145, 2022). Outra teoria do início da devoção aos santos reis é explicada por Landau (apud. Goulart, 2023, p. 17), onde a fé na figura santa dos reis teria sido já conhecida antes do século V, por meio dos escritos apócrifos⁴ onde é relatada a profecia da “estrela guia”, as jornadas relatadas pelos episódios de benevolências dos reis magos e sua santificação pelas mãos do apóstolo Tomé. Contudo, apesar destes mitos distintos, o episódio que dá origem a Folia de Reis é semelhante nas duas teorias, ele nasce a partir da escritura do Evangelho de Mateus, capítulo 2 (Paulus, 2025).

⁴ Escrituras desconsideradas na construção da bíblia católica, por não serem consideradas “inspirações divinas” (CANÇÃO NOVA, 2013)

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem.” (...) Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho (Paulus, 2025, s/p).

Além do evangelho citado, Macedo (2020) relembra mais dois trechos bíblicos onde à luz da interpretação de teólogos da “sabedoria popular”, citam de forma antecedente ao “fato” a vinda dos reis magos ao encontro do “escolhido de Deus”, no livro dos Salmos capítulo 72 “Os reis de Tárzis e das ilhas vão trazer-lhe ofertas. Os reis de Sabá e Seba vão pagar-lhe tributo; todos os reis se prostrarão diante dele, as nações todas o servirão” (Paulus, s/p, 2025) e no livro de Isaías, no capítulo 60 “todos virão de Sabá, trazendo ouro e incenso e proclamando os louvores de Iahweh” (Paulus, 2025, s/p).

O que é interessante percebermos, é que em nenhuma destas duas passagens citadas acima, estão de alguma forma ligada com o texto de Mateus, mas ao longo dos séculos, foram incorporadas e permeadas pelas crenças e religiosidade popular que, complementam a passagem do nascimento de Jesus ao evangelho de Mateus (Macedo, 2020, p. 14-15)

Enveredando pela formatação da figura das personagens, estudiosos também debatem a quantidade de reis, suas etnias e idades. Ainda de acordo Macedo (2020), apesar do evangelista não especificar a quantidade de reis, a figura dos “Três Reis Magos” é advinda da “religiosidade popular”; o primeiro motivo seria pela quantidade de presentes entregues “incenso, mirra e ouro”, o segundo motivo é relacionado à ligação do número com as fases da vida (infância/juventude, adulto e velhice), esse argumento também é defendido por Félix (2007) e o terceiro é referente à geografia conhecida à época.

Outra possível explicação surgida pode estar relacionada à representação da universalidade dos povos, na visitação ao menino Jesus. A figura dos três Reis Magos, nesta perspectiva representaria as subdivisões raciais, sendo o branco, o negro e o amarelo (representaria não os povos nativos americanos mais os povos asiáticos), que representaria também os continentes conhecidos até o momento (Macedo, 2020, p. 15-16)

Goulart (2023) por sua vez, pauta-se nos estudos de Landau (2013) onde explana o mito dos Reis Magos presente em documentos apócrifos, mas também em obras de arte; no trecho apontado, até mesmo os nomes, antes no imaginário popular são citados:

No livro “Os manuscritos perdidos dos reis magos” , Brent Landau (2013, p. 14-15) aponta que as lacunas presentes na história dos magos permitiram que os primeiros cristãos já fizessem especulações sobre quem eram estes sujeitos e quantos, de fato, teriam visitado Jesus na ocasião do seu nascimento; ou mesmo sobre “o mistério da estrela” que aparece e desaparece do enredo narrativo oficial (assim como ocorre com o Anjo), sinalizando a chegada da criança ao mundo. Desse modo, os primeiros registros mais detalhados sobre tais assuntos, identificando inclusive os personagens: “**Gaspar, Baltazar e Belchior**” , surgiram em “evangelhos apócrifos, hinos, sermões, mosaicos, entalhes de madeira e esculturas [...]” (Landau apud Goulart, 2023, p. 17 - grifos da autora).

Porém, apesar do contexto bíblico e conhecimentos teológicos acerca dessas figuras misteriosas, os três reis magos são considerados oficialmente santos pela Igreja Católica Apostólica Romana, tendo a sua menção junto à solenidade de Epifania. Contudo, sua canonização conjunta - a memória dos três santos (Baltazar, Gaspar e Belchior) são lembradas de forma unificada e não individual - , não aconteceu aos moldes atuais, mas a partir da tradição - pilar do catecismo católico - pelo que é conhecido como “sensu fidei”, senso dos fiéis e inserida no Catálogo dos Santos da Igreja Católica (CNBB, 2018, s/p).⁵ A festa em honra aos santos populares é comemorada em duas datas, na solenidade litúrgica da Igreja Católica Romana do Domingo da “Epifania do Senhor”, onde nas celebrações são inseridas parte das leituras bíblicas aqui citadas e no calendário civil no dia 06 de janeiro. É importante ressaltar que a data litúrgica e popular se tornam única caso o dia 06 de janeiro caia em um domingo.

Tendo esse panorama sobre o conto e sua relevância litúrgica, passamos agora ao debate sobre sua manifestação popular, a Folia de Reis. Para compreender essa festividade, é preciso ter em mente que “a Folia de Reis brasileira é uma manifestação religiosa popular completamente independente, que tem sobrevivido há anos sem a interferência da Igreja” (Barbosa e Filho, 2022, p. 144), essa autonomia como cita Brandão apud Kodama (2009, p. 127) permitiu a maior liberdade dos grupos em relação aos seus rituais litúrgicos, mas sem afastar a presença de sacerdotes que assim quisessem participar. Hoje, a folia tem seu local de

⁵ <https://www.cnbb.org.br/conheca-a-origem-e-tradicao-do-dia-de-santos-reis/> (acesso em 02 set 2025)

subsistência como festividade católica, ela se dá por meio da cultura popular e religiosa passada por meio da oralidade.

Com o panorama descrito sobre sua independência, voltamos às origens da festividade. Como religião oficial da colonização portuguesa, o catolicismo implantou a Folia, ainda no seu aspecto primitivo, por meio dos sacerdotes jesuítas em uma tentativa contra ao avanço do protestantismo na Europa, colocando aspectos festivos em meio à religiosidade como forma “lúdica” - no pior sentido possível da expressão - de passar os ensinamentos católicos aos povos originários já que a comunicação verbal não era um caminho, uma vez que os idiomas eram totalmente diferentes, como explica Barbosa e Filho (2022):

As mensagens de devoções aos Reis Magos no Brasil providas dos portugueses estavam presentes principalmente através das danças, músicas e encenações. A dança era considerada profana por algumas classes e pela Igreja, mas foi tolerada, e fazia parte das primeiras festas chamadas de Folia. (...) O teatro, danças, músicas e encenações facilitavam o contato com índios que não entendiam a língua dos colonizadores (Barbosa e Filho, 2022, p.145).

Apesar da introdução colonizada e medievalizada da religião - que resultou na introdução dos cultos, em especial a Folia de Reis -, Lopes (2008) compreende como a construção de um “catolicismo tradicional popular brasileiro”, porém contribuiu à ideia do autor pensando que o catolicismo popular brasileiro que sustenta os festejos tradicionais como este estudado, tem também como base as estruturas das culturas dos povos originários e tradicionais trazidos ao Brasil que se contrapondo à medievalidade católica colonizadora, criando um novo corpus de crenças multiculturais que trouxeram camadas de complexidade aos festejos populares.

Por este espectro de pensamento, é possível refletir a importância dos festejos do catolicismo popular brasileiro como marcas da história ainda vivas e presentes, principalmente nas comunidades tradicionais - e em sua maioria rurais - do interior do país e, como a sobrevivência dessa cultura em ambiente urbanizado se cultiva, mesclando a sobrevivência de uma cultura a partir das vivências da prática da tradição por muitas famílias nos grandes deslocamentos rurais vividos entre as décadas de 1960 a 1990, assim:

Esta ativação do sujeito religioso promove a construção de uma identidade que transcende os limites dos espaços individualizantes, coletivizando-os em rituais festivos que celebram entre os participantes o contrato de fé. (Lopes, André Camargo, 2008, p. 348)

3.1 FÉ E ARTE POPULAR

3.1.1 Sistemas, instrumentos e vocais

Ao adentrar as camadas da companhia de Folia de Reis, descobri que não conhecia praticamente nada sobre eles, suas regras e formações que dão a personalidade a cada grupo, isso para mim seria um problema, mas, ao mesmo tempo, uma oportunidade, pois seria introduzida totalmente à cultura, assim como uma criança no primeiro dia na escola; assim um dos primeiros passos que me ensinaram foram sobre os “sistemas” de toadas, o conjunto de regras que definem que tipo de Companhia eles [a Companhia da Vila Formosa] são.

Para os foliões, o termo *sistema* designa um conjunto de regras que caracterizam e legitimam o resultado sonoro produzido e também sua conduta durante a realização do ritual. Observando estas regras de organização foi possível constatar basicamente o que é permitido, o que não é permitido e **também o que pode ser passível de alterações ou adaptações**. (Matos, p. 140, 2016 - grifo da pesquisadora)

Para resumir e exemplificar, os sistemas são segmentos de formações e sistemas de canto, que dão corpo às toadas, diferenciando vozes e, dependendo da localidade, a inclusão de instrumentos. Assim como explica Matos (2016).

A distinção entre esses tipos de organização ocorre basicamente através de características voltadas a: funções, procedimentos ritualísticos, tipos de instrumentos musicais e quantidade de vozes que integram o processo dos cantos de reis. Contudo, os critérios de definição e distinção desses sistemas, por parte dos foliões, são bastante divergentes, principalmente em relação ao sistema mineiro e ao sistema paulista, que compartilham de algumas semelhanças no modo como se manifestam seus rituais; funções, instrumentação e vozes (Matos, p. 140, 2016).

De acordo com Cavalheiro (1999) - e também citado por Matos (2016) -, as formações mais comuns de sistemas de Folias são as paulistas, mineiras e baianas - coincidentemente as referências utilizadas em conjunto pela Companhia da Vila Formosa. As toadas paulistas e baianas são mais simples, seguindo a formação em quatro vozes e duas vozes, respectivamente (Matos, 2016).

No caso da toada paulista, utilizada pela Companhia da Vila Formosa em domingos menos populosos - dias onde nem todos os foliões estão presentes - os cantos são divididos

entre quatro vozes se assemelhando os quatro naipes de vozes de um canto coral, mas com sua nomenclatura diferente, ao invés de soprano, contralto, tenor e baixo, nas folias são: Embaixador, Contramestre e duas vozes de resposta, uma mais aguda e outra mais grave. Já quando há um contingente maior de foliões nas visitas, em especial nos locais de apresentação como na Comunidade São José, o embaixador segue a toada mineira e paranaense, onde a divisão de vozes e instrumentos é maior, tendo de cinco a oito vozes, divididas entre: Embaixador, Contramestre, Ajudante, Quarta, Contrato, Quinta e Requinta. As adaptações e versatilidade entre sistemas utilizados pela companhia, criando o que chamo de “sistema híbrido”, condiz com o que foi dito anteriormente por Matos (2016), sobre os sistemas mutáveis à necessidade ou cultura da Companhia, neste caso encontrei a primeira diferença entre os sistemas paulista e mineiro tradicional, no quesito dos instrumentos utilizados na Vila Formosa.

Observei que para acompanhar os cantos, a folia de Sorocaba utiliza os seguintes instrumentos musicais: **viola caipira**, tocada pelo Embaixador; **violão base** - aquele que dá os acordes -, tocado pelo Contramestre e por Benedita (quando presente); o **violão solo** - aquele que dedilha e dá o tempo da toada - tocado pelo Joaquim; **pandeiro**, tocado pelo José Esmerindo - segundo embaixador, quando o primeiro se sente indisposto; **caixa** - instrumento de percussão que dá ritmo à toada -, tocado por Antônio ou Miguel e, por último, um instrumento musical que nunca vi em nenhuma outra companhia, o **afoxé** (com o perdão da palavra) uma espécie de chocalho, mas com origens em África e utilizado especialmente no Maracatu”⁶

Nesta anotação realizada na minha primeira jornada junto aos reiseiros, já é possível comparar os sistemas tradicionais e as adaptações realizadas na Companhia de Reis da Vila Formosa, com a inclusão de mais instrumentos, ainda de acordo com Matos (2016), nos sistemas tradicionais - incluindo o sistema baiano, não utilizado aqui - são utilizados os seguintes instrumentos musicais:

- **Sistema Paulista:** Viola caipira (duas), violão (um), cavaquinho (um), pandeiro (um) e caixa (um)
- **Sistema Mineiro:** Viola caipira (um), violão (dois); viola (uma); violino (um); sanfona (uma); cavaquinho (um), pandeiro (um) e caixa (um)
- **Sistema Baiano:** Viola caipira (um), violão (um); pandeiro (um), caixa (um) e flauta (duas)

⁶ Caderno de campo, 22 de dezembro de 2024

Assim, chego a conclusão que o “sistema híbrido” adotado pela companhia se trata de um dos processos - e escolhas - que formam ações de sobrevivência, onde o grupo se adapta à necessidade do período, escolhendo o que melhor performa na condição do grupo.

Ao se falar sobre instrumentos e vozes, a letra cantada é essencial também para a compreensão do que é a folia. Mesmo que improvisados, eles seguem marcadores poéticos que dão os temas das músicas de acordo com o local cantado (vide explicação completa no tópico 3.1.3.2). Em seus dois principais trabalhos de levantamento histórico da Companhia de Reis da Vila Formosa, Cavalheiro disponibiliza toadas cantadas na década de 1990, de lá pra cá, os cantares não se modificaram, desta forma, vide um exemplo de canto realizado por José Coppi:

Toada 1

Recebeu nossa bandeira
 Recebeu nossa bandeira
 Com prazer e alegria...
 Prazer e alegria.

Deve ser abençoada
 Deve ser abençoada
 Toda hora e todo dia
 'da hora e todo dia.

Minha nobre senhora
 Minha nobre senhora
 Não precisa chorar não
 Precisa chorar não.

Tenha fé no padroeiro
 Tenha fé no padroeiro
 Ele lhe dê consolação
 Lhe dê consolação.

Também pede tua oferta
 Também pede tua oferta
 Veja lá se pode dar
 ja lá se pode dar.

Agradeço a boa oferta
 Agradeço a boa oferta
 Que vós deu pro padroeiro
 Vós deu pro padroeiro.

Ela agora lhe convida
 Ela agora lhe convida
 O senhor e a família
 Senhor e a família

Pra ajudar rezar o terço
 Pra ajudar rezar o terço
 Dia nove de janeiro
 Dia nove de janeiro (Cavalheiro, 1999, p. 117)

3.1.2 Bandeira e vestimenta

As roupas, ou melhor, as fardas são artigos de luxo para os foliões, só que mais que isso, as roupas e os acessórios são a identidade visual da companhia, Cascudo (2001) fala um pouco sobre as vestimentas tradicionais e farei um paralelo com o que vi na Companhia de Santos Reis da Vila Formosa. Descreve Luís da Câmara Cascudo (2001):

Vestem-se de calça ou saio, com guarda-peito, uma espécie de colete enfeitado com vidrilhos, lantejoulas, espelinhos e fitas coloridas. O Reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequenos atos encadeados ou não. (Cascudo, p. 581, 2001)

A Companhia da Vila Formosa faz uma releitura das vestimentas clássicas descritas acima, mas sem deixar de lado as cores e o brilho. Ao invés de lantejoulas e vidrilhos, o grupo sorocabano utiliza uma camisa azul em cetim que traz não somente o brilho de uma cor viva, mas também a escolha do tecido que faz os foliões refletirem ao sol das visitas. Em meados de 2010, porém, o grupo tinha um código de vestimenta que diferenciava as cores, todos os membros utilizavam este tom de azul, exceto o Embaixador e Contramestre, que usavam a cor verde, mas ao passar dos anos, os dois também se renderam ao turquesa, para que assim houvesse a igualdade em todos os âmbitos, ao ser perguntados o porquê da escolha das cores e depois pela uniformização completa, José e Eva não chegaram a uma conclusão totalmente concreta, só disseram que aquele tom de turquesa, assim como o tecido escolhido, era “de acordo entre os participantes”. Mas em pesquisas principalmente na cobertura jornalística feita no site oficial do Sindicatos dos Metalúrgicos de Sorocaba (SMetal)⁷, o que percebi foi uma mudança drástica em relação aos acessórios que complementam a farda: no início da década de 2010 - data que encontrei as primeiras coberturas de eventos da Companhia, dentro da sede do SMetal - os reiseiros musicistas utilizavam uma boina - apesar de se assemelhar também com um quepe policial - com a ilustração de uma estrela, o que o diferenciava entre os pares de outras funções, como a bandeireira, por exemplo. A tradição foi modernizada ao final da década, quando o grupo migrou para o uso de um ornamentado chapéu panamá branco, agora para todos os participantes, mas ainda assim, detalhes marcaram as diferenças entre os participantes: o chapéu das mulheres era enfeitado com flores artificiais e uma faixa brilhante feita em material EVA (Etileno Acetato de Vinila)⁸, a dos homens semelhantes, mas ao invés de flores, uma estrela. De acordo com a primeira entrevista realizada com os

⁷ <https://smetal.org.br/noticias/> acesso em 25 ago 2025

⁸ Polímero emborrachado utilizado em confecções de artesanato

fundadores da companhia, em dezembro de 2024, assim como boa parte das jornadas e das festas, o patrocínio para a feitura das vestes cerimoniais se deu por meio do apoio do sindicalista e vereador Izídio de Brito, em nome do Sindicato dos Metalúrgicos, porém a ajuda se deu na produção do primeiro uniforme, assim, a manutenção ou recolocação de peças e realizada individualmente, por cada folião ou em casos de presentes, como o relatado acima, na missa de Epifania do Senhor.

Ainda no âmbito dos acessórios, para servir de apoio em dias de sol, a Companhia utiliza uma faixa em volta do pescoço chegando até a altura da cintura, essa faixa branca é pintada à mão, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e os dizeres: Companhia de Santos Reis da Vila Formosa - Sorocaba. Os foliões utilizam este acessório não somente como composição de vestimenta, mas também como lenço para os dias quentes. No dia 05 de janeiro de 2025, na visita da Companhia à Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística, presenciei o Embaixador recebendo uma faixa nova.

Chego na paróquia e olho para o lado de fora da igreja e vejo o grupo rindo alto e tomando toda a calçada junto ao pároco, acho que só estavam me esperando chegar para fazer essa surpresa ao Embaixador, José Coppi. Elza entrega um pano branco com algumas ilustrações, mas não conseguia ver direito o que era. Eva agradece a “prima” e pede ao padre que dê uma bênção sobre o presente, o que é feito imediatamente. Após a oração, Eva desdobra o quadrado branco e consigo ver, uma faixa nova com uma pintura a mão de Nossa Senhora Aparecida e o nome da Companhia, o casal de líderes ficam extremamente alegres, já que além da visita à paróquia, o grupo também iria visitar casas na Fazenda Ipanema... O que para eles é um dia de muita festa⁹.

Perguntando ao Embaixador qual a importância das vestimentas para o grupo, ele me responde: “É a forma da gente se identificar, quando estamos vestidos somos da Companhia da Vila Formosa e assim todos nos reconhecem”¹⁰, que apesar de não haver estudo prévio em *branding*, o Embaixador me dá uma aula sobre a importância da identidade visual do grupo principalmente quando ocorre os Encontros de Folias de Reis.

Outro aspecto visual extremamente importante, na verdade não haveria Folia sem ela, é a bandeira. Na bandeira que representa a materialização da Sagrada Família é pintada um ícone bidimensional com a seguinte descrição: A bandeira tem um fundo azul celeste e dividida em dois quadrantes: no de cima, somente o fundo azul com uma grande estrela cadente que aponta para o quadrante de baixo. Já no quadrante inferior há uma pintura ao

⁹ Caderno de campo, dia 05 de janeiro de 2025

¹⁰ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024)

estilo de uma “hagiografia ortodoxa”¹¹, na imagem: José, Maria com o menino Jesus no colo, ao lado da estrebaria e, vindo em direção a eles, os Três Reis Magos”. A bandeira em si - o tecido - é ornamentado com algumas flores artificiais, no mastro da Bandeira, muitas fitas coloridas, ornamentos brilhantes, flores artificiais, terços e fotos de pessoas em que milagres foram concedidos pela passagem da bandeira¹²

Fotografia 4 - Bandeira da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa

¹¹ Representações imagéticas produzidas pela Igreja Católica Ortodoxa

¹² Caderno de campo, 30 de janeiro de 2025





Fonte: Da autora (2025)

Uma festa advinda de uma tradição colonial portuguesa, a parte central de uma folha não seria diferente, a bandeira vem deste mesmo berço, onde estandartes religiosos eram

levantados em festas religiosas como um marcador simbólico de um grupo ou festividade específica (Cascardo, 1988, p. 100). Ao contrário porém da definição do autor, ao invés do símbolo ser o ponto de encontro das festividades, nas folias de reis, a bandeira - na representação da jornada dos próprios Santos Reis encarnados -, sai ao encontro dos fiéis em visitas, assim como se acredita a tradição cristã sobre a jornadas dos santos até a manjedoura.

Por se tratar da representação sacra, tudo na bandeira tem um significado até mesmo as cores das fitas, que para quem olha de uma realidade de fora, vê apenas adereços, elementos que ganham significado dentro de um contexto específico. De acordo com Cavalheiro (1999), as cores fazem memória à aspectos do catolicismo como, por exemplo: a fita rosa em representação de Maria, a verde de José, a vermelha, o Divino Espírito Santo. Lélia Gonzalez, nos seus estudos pioneiros a respeito das festas populares no Brasil, cuja primeira edição data do ano de 1987, nos apresenta uma definição acerca da folia que, segundo a autora, é “feita em geral para pagar promessa, ela exige de seus componentes o compromisso solene de seguir o grupo durante sete anos. Após esse período, cada folião é considerado mestre ou, então, se vê dispensado da obrigação” (2024, p.128). A explicação de Goulart (2023) que também contempla a definição de Gonzalez (1987;2024), condiz com a atual conjuntura da Folia:

Vale dizer que as flores e fitas de cetim, bem como rosário e demais objetos anexados ao objeto, são comumente simbólicos, pois remetem a votos, pedidos/pagamentos de promessas. Em alguns casos, os foliões chegam a anexar no objeto a imagem de outros Santos de devoção (Goulart, 2023, p. 119)

Apesar da explicação poética dada por Cavalheiro (1999), na prática, ou seja, nas jornadas, a definição de Gonzalez (1987; 2024), Goulart (2023) e de Bitter (2009, p. 104), quando se explica que a bandeira e seus demais adereços tem por definição resumida “a crença de que sejam capazes de fornecer bênçãos, graças e outras dádivas” se mostram mais condizentes. Não que a simbologia da colorimetria esteja equivocada, longe de fazer essa leitura, contudo, a passagem da bandeira, a doação e recebimento de fitas, tem o caráter da troca, que é uma leitura em comum dos trabalhos das folias de reis: dá-se a bênção e se recebe a prenda, a primeira parte por meio do canto, passagem da bandeira ou doação da fita e a prenda dada, após a graça recebida.

A visão em torno da personificação que o símbolo da bandeira toma durante as jornadas acontece no momento das visitas, em algumas casas ela permanece estática na mão do que a recebe como uma forma de materializar uma bênção, porém o enfoque que darei será

nas casas onde a bandeira “passeia”. Ao ser levada aos cômodos, desempenha o papel de ser a própria presença celeste, trazendo àqueles cômodos purificação (Kodama, 2009).

Ainda de acordo com Kodama (2009, p. 148-149), após o final da jornada duas tradições são levadas em conta: a primeira é que a bandeira fique aos cuidados da gerência da Folia ou com o festeiro do ano, sendo apresentada [fora de época] somente quando requisitada, como um encontro de Folias e, na outra possibilidade, a bandeira continuaria em jornada durante o restante do ano, pois, uma vez parada, traria agruras. No caso da folia sorocabana, a teoria é colocada em prática. Após o seis de janeiro, a bandeira fica sob os cuidados da folia Coppi, em especial, de Eva que além de bandeireira, assume o papel de gerência, mesmo que não instituído de maneira formal. Cada membro da folia desempenha um personagem no âmbito de todo o ritual dando-lhe expressividade através de suas interpretações.

3.1.3 Funções na Vila Formosa

3.1.3.1 Bastião

Estes personagens carregam consigo dois pólos da interpretação teatral - drama e comédia. Com certeza, é o personagem que mais chama a atenção por onde passa: o Palhaço, mais conhecido como Bastião. Ele nasce a partir da derivação do mito dos Três Reis Magos. No texto da bíblia é contada a narrativa de que os reis teriam recebido o sinal da estrela e, por se tratar de um “salvador recém-nascido”, os personagens vão primeiro a Herodes, vendo que o menino não se encontrava ali, seguiram seu caminho. A partir da explicação dada por José Esmerindo, que, hoje, é Pandeireiro e 2º Embaixador, mas por muitos anos foi Bastião - e reiterada pelo Embaixador, José Coppi -, foi possível compreender a função deste personagem de acordo com os foliões: Os Bastião se fantasiam e colocam as máscaras para escapar dos soldados de Herodes. Na passagem bíblica os Reis foram primeiro ao palácio de Herodes que buscava matar os primogênitos (Paulus, 2025, s/p), então, de acordo com os embaixadores, os santos precisavam despistá-lo. Vestidos de palhaços e brincando com a população, os sábios conseguiram enganaram os soldados.

Ainda de acordo com os embaixadores, até mesmo a espada de madeira tem um significado. Na tradição desta companhia, as armas que os Bastião usam em suas danças

também seriam uma representação das verdadeiras utilizadas pelos Reis para se defenderem, contudo, enquanto estavam passando pela cidade, eles encenavam uma batalha¹³.

Fotografia 5 - Bastião e Bandeireira à caminho dos arcos

¹³ Caderno de campo, 20 de dezembro de 2024 e 06 de janeiro de 2025



(Da autora, 2025)

Para além do entretenimento, o Bastião é como um guarda, onde seu propósito é proteger a representação de Jesus pintada na bandeira, o que explica a arma de madeira que eles portam; a perspectiva de estudo de Goulart (2023) corrobora esse entendimento sobre a relação entre personagem e bandeira:

Outra informação a se adicionar sobre os palhaços é que, ao longo de todo ritual, ao menos um deles deve ficar próximo a bandeira, o que representa sua guarda/proteção a ela (e consequentemente a Jesus), visto que o objeto não só orienta os caminhos dos personagens da festa (como se fosse a própria Estrela Guia), mas simboliza o menino-Deus e sua família (Goulart, 2023, p. 130)

Contudo, é interessante observar as reinterpretações ao longo das jornadas e constatar como a cultura popular é circular e está sujeita à releituras da fé, em demais trabalhos que citam as origens dos palhaços do folguedo, outra história é contada para a origem e função do personagem.

Os bastiões ou marungos representam os soldados do Rei Herodes que foram contratados para encontrar o Menino Jesus. Entretanto, ao chegar à manjedoura, e ver o Menino Jesus, eles se arrependem da função e passaram a protegê-lo. Por isso, usaram máscaras para assustar e distrair os demais soldados do Rei, os outros que viriam buscá-lo (Gorzoni, 2013, p. 15).

Sim, a maioria das tradições ligadas aos reisados brasileiros tem a explicação acima. Contudo, estudos embasam a origem dos palhaços da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa, como explicado por Bitter (2008) ao citar Reily (2002), que traz uma explicação semelhante dada aos Bastião, nas folias de São Caetano, em São Paulo, e em algumas companhias sul-mineiras.

Apesar das diferenciações sobre a origem do Bastião, as similaridades são diversas: a principal coloca este personagem como o elo entre a tradição cristã que deu origem ao festejo e seus ritos e o profano que remete às festividades populares (Kodama, 2009, p.143). Bitter (2008), por outro lado, diz que essa ambivalência sai das esferas de polarização de sacralidade e coloca as funções de “Bastião”, tal qual a do mestre da folia. No contexto sorocabano, apesar do festejos populares, os palhaços, em especial Miguel (13), caminha fortemente para o caminho sugerido por Bitter, ao observar seu respeito pelas jornadas, mas também pela expectativa do grupo para que ele seja a continuidade da Companhia da Vila Formosa, como ouvi nas entrevistas dos fundadores da companhia e do apoiador Izídio de Brito.

Não obstante, há algo em comum entre as folias pesquisadas pela literatura que me apoio, as roupas coloridas utilizadas pelos artistas, e fundamentalmente, as máscaras.

Compreendo que tenho um tópico acima onde descrevo as vestimentas dos foliões sorocabanos, porém, não há Bastião sem máscara, desta forma escolhi destacar esse artifício cênico para este texto.

Nem sempre as máscaras são feitas pelo próprio artista que as usa, mas sempre manufaturada com o uso de diversos materiais. Antes era de origem animal, hoje, em sua maioria, é feita de materiais sintéticos, como tecidos e EVA (Etileno Acetato de Vinila). Porém, para além da fabricação, alguns pontos sobre seu uso e significados são essenciais para a compreensão de sua composição. É possível dizer que há um paradoxo nas vivências do Bastião, o personagem está ali, é a pessoa indicada pelo grupo, mas a expressão física da dança e do chiste, ou seja, o florescer do palhaço só é possível ao se fardar. Como é relatado no estudo: “trata-se, a meu ver, de uma construção consciente, criativa e bastante personificada, mas é preciso enfatizar que seus sentidos não se esgotam na idéia de um personagem teatral pura e simplesmente” (Bitter, 2008, p. 179).

Outro sentido dado à máscara e discutido pelo mesmo autor, remete ao caráter sincrônico das indumentárias: “A máscara tende a ser efêmera, enquanto a bandeira é alvo de certos cuidados que a tornam, muitas vezes, objeto de longa duração” (Bitter, 2008, p. 180). Na Companhia de Santos Reis da Vila Formosa, porém, a partir de minhas observações de campo, considero que tanto a bandeira, quanto a máscara mantém diacronismo semelhante, ambos artifícios são parte da passagem da tradição. Assim, os membros mais novos que integram o grupo, herdaram, por meio da materialidade da máscara, a responsabilidade de manter viva a tradição.

Apesar de não haver na literatura pesquisada, uma faixa etária ou gênero pré-definido voltado à função de Bastião, atualmente, na Companhia da Vila Formosa, essa função é dada aos membros mais novos do grupo, pelos seguintes motivos observados: por estarem enquadrados na média de menor idade, os “bastião” acompanham com vitalidade as danças, deixam florescer jogos e brincadeiras durante as jornadas, mas também foram escolhidos para a função por questões técnicas, como a saúde necessária para executar os ritos próprios, como o de ajoelhar-se em visitas onde a casa tem um presépio montado.

Onde há esse cenário sacro montado, além da louvação feita por Miguel, os Bastiões retiram suas máscaras quentes pelo calor do verão sorocabano. A retirada das máscaras, porém, não se dá exclusivamente pelo calor, mas pelo momento ao qual eles encontraram o recém-nascido e não precisam se esconder das ameaças de Herodes. Os Bastiões **ficam de joelhos em respeito às imagens e cantam os versos completos de louvação ao presépio.**

Por isso a função também é atribuída aos membros mais novos da Companhia.¹⁴ Já nas casas que aceitam o cantar da Folia, mas que não têm um presépio, os Bastião dançam mascarados, como protetores da bandeira, como foi relatado em entrevista concedida por Evanilda Almeida, Bastião na Companhia

Fotografia 6 - Bastião em frente ao presépio



(Da autora, 2025)

3.1.3.2 Embaixador e Contramestre

Ao explicar o que observei ser o “coração da folia”, passo agora para explicar os outros órgãos que formam o corpo das Companhias. Adiante, falarei mais sobre o cérebro, o líder e seu encarregado, o Embaixador e o Contramestre.

¹⁴ Caderno de Campo, 22 de dezembro de 2024

Iniciando pelo braço direito dos instrumentistas, o contramestre é, na hierarquia, a segunda voz. Sempre ao lado do mestre-embaixador, ele responde aos versos necessários, divide a responsabilidade de escolher a toada a ser cantada e, no caso da Companhia da Vila Formosa, pelas décadas de parceria, Zé Mineiro não se atinha a somente responder ao que é cantado, mas puxa a toada junto com José Coppi, canta junto com o embaixador em uma oitava de nota acima a todo momento. É função do Contramestre, tocar o instrumento auxiliar ao principal, aqui, o violão de Zé Mineiro acompanhava tanto a viola de José Coppi, o pandeiro de José Esmerindo ou o violão de Benedita. Era como o primeiro instrumento de um grupo de orquestra.

Fotografia 7 - José Coppi e José Mineiro embaixando na celebração da Epifania do Senhor



(Da autora, 2025)

Já o mestre-embaixador é o líder da companhia e a quem os foliões são subordinados (Brandão, 1985). Ele é aquele que lê o ambiente e cria os versos a partir da necessidade, além de ser “o guardião da tradição”, de acordo com Kodama (2009, p. 131). Sim, ao participar das jornadas em Sorocaba, vejo que este posto de guardião, apesar de ser dividido entre outros embaixadores e com a própria bandeira - próximo tópico a ser tratado -, é dado a José Coppi. Primeiro, por também ser o guardião da bandeira e por ele ser o co-fundador; porém, outro dos principais motivos observados durante minha vivência, junto aos foliões, se dá por José ser aquele que está há mais tempo na missão de folião, estando em ternos de Natal, desde 1965. E, por fim, mas não menos relevante, pelo “dom divino de repentear”, como ouvi de foliões e admiradores e também relatado no estudo de Reily (1988, p. 114).

Ao cantar, e por ser esse guardião, de acordo com Kodama (2009), o embaixador se coloca na posição de pregador do evangelho e da crença em Santos Reis. Digo até - em suas devidas proporções -, que o embaixador poderia ser caracterizado como um “sacerdote popular”. Contudo, durante as vivências, outro tipo de atividade me pareceu melhor para descrever o trabalho de José e dos demais embaixadores. Das minhas anotações no caderno de campo no dia 05 de janeiro de 2025, reelaboro a reflexão para descrevê-los como aqueles que narram histórias no formato de cantos e poesias improvisadas, sempre com seu instrumento musical advindo de uma tradição do império português, do contexto medieval. Essas ligações me remeteram à comparar o embaixador contemporâneo à figura do **bardo**¹⁵ assim como o pensamento de Reily (1988, p. 115), por ser aquele que alegra e informa de forma sensível e artística. Não acharia nada estranho se na literatura o encontra-se nestes termos (Caderno de Campo, 05 de janeiro de 2025 - grifo da autora). Apesar de se manterem firmes em suas convicções de que “nada é ensaiado, tudo vem na hora, à vontade dos Santos Reis” e, considerando também a minha própria dificuldade em compreender com exatidão o que é cantado às vezes, anotei algumas palavras-chave que sintetizam as temáticas sobre os versos tirados pelos três embaixadores da Vila Formosa. São eles: 1) louvação ao presépio; 2) agradecimento por causa alcançada; 3) pedido de oração cantado; 4) apresentação da Companhia e despedida. Ao procurar embasamento em outros autores que também falassem sobre as toadas e, em especial, o que era cantado, vejo que Brandão (1981) já tinha feito levantamento semelhante e com resultados também parecidos sobre a arte de embaixar:

Procurei registrar pequenas frações de todos os tipos de cantorias: a) para a Folia pedir almoço ou pouso de janta e dormida; b) para se apresentar e dizer por que veio; c) para pedir ofertas de esmolas; d) para agradecer por serviços de pouso e de

¹⁵ Poetas e cantores da tradição celta, responsáveis pela transmissão da tradição oral. Recitavam versos que remeteram ao folclore local (Martins, 2015, p. 97-98)

ofertas de bens, distribuindo bênçãos em nome de Santos Reis; e) para atualizar o cumprimento de promessas; f) para se despedir de volta à caminhada entre casas; g) para fazer a adoração ao presépio (Brandão, 1981, p. 28)

Ao longo do texto venho citando os três embaixadores da Companhia dos Santos Reis da Vila Formosa, porém, até o momento, não expliquei ao certo esse cenário. Apesar de toda a liderança sobre os ombros de José Coppi, a função de cantar em longas jornadas, já tem mostrado ser um limitador para o mais antigo membro da companhia, contudo, ele permanece com seu propósito de continuar até quando puder. Esse comportamento não é algo advindo de uma possível teimosia do senhor Coppi, mas algo já observado por outros pesquisadores. Brandão, em 1985, já tinha relatado comportamento semelhante de outros mestres em seu escrito “Sacerdotes da Viola”. Na página 24, o autor descreve o mesmo sentimento do mestre sorocabano, ao contar sobre o Mestre Agostinho, Brandão disse ouvir que o mesmo tinha um voto com os Santos Reis pela vida toda e que sairia [nos giros] enquanto conseguisse, assim como aqui.

Não obstante, o voto de lealdade aos Santos Reis não é algo visto somente no embaixador, mas sim, em toda a Companhia. Talvez, muito se deve também pelo seu exemplo. A questão da progressão de funções com base no tempo de experiência, sucessão familiar ou por dom, também é encontrada na companhia da Vila Formosa. Vamos ao caso dos demais embaixadores durante as suas jornadas. Apesar de considerar, no início desta pesquisa, algo inovador, o mestre abrir espaço para outros cantadores, mais uma vez caí na máxima que “nenhuma experiência é única”. Como observou Carlos Rodrigues Brandão,

No entanto, de modo diferente do que acontece em regra, **ela reúne em um só grupo cinco bons mestres de Folia**, de tal modo que, em um mesmo dia, todos eles se alternam no comando da cantoria e passam sem muita dificuldade de uma posição de cantador a outra (Brandão, 1981, p. 20 - grifo da autora)

Assim como, no caso narrado por Brandão (1981), na Vila Formosa, outros dois cantam durante as jornadas, para que a saúde do mestre-embaixador, José Coppi, não seja testada, e aqui entramos no quesito de progressão e sucessão. Será narrado com mais detalhes abaixo, fruto de minha vivência em jornada, sobre a dificuldade em “passar o bastão” para membros dos núcleos familiares dos foliões. Contudo, o papel de um ex-genro do casal Coppi que foi por muitos anos palhaço de folia e, hoje, segundo embaixador, cristaliza a expectativa dos fundadores - mesmo que agora não compartilhem de relações familiares - no desejo de ter para quem depositar esperança.

Compreendido apelo pelo segundo embaixador de ser uma base para José Coppi durante as jornadas, me pego surpreendida com a presença de mais uma embaixadora. Nos estudos pesquisados, a presença feminina no cargo mais importante na hierarquia de músicos da folia, foi encontrada somente em um trabalho. Há na maioria das companhias e folias a participação das mulheres em funções “administrativas” ou de cunho “doméstico” como no caso de bandeireiras, gerentes e festeiras, a responsabilidade no grupo de músicos antes era vetada como Buzzi (2017) relata:

“[...] antigamente era vetada por causa das longas caminhadas e o dever de pouso da Folia, não era possível misturar homens com mulheres em tais pousos, elas participavam apenas dos momentos de orações iniciais e finais do giro. Hoje em dia elas participam não só rezando como também cantando.” (Buzzi, 2017, p. 188)

Com a necessidade, uma vez que a tradição não tem a mesma penetração nas camadas das juventudes urbanizadas, além da conceituação social de igualdade de gênero, as mulheres foram reconhecidas ao mesmo nível, conquistando seus lugares, primeiro nos naipes vocais mais agudos e, depois como embaixadora, tanto na condução musical, como na criação de novas toadas (Buzzi, 2017, p. 188), Benedita Aparecida, que canta na Folia de Reis da Vila Formosa e Estrela do Oriente [da cidade de Itu-SP] tomou essa responsabilidade como um “chamado divino que não poderia ser ignorado” (Caderno de campo, 06 jan 2025).

Fotografia 8 - Benedita embaixando na jornada pré Cerimônia dos Arcos



(Da autora, 2025)

3.1.3.4 Bandeireira

Dentre os textos explicativos sobre as funções da Folia de Reis da Vila Formosa, talvez esse seja o mais narrativo dentre os demais deste capítulo, pois a bandeireira Eva traz nuances e camadas de reflexão que somente o narrativo trará a você, leitor, para a compreensão de quem é Eva.

Fotografia 9 - Bandeireira e co-criadora da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa



(Da autora, 2025)

Que a bandeira é o símbolo principal das Folias todo mundo já sabe e que sem ela não há festejo, isso também é de conhecimento geral, mas e quem é o responsável pelos cuidados com o instrumento? O bandeireiro - neste caso, a bandeireira -, ou Alferes em outras literaturas, é o/a guardiã(o) da sabedoria, o portador do conhecimento sobre como e quando manusear o símbolo das folias. Bitter (2008) revela a importância da função e como é realizado o trabalho durante as jornadas dos reisados:

Devo ainda acrescentar que a bandeira e sua “materialidade” só ganham seu sentido pleno quando percebidas nos usos corporais que delas se fazem. Lembro que durante toda a circulação da bandeira esta é manipulada pela bandeireira, e quando não está sob seus cuidados torna-se alvo de frequentes contatos corporais. A bandeira é transferida das mãos da bandeireira às mãos do devoto, na porta de sua casa, quando então é entronizada. Para um devoto, estar próximo da bandeira é um privilégio supremo. O modo de manipular a bandeira também é feito na base de códigos compartilhados. Mestre Élcio diz que conhece quando um devoto é, de fato, conhecedor dos reis pela maneira como lida com a bandeira. **O bandeireiro, por sua vez, detém conhecimentos específicos para conduzir a bandeira e todos os rituais no qual ela assume lugar central. Sua importância pode também ser atestada quando foliões declaram que somente o bandeireiro sabe conduzir a bandeira** (Bitter, 2008, p. 129 - grifo da autora)

Como será descrito nos próximos capítulos, Eva, a bandeireira tem esse papel de trazer a corporalidade à bandeira, contudo, por ser a guardiã do principal tesouro da Companhia da Vila Formosa e ser uma das fundadoras junto de seu esposo, José, a bandeireira subverte o que já de costume na grande maioria das folias trazendo para si o protagonismo antes papelado somente a homens, como é visto neste trecho: “Tradicionalmente a estrutura da Folia de Reis é androcêntrica e excludente em relação à participação feminina nas esferas de visibilidade e poder da manifestação” (Neder; Franco, 2019, p. 189). Esse protagonismo construído e consolidado no decorrer de três décadas de história só na Companhia da Vila Formosa, mas acumulado de uma vida inteira dedicada aos reisados - como ela conta que veio de um lar de reiseiros - deu oportunidade desta folia abrir novos postos de liderança feminina, como citado anteriormente na posição de embaixatriz de Benedita. Eva é realmente uma liderança neste grupo e sua principal função é levar os Reisados no protagonismo dividido.

Este protagonismo da bandeireira trouxe o acúmulo de responsabilidades, que mesmo sem uma formalização, Eva se garante como uma liderança social que a torna a gerente da Folia, algo que ela leva com equilíbrio e muita disciplina. Nada é feito sem seu aval. Nada é decidido sem que ela tenha participado. Pois com a bandeira, veio também a sutileza do controle que a idade traz, contudo não é pela imposição ou simplesmente pelos anos de vida, mas pela transmissão de saberes que estão com ela, como explica Eclea Bosi (2006):

Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como **guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição**. Não porque tenha uma especial capacidade para isso: é seu interesse que se volta para o passado que ele procura interrogar cada vez mais, ressuscitar detalhes, discutir motivos, confrontar com a opinião de amigos, ou com velhos jornais e cartas em nosso meio. (BOSI, 2006, p. 82 - grifo da autora)

A gerência atribuída à bandeireira transpassa por todos os passos da folia, da burocracia logística junto ao Sindicato dos Metalúrgicos e “pouseiros” à ser porta-voz na imprensa. Vai da opinião sobre a decoração escolhida a pensar e coordenar os itinerários das visitas, falando onde será cantado e qual caminho será feito. Para resumir: O coração da folia pode ser os festejos dos jovens bastiões, porém, o cérebro da Companhia, e que faz a roda girar, a tradição viver e ser repassada está sob as costas de Eva.

3.1.3.5 Demais atores

Como comentei anteriormente, a Companhia de Reis da Vila Formosa de Sorocaba, tem particularidades que as diferencia de qualquer outra formação tradicional de demais folguedos. Seja na formação de vozes e sistemas, na administração, transmissão e proteção das tradições e agora, também, nas funções. Ao ser questionada, durante minha qualificação sobre demais funções na folia, fiquei intrigada em conhecer outras formações, pois a de Sorocaba, até então, era minha principal referência. Todavia, ao ler mais sobre, constato que o grupo do interior paulista é, na verdade, exceção à regra. Destaco suas especificidades como, a função de embaixar compartilhada e colaborativa, de forma livre; a gerência, os cuidados com a bandeira e a passagem da tradição, tudo focado em uma só participante. Das responsabilidades com o festejo, diferentemente de outras companhias que tem festeiros já pré-estabelecidos, nesta Companhia dos Santos Reis da Vila Formosa, a responsabilidade é compartilhada, pois contam com o apoio do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade. Todos estes pequenos grandes detalhes transformam a vivência dos reisados sorocabanos e, com isso, outras funções precisam ser colocadas em evidência.

Como vou narrar à frente, por não haver a escolha de “festeiros do ano”, funções que seriam à cargo de uma pessoa são distribuídas conforme a necessidade e possibilidade dos participantes, como no caso da Decoradora Elza. Participante da folia, mas sem ter um naipe de voz específico, participa no coro geral de cantores enquanto seu esposo, Joaquim, é o segundo violonista. Seu momento de maior responsabilidade se dá pouco antes da festa da chegada, já no fim do dia seis de janeiro. Após finalizada a jornada na catedral, ao chegar no paranazinho, Elza toma conta dos preparativos da festa que receberá os companheiros de jornada, vizinhos e outros admiradores.

Recordo-me que não eram nem três horas da tarde quando cheguei ao local da festa e Elza estava no meio do gramado do Paranazinho, já finalizando a colocação dos arcos de bambu que será o caminho de entronização solene da bandeira dos Santos Reis, no local da festa. O restante do grupo estava já no início da nova - e última - etapa da jornada, na Vila Formosa. Enquanto estávamos no entorno da sede, de longe acompanhava os trabalhos: buscava adereços, desfazia os nós dos cordões, verificava qual o melhor ponto, arrumava, desarrumava e fazia novamente. Do mesmo jeito, do lado de dentro, arrumava as mesas no melhor posicionamento que todos pudessem aproveitar, sem se esbarrar, ajeitava o presépio e as luzes, arrumava o salão tal qual um palácio rural, para que a bandeira pudesse chegar em seu auge de beleza.

No mesmo local, só que mais reclusa, Maria colocava a mão na massa - literalmente - na cozinha junto com os familiares da família Copi e Fonseca que, apesar de professarem outra fé, no dia de Santos Reis, deixam as diferenças de lado para acompanhar as tradições familiares.

Maria, então, assim como uma chefe de cozinha, coordena as demais pessoas que se voluntariam, são eles vizinhos, familiares ou os próprios foliões, sem um número exato, já que os que cozinham também decoram e quando sobra tempo são liberados do trabalho para acompanhar a jornada final nos arredores do Paranazinho. Ao cozinhar os pratos já pré-escolhidos, junto a Eva, bandeireira que também tem a responsabilidade como uma gerente, Maria coordena a logística de entrega dos alimentos para aproximadamente 50 pessoas que participam da festa, ninguém é deixado para trás, seja conhecido de longa data ou representante de universidades ou imprensa local, todos comem os pratos típicos da cozinha caipira, tudo seguido de forma fluída, para que aqueles que não saíram da cozinha, como Maria, possa também aproveitar os festejos junto aos companheiros.

Apesar de uma presença com holofotes menores, o Sindicato dos Metalúrgicos, por meio do apadrinhamento de Izídio, tem papel também atribuído neste rateio das responsabilidades de festeiro ao órgão. Ou seja, ao vereador Izídio coube, além da cobertura midiática e a construção material de memórias, por meio de fotografias, vídeos e texto, a retaguarda financeira, em caso de urgências, para que a festa transcorra de forma exemplar. É importante destacar que se esta tradição sobrevive em Sorocaba, tal sobrevivência se faz sem o aporte financeiro da pasta responsável pela área cultural da cidade; assim sendo, até o momento de entrega deste trabalho, todos os anos a festa da chegada tem ocorrido com o “apoio do público” e não “apoio público”.

Ao final das contas, observar que, apesar de se tratar de uma decisão, o que é diferente das demais companhias, a divisão de tarefas entre os próprios foliões, enquanto uma equipe de festa, me possibilitou perceber que isto trouxe a eles ainda mais uma sensação de pertencimento ao local que estão e ao movimento que representam, porque se torna algo completamente deles, parceiros/as na execução de todos os detalhes. Pois, em cada coisa que tocam ou que veem, ali terá o trabalho de um folião, uma foliã da Companhia da Vila Formosa. Se às vezes desafiar o convencional é preciso para que se encontre a essência daquilo que se vive, imagino que a Vila Formosa tenha essa certeza.

4. UMA FOLIA EM SOROCABA

4.1 FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

Compreender o processo prático de resgate e sobrevivência de um movimento cultural com base nas vivências rurais, neste caso, representado pela jornada dos foliões de Sorocaba, requer pensar nas camadas que formam essa base. Neste capítulo procuro trazer a importância do território em que o grupo está inserido, contextualizando sobre a cidade de Sorocaba, um pouco de sua história e, principalmente suas correntes de migrações - no âmbito do contexto de êxodo rural -, que “re-cria” processos culturais populares por meio de seus novos habitantes.

O contexto de migrações e expedições faz parte do território sorocabano, muito antes mesmo de sua formação como cidade. Há sinais de povoamento deixados pelos povos originários, com destino ao litoral ou aos territórios de países vizinhos, como Paraguai, que faziam uso do “peabiru” (rede de trilhas criada pelos povos originários); colocando Sorocaba como rota de expedições e comércio, anterior à elevação para o nível de vila (e em seguida cidade), por Balthazar Fernandes, em 1654. Este fato é constatado através da descoberta de urnas funerárias, entre outros objetos, como relatado por Manfredini; Guandique; Rosa (2015, p. 14). Estas rotas e rastros sociais deixados pelos povos indígenas que aqui passaram e viveram têm reflexos atuais, como citado por Celli (2012, p.43-45), que nos apresenta, por meio de croquis, os assentamentos indígenas que estariam onde hoje são localizados bairros importantes de Sorocaba - alguns deles próximos à Vila Formosa, local de estudo deste trabalho.

Já a presença das populações não-negras são esmiuçadas por Petschelies (2012, p. 281). Os primeiros povoados brancos, antes da formação da Vila de Nossa Senhora da Ponte - o que viria a se tornar Sorocaba - tinham os nomes de: Vila de Nossa Senhora do Monte Serrat (1599), localizado hoje onde está o Morro Ipanema e a Vila de São Filipe do Itavuvu (1611), “ambas fundadas em decorrência da busca por ouro e prata na região”, mais precisamente a Vila de São Filipe do Itavuvu, na busca de minérios de ferro. Apesar da proximidade histórica entre o objetivo econômico do território do Itavuvu e o principal setor empresarial de Sorocaba atualmente - a metalurgia -, ambos povoados não prosperaram. Portanto, mesmo com as provas históricas de povoamento e encruzilhadas, é preciso concordar com o pensamento de Cavalheiro (1999, p. 79) que diz que a história é contada a partir de fatos documentados, desta forma o povoado é considerado válido apenas após a

homologação à província de São Paulo, em 15 de agosto de 1654 e ganhando o *status* de vila em 1661.

4.1.1 Sorocaba das migrações

Conta-se e dá-se grande importância, no contexto municipal, ao tropeirismo para a formação da cidade. É inegável que a história da cidade funde-se aos relatos tropeiros, das feiras de muares, em 1733, que mudaram o eixo econômico num ciclo que durou até 1897 (Cavalheiro, 1999, p. 79), além das incursões tropeiras que abriram caminhos para a criação de outras unidades federativas, como Minas Gerais e Mato Grosso (Petschelies, 2012, p. 283).

Contudo, o processo de apagamento histórico das populações periféricas, buscando o embranquecimento e a higienização da história, retirando o papel dos escravizados indígenas e negros na formação territorial, social e cultural de Sorocaba, e que ousar dizer que ainda está em curso, parece funcionar enquanto tentativa de inocentar os algozes desta mesma população. Poucos se lembram das encruzilhadas formadas por povos indígenas e negros na formação do território. Da contribuição cultural da população negra, tendo em João de Camargo a representação máxima da religiosidade, dos migrantes de outros estados brasileiros que formam a heterogeneidade cultural sorocabana. A vinda de tradições de territórios rurais para Sorocaba que fogem apenas do olhar à cultura tropeira, tão estimada pela história local, tiveram seu início no que pode ser considerado como dois marcos econômicos: A Estrada de Ferro Sorocabana e a Industrialização.

O primeiro marco tecnológico e econômico de Sorocaba após o tropeirismo é a Estrada de Ferro Sorocabana, a ideia de sua construção foi gestada desde 1852, com a concentração de produções do ciclo de algodão e produção têxtil com a instalação da primeira fábrica na cidade. Porém, apesar destes marcos, a sorocabana foi formalmente concluída em 1871, com os oligarcas da época à frente da administração da ferrovia, enquanto a força de trabalho ficava por conta da escravização. O resultado deste processo foi a grande concentração da população negra no território sorocabano, onde “os negros escravos contribuem 34% da população da vila e 25% das populações dos bairros” (Ataide apud Fernandes, 2023, p. 55). Desta forma, as culturas afro brasileiras, bem como, as religiões - mesmo que perseguidas -, sobreviviam em solo paulista. Este dado será importante na discussão sobre o bairro - Vila Formosa - onde está inserida a Folia de Reis, na Zona Norte de Sorocaba.

Ataíde (2023) explica em seguida sobre o branqueamento sistêmico criado em Sorocaba e, para que isso acontecesse com êxito, a “sorocabana” teve papel crucial, na ligação de pessoas e novas formas de consolidação capitalista, na tentativa de instauração de uma Higienópolis Paulista.

Ainda antes da virada de século (do XIX para o XX), deu-se início a primeira industrialização no território sorocabano, com as indústrias têxteis - já citadas - e a Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, em 1808 (Cavalheiro, 1999), atrativo para outras migrações de cidades e estados vizinhos, como Minas Gerais, até a consolidação da presença de imigrantes espanhóis, até hoje regionalizados na Zona Leste da cidade. Esse movimento industrial e migratório, dá à Sorocaba seus dois apelidos, um deles escondido na construção da história pela burguesia, o primeiro “Manchester Paulista” e a “Moscou Brasileira”, pela crescente adesão marxista dos trabalhadores das indústrias (Cavalheiro, 1999).

O processo migratório pautado pela economia, no qual este trabalho está inserido por meio de seus personagens, está no que chamarei de “terceira onda migratória”, na reindustrialização ocorrida entre as décadas de 1980 e 1990. Neste período, Sorocaba começa a receber novas indústrias automotivas e, com isso, a procura pela estabilidade financeira, em uma cidade promissora, toma conta de trabalhadores oriundos de territórios rurais motivados pela possibilidade de conseguirem trabalhos na metalurgia, comércios ou serviços, anunciando, portanto, o aumento populacional da cidade.

Todavia, não somente a promessa de uma vida financeiramente estável foi o estopim para o êxodo rural paranaense rumo à Sorocaba e demais cidades do interior paulista. As migrações - ou refúgios climáticos -, em especial deste estado, aconteceu entre 1975 até o início dos anos 1980, após o evento climático extremo ocorrido em 18 de julho de 1975, tendo o nome acadêmico de “Poço dos Andes”, mas popularmente conhecido como “geada negra”, onde uma série de eventos polares atravessaram o Brasil, mas tendo principal impacto econômico na indústria de monocultura cafeeira paranaense. Com isso, o governo paranaense à época precisou lançar subsídios e auxílios aos mais afetados, que apesar disso, conviviam com a insegurança, como relata o pesquisador.

[...] agricultor depara-se com um dilema que se repetiria nos meses seguintes. Isso envolvia três grandes desafios diretos: voltar a plantar café e insistir nessa monocultura, sob o risco de novas geadas e prejuízos; seguir na agricultura, porém, com a diversificação da produção e o investimento em culturas emergentes e mais resistentes ao frio, como a da soja, a do milho e a do feijão; ou ainda vender a sua fazenda, sair do campo para procurar emprego e sustento nos grandes centros urbanos. Esse dilema também esteve na mesa de discussão governamental, que se

via na iminência de ter 300 mil pessoas em situação de miséria, sob a sua tutela (Rodrigues, 2022. p. 78)

Em busca de novas oportunidades e segurança, Sorocaba recebeu uma parte da população rural principalmente dos estados do Paraná, além de outras localidades por diversos motivos, como Minas Gerais e estados do nordeste brasileiro. Essa comunidade rural agora na nova cidade em vias de crescimento é, assim como em todo processo capitalista, empurrada às margens, isso no contexto urbano se refere a bairros periféricos e/ou em formação. Chegamos à Vila Formosa.

Não há muitos registros sobre a história do bairro, desta forma o que é descrito aqui tem como principal base os relatos orais de participantes da companhia de Folia de Reis. Localizada na zona norte central de Sorocaba, o território é localizado entre os Jardim Maria Antônia Prado, São Conrado, Jardim Guadalupe e Altos do Itavuvu, assim como consta na imagem:

Figura 10 - Mapa cartográfico da Vila Formosa Sorocaba/SP



Fonte: GOOGLE MAPS (2025)

De acordo com as falas de alguns dos sujeitos deste trabalho, em sua maioria, hoje, ex-moradores, o bairro, antes de receber a devida visibilidade pública nos anos 2000, que lhe trouxe infraestrutura básica, era, na década de 1990, “uma grande favela”. A população que ali viviam, sua maioria, eram migrantes do estado do Paraná que vieram à Sorocaba em busca de emprego. Talvez por se tratar de uma questão de afinidade conterrânea, o bairro, mesmo formado por pessoas em situação de vulnerabilidade social, se uniu para a criação de associações de bairro em prol do esporte, da socialização e, por fim, da cultura. Dentre esses trabalhos sociais destaca-se a criação do Esporte Clube Paranazinho, um time de futebol com sua sede no centro do bairro, construído pelas mãos dos moradores, tornando-se assim, não somente um ponto de lazer aos fins de semana, mas um ponto de encontro, uma casa comum para os moradores do bairro. Até o momento da escrita deste trabalho, não obtive maiores informações históricas sobre o Paranazinho e sobre os construtores do clube ou dos organizadores, treinadores do time de futebol, esta lacuna é um dos obstáculos a serem colocados futuramente, em possíveis próximos estudos sobre a denominada região e suas manifestações socioculturais.

No aspecto cultural do bairro, se destaca a fé no catolicismo romano já nos seus primórdios e que se consolida no pilar deste trabalho: A Folia de Reis e a comunidade católica que sustenta a tradição, denominada Comunidade São José. Pouco antes da criação da Companhia, no fim dos anos de 1980, por meio de petições e empenho dos católicos locais, ainda no Paranazinho - como eu disse anteriormente, uma casa comum de todos - foi criada a Comunidade São José - destacada na imagem abaixo. Com mais de 30 anos de história, a comunidade acompanha a história do bairro, assim como seu atual pároco, o senhor Adelar Piccin que fundou a comunidade junto aos moradores, a entrevista com o padre fundador da comunidade será inserida e detalhada a apresentação completa deste estudo.

Após a doação do terreno à cúria diocesana à época, a comunidade São José mudou-se do Paranazinho para o local onde está localizada, até hoje, na rua João Martini Filho, 384 - Jardim São Conrado, a cerca de 400 metros da antiga sede.

Fotografia 11 - Fachada da Comunidade São José - Sorocaba/SP



Fonte: GOOGLE MAPS (2025)

Com a criação da comunidade São José, a Folia de Reis tem sua origem na década de 1990 e a partir desta data, em todo mês de janeiro de lá para cá, a companhia volta às suas origens periféricas, tocando na comunidade que eles ajudaram a criar e fazendo sua chegada - a Festa de Reis - na mesma casa comum, há mais de três décadas.

Hoje, a Vila Formosa é um bairro residencial urbanizado com aparelhos de infraestrutura pública como: asfaltamento, saneamento básico e escolas. Como uma comunidade engajada, desde sua criação, uma área arbórea no meio do bairro, onde também passa um córrego, foi transformada em um parque, em 2009, tornando-se a principal atração de lazer e preservação ambiental da região. O nome Vila Formosa não é comum em noticiários locais, tendo em vista seu caráter residencial. Mas todas as atenções voltam-se ao território todo dia 06 de janeiro, por conta da Folia de Reis.

4.2 O INÍCIO DA FOLIA DE REIS EM SOROCABA

Para compreender a base que define uma Folia de Reis, para assim trazer essa perspectiva do que forma uma Companhia de Santos Reis em âmbito municipal, busquei seu verbete no Dicionário do Folclore Brasileiro, assim, a partir desta definição seguimos com análise da folia, sua história e vivências. Para Câmara Cascudo (2001), a Folia de Reis - que ele chama de Reisado - é:

O auto popular profano-religioso, pertencente ao ciclo natalino, é formado por **grupos de músicos, cantadores e dançadores que vão de porta em porta anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos**. O Reisado é conhecido também com os nomes de Reis, Folia de Reis, Boi de Reis e o enredo é sempre a Natividade, os Reis Magos e os pastores a caminho de Belém. No Brasil a denominação, sem especificação maior, refere-se sempre aos Ranchos, Ternos, grupos que festejam o Natal e Reis. (Cascudo, 2001, p. 581 - grifos da autora)

Sorocaba completou em 2024, 370 anos de fundação. Dentro destes séculos, historiadores locais como Geraldo Bonadio e Alúcio de Almeida não relatam a existência de movimentos idênticos à Folia de Reis ou Reisado em Sorocaba. O primeiro relato historiográfico ligado à Folia de Reis na cidade é narrado pelo historiador Carlos Cavalheiro somente em 1999 no livro “Folclore em Sorocaba”, onde o escritor relata sua pesquisa em bibliotecas locais como a “Casa Alúcio de Almeida”, bibliotecas públicas e universidades, mas chegou a conclusão que a Companhia da Vila Formosa seria a primeira e única a praticar

a tradição do folclore natalino na cidade, informação essa que permanece atual até o momento da publicação deste trabalho.

A Companhia de Santos Reis da Vila Formosa é a única de Sorocaba, **tanto atualmente quanto no passado**. Não encontramos registro algum de outra Companhia nesta cidade (Cavalheiro, 1999, p.100 - grifos da autora).

A primeira formação da Companhia, de acordo com Cavalheiro (1999), continha por volta de quinze pessoas, vindas principalmente dos estados de Minas Gerais (seis pessoas), Paraná (quatro pessoas), São Paulo (três pessoas) e duas pessoas onde seu local de nascimento não foi informado pelo autor, da primeira formação para os atuais reiseiros, por volta somente de cinco pessoas permanecem, uma delas tendo falecido antes do final desta pesquisa, em 01 de fevereiro de 2025.

Sendo a única Companhia em atividade em todo período histórico de Sorocaba, realizar o acompanhamento histórico da Companhia, assim como Cavaleiro (1999 e 2007) realizou em um salto de década, mas também, o que este trabalho se propõe, em discutir as transformações e processo de sobrevivência do grupo considerando as mudanças advindas do contexto social (idade, apoio financeiro e urbanização), ajuda a reconstruir e compreender o processo histórico da cultura de Sorocaba como um todo.

4.2.1 O Embaixador, a Bandeireira e a Vila Formosa

Neste contexto de religiosidade e festejos advindos das ruralidades brasileiras que chegamos ao principal ponto deste trabalho, contando a história da família que iniciou e preserva a tradição da Companhia de Santo Reis da Vila Formosa e, assim, as histórias de vidas da companhia e dos outros demais participantes que emaranham no conto dos Reis Magos e da própria história de Sorocaba. Esta descrição abaixo tem como base as entrevistas realizadas com o casal de líderes da Companhia nos dias 20 de dezembro de 2024 e 30 de janeiro de 2025.

José Coppi, um trabalhador da construção civil, paranaense, que aos fins de ano assume o que orgulhosamente - desconsiderando o significado do pecado capital do orgulho - a sua função de embaixador das visitas dos Santos Reis. Participante das jornadas desde 1965, mas embaixando desde pouco antes de seu maior processo de migração, José e parte de sua família, saem da cidade de Cascavel à Sorocaba. Eva Borges, paulista, nascida e criada em uma família de reiseiros, vem em companhia do marido para tentar uma vida melhor,

deixando o território semi urbanizado, para o sonho da cidade grande e de reencontrar uma das filhas que já residia na cidade do interior paulista. Este relato é praticamente unânime entre os participantes dos reiseiros, já que o desenhar o início da Companhia de Santo Reis da Vila Formosa, passa, principalmente, pela história de migração de paranaenses, mineiros e participantes advindos de outros pontos do Brasil, que vieram à Sorocaba e aqui criaram laços de fé, amizade, mas também de ligação histórica.

Entre todas as pessoas ouvidas neste trabalho, além dos materiais produzidos como reportagens e livros já citados, não há um consenso perante ao ano exato em que a companhia foi criada, entre os principais personagens aqui relatados, o Embaixador, José Coppi e o Sindicalista, Izídio de Brito, falam em 32 anos de Companhia, o co-fundador da Companhia, José Mineiro e para Carlos Cavalheiro (1999), 35 anos, outros participantes dizem que a Companhia completou 30 anos; bem, como este trabalho se apoia nos relatos orais, não entraremos na exatidão da historiografia, mas coloquemos como a criação do grupo no início da década de 90, neste bairro periférico da Vila Formosa, na Zona Norte de Sorocaba.

Como já dito e referenciado anteriormente, mas também pretendo também relatar posteriormente, a história da Companhia se funde à história principalmente à da família de José e Eva, que vieram para tentar uma vida financeira melhor em Sorocaba, nos anos 90 - época de crescimento econômico da cidade com a chegada de multinacionais metalúrgicas, como citado anteriormente.

O primeiro lugar onde a família dos líderes da Folia se instalou na cidade, seria o mesmo que, poucos anos depois, viria a se instalar o núcleo da Companhia de Reis, a Vila Formosa, Zona Norte de Sorocaba. O local, à época, como relatou a Bandeiraira, era um bairro residencial de pessoas trabalhadoras, muitas delas em situação de vulnerabilidade social, eles não foram uma exceção. “Chegamos aqui e moramos em um barraco pequeno, onde colocávamos os colchões no chão e dormíamos uns colados aos outros. Foi uma época difícil, só tínhamos chuchu para comer... Deve ser por isso que o ‘Zé’ hoje não gosta de chuchu, comeu demais naquela época”.

A história dos líderes não era diferente da maioria dos moradores dos arredores, com dificuldades financeiras impostas principalmente pela política de escassez que precedeu - e ainda está em vigência - no capitalismo neoliberalista em ascensão na cidade. José, assim como o da bíblia, trabalhava para garantir o sustento de sua família e sonho de uma casa melhor, assim labutou como pedreiro, enquanto Eva cuidava dos filhos e netos.

A pequena melhora na área financeira da família propiciou a mudança para outro bairro, deixando o pequeno barraco na Vila Formosa em troca de viver em uma chácara no que hoje é a Avenida Brasil, no Jardim Sônia Maria. Deixaram o bairro, mas as amizades e a proximidade para com o antigo bairro, fariam que não se perdesse o vínculo, que foi fortificado após uma carta escrita por um de seus ex-vizinhos e isso mudaria tudo.

4.2.2 A carta e o retorno à Vila Formosa

Apesar dos pequenos avanços tecnológicos que as grandes empresas trouxeram à cidade na década de 1990, a estrela da Folia de Reis brilhou em Sorocaba na mais antiga das comunicações, uma carta. Após a mudança da família de futuros líderes da Folia para outro bairro, entre aqueles que ficaram na Vila Formosa, estava a lembrança de vivências do catolicismo popular e a vontade de trazer ao reduto de migrantes paranaenses e mineiros, aquelas vivências culturais de um tempo anterior, assim lembra Tarcísio Amaro, um dos co-fundadores da Companhia.

“A gente tinha a vontade de começar uma Companhia de Reis, a fé dos Santos Reis não acabou no povo aqui depois que saiu da roça pra cá”, Tarcísio em nossa conversa durante a Festa da Chegada que acontece na sede do clube de futebol do bairro que é como uma casa comum a todas as pessoas do bairro, o famoso “Paranazinho” contou que à época os moradores da Vila Formosa que professavam a fé católica - e a devoção aos santos reis -, tinham também o conhecimento técnico necessário para iniciar as jornadas, ou seja, já contavam com instrumentistas e cantores, porém faltava o principal: o embaixador e a bandeira.

Esse grupo pré-formado de reiseiros da Vila Formosa então, em conversas, lembraram do antigo vizinho que também compartilhava da fé nos santos populares e que se encaixava em todos os requisitos, com o talento de “embaixar” e a bandeira que ele trazia dos tempos de reiseiros no Paraná. Assim, Co-fundador e outro morador Benedito Parisi, escreveram uma carta ao casal, convidando à criar a Companhia de Santo Reis (Cavalheiro, 1999). O convite foi aceito sem pestanejar pela família, como disseram em entrevista e retornaram ao local que foi a porta de entrada para Sorocaba, agora com a missão de reviver a memória da cultura e fé popular.

4.2.3 Recepção municipal

Nos primeiros anos de companhia, com menos idade e mais pessoas no grupo, a Companhia fazia suas visitas aos **finais de semana - sextas (esporadicamente), sábado e domingo** - na Vila Formosa e adjacências, como: São Conrado, São Lorenzo e Vila Mineirão, além de outras localidades quando convidados. Em entrevista com o Co-fundador da Companhia - íntegra anexada ao documento -, os foliões saíam para cantar às sete da manhã, passavam o dia em visitas pelas casas e retornavam à Vila Formosa por volta das 22h.

Com a popularidade do grupo em crescimento, as demandas de visitas também cresciam a cada ano, sendo assim, como relata Cavalheiro (1999), a tradição ligada a data “Originalmente as Companhias sempre saíam na noite de Natal, 24 de dezembro, e realizavam sua jornada ininterruptamente, até 6 de janeiro” (p. 102) teve que ser adiantada, para que todas as casas fossem visitadas, isso mantendo as demais funções com o objetivo de não sem deturpar o significado da tradição. À época, o grupo saiu em novembro, para finalizar as visitas em janeiro, para a festa. Hoje, 26 anos após o relato de Cavalheiro, as jornadas iniciam ainda mais cedo, no início de outubro e somente aos domingos. De acordo com Eva, a Bandeiraira, a escolha do grupo em iniciar mais cedo as visitas se dá por diversos motivos, entre eles: a condição de saúde dos membros já idosos, em especial do Embaixador; a disponibilidade da condução fornecida pelo apoiador Izídio de Brito e o aumento de distâncias percorridas pela Companhia, seja pela locomoção dos membros que vivem em regiões distintas da cidade, mas também porque o que antes as visitas aconteciam ao redor da Vila Formosa, hoje a Companhia realiza longas peregrinações nos seguintes bairros e suas adjacências: Vila Mineirão; Vila Angélica; Parque Vitória Régia; Parque das Paineiras; Aparecidinha; George Oetterer (Iperó); Fazenda Ipanema; Região Central e Vila Formosa.

Apesar das longas peregrinações, a quantidade de pessoas que participam do encerramento não necessariamente se dá pelos visitados, desta forma, mesmo que os visitados dos demais bairros sejam convidados e, por vezes, façam doações, os participantes da festa de encerramento, na sede do Paranazinho são: os moradores da própria Vila Formosa, seus familiares, imprensa, pesquisadores e demais apoiadores da cultura popular.

Com a quantidade de bairros visitados na cidade e, novamente, por se tratar da única companhia em atividade na história da cidade, a Companhia de Reis da Vila Formosa recebe atenção da imprensa municipal. Em levantamento prévio e ainda em desenvolvimento, destaca-se as reportagens de veículos locais, entre eles, o portal de notícias do Sindicato dos

Metalúrgicos - próximo tópico de análise deste trabalho -, que, de acordo com os ouvidos nessa pesquisa, é o maior apoiador do movimento, com trabalho de preservação da tradição há quase vinte anos. Desta forma, até a entrega deste estudo, foram encontradas 38 menções à Companhia de Reis da Vila Formosa entre os anos de 2010 a 2025 nos seguintes jornais e o modelo de reportagem realizada, inserindo também no rodapé das respectivas reportagens em vídeo, considerando a necessidade de conhecimento das toadas e seus respectivos foliões. Veja:

- **Portal de notícias do Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba:** 12 menções à Folia de Reis de Sorocaba, sendo 11 em reportagens disponibilizadas no site oficial do órgão e uma reportagem no formato audiovisual, disponibilizado no canal do órgãos, no YouTube¹⁶
- **Jornal Cruzeiro do Sul:** Seis menções à Companhia de Reis da Vila Formosa, todas disponibilizadas no portal de notícias;
- **Portal ZNorte:** Sete menções à Companhia de Reis, entre elas três são em formato de texto, em seu portal de notícias e quatro são vídeos compartilhados em sua rede social (Facebook)¹⁷;
- **Portal Porque:** Quatro menções à Companhia de Reis da Vila Formosa, dentre elas uma reportagem em vídeo¹⁸
- **TV Tem e G1:** Três reportagens em vídeo¹⁹
- **TV Com:** uma reportagem em vídeo²⁰;
- **Diário de Sorocaba:** Até o fechamento deste trabalho, foi encontrada somente uma menção à Companhia da Vila Formosa, em um vídeo publicado no YouTube²¹;
- **TV Câmara:** Até o fechamento deste trabalho, foi encontrada somente uma menção à Companhia da Vila Formosa, em um vídeo publicado no YouTube, esta menção merece atenção por se tratar de um **órgão público de comunicação**²²;

¹⁶ <https://youtu.be/n4vrM-rzqcU?si=cXymAM3Zue5LhY0Q>, acesso em 19 jun 2025

¹⁷ <https://www.facebook.com/share/v/19FKyMTQ3P/?mibextid=wwXIfr> (2018), acesso em 19 jun 2025; <https://www.facebook.com/share/v/12Mj1MGpgR9/?mibextid=wwXIfr> (2018), acesso em 19 jun 2025; <https://www.facebook.com/share/v/16TfKk7UNY/?mibextid=wwXIfr> (2020), acesso em 19 jun 2025; <https://www.facebook.com/share/v/18yiKnxzqr/?mibextid=wwXIfr> (2022), acesso em 19 jun 2025

¹⁸ <https://www.instagram.com/reel/DEhgoCIu5Wg?igsh=dzB6NTBiN281ZDV5>, acesso em 19 jun 2025

¹⁹ <https://globoplay.globo.com/v/3060037/> (2017), acesso em 19 jun 2025; <https://globoplay.globo.com/v/8217968/> (2020), acesso em 19 jun 2025; <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2025/01/06/sorocabanos-celebram-o-dia-de-reis-com-resistencia-e-fe-buscamos-manter-viva-essa-tradicao.ghtml> (2025), acesso em 19 jun 2025

²⁰ <https://youtu.be/3bp-vOw9s4I?si=IMKoJQ6U9oRXb9A9>, acesso em 19 jun 2025

²¹ https://youtu.be/rxi7Y1jKyBM?si=VKFSc_rIpkP6dMJ3, acesso em 19 jun 2025

²² <https://youtu.be/p9WqYAPiTz0?si=DKbIRZasH4iJgd1U>, acesso em 19 jun 2025

- **Agência de notícias da Prefeitura Municipal de Sorocaba:** Até o fechamento deste trabalho, foram encontradas duas menções à Companhia da Vila Formosa;
- **Band Mais:** Até o fechamento deste trabalho, foi encontrada somente uma menção à Companhia da Vila Formosa, em um vídeo publicado no YouTube²³;
- **Gazeta de Votorantim:** Até o fechamento deste trabalho, foi encontrada somente uma menção à Companhia da Vila Formosa;
- **Ipa Online:** Zero menções.

Por meio deste levantamento - que pode, sim, haver erros considerando o pouco tempo para levantamento de informações e outras intempéries como a não utilização de materiais jornalísticos impressos - que é possível chegar a conclusão que: Um empecilho que se dá na sobrevivência desta manifestação é por conta da falta de políticas públicas de incentivo e informação, tornando Sorocaba um “deserto cultural”, outro fato pode ser analisado pela perspectiva de Antonio Candido (2010, p.249-250), que pela própria história da cidade de migrações e urbanização tem como produto a eruditização e “degradação cultural”. Considerando a atual conjuntura, é possível compreender a importância do terceiro setor na propagação de uma tradição, no caso de Sorocaba, este trabalho é realizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos. Este trabalho de apoio ao grupo de cultura popular, vem em duas principais frentes: A divulgação e o apoio financeiro, como foi levantado pelos próprios participantes em conversas informais realizadas durante as jornadas, contudo, a atuação do sindicato será detalhada no tópico a seguir.

²³ https://youtu.be/yrOkaKZIdYg?si=_AcQAAZfFvELrhXU, acesso em 19 jun 2025

Figura 12 - Lei Municipal que inclui a Folia de Reis no Calendário Municipal de autoria do vereador Izídio de Brito (2011)



PREFEITURA DE SOROCABA

II

LEI Nº 9.561, DE 4 DE MAIO DE 2011.

(Inclui no Calendário Oficial do Município o evento Grupo Folia de Reis e dá outras providências).

Projeto de Lei nº 17/2011 – autoria do Vereador **IZÍDIO DE BRITO CORREIA**.


A Câmara Municipal de Sorocaba decreta e eu promulgo a seguinte Lei:


Art. 1º Fica incluído no Calendário Oficial do Município o evento do Grupo Folia de Reis, que se realiza, anualmente, de 25 de dezembro a 06 de janeiro, na Vila Formosa, em Sorocaba.


Art. 2º As despesas decorrentes da execução da presente Lei correrão por conta das verbas próprias consignadas no orçamento.


Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Palácio dos Tropeiros, em 4 de Maio de 2011, 356º da Fundação de Sorocaba.



VITOR LIPPI
 Prefeito Municipal


LUIZ ANGELO VERRONE QUILICI
 Secretário de Negócios Jurídicos


PAULO FRANCISCO MENDES
 Secretário de Governo e Relações Institucionais


RODRIGO MORENO
 Secretário de Planejamento e Gestão, da Cultura e Lazer

Publicada na Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais, na data supra.


SOLANGE APARECIDA TEREVINI LLAMAS
 Chefe da Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais

Fonte: Câmara Municipal de Sorocaba (2011)

Em conversas com a bandeireira - e também gerente da Companhia - ficou clara a importância do reconhecimento midiático, em todo dia seis de janeiro²⁴ para o grupo. Dizem que é uma forma de serem lembrados, o que remete aos estudos sobre a inserção da cultura popular na comunicação de massa, especificado no livro “Dos Meios às Mediações”: “Assim, pensar o popular a partir do massivo não significa, ao menos não automaticamente, alienação e manipulação, e sim novas condições de existência e luta” (Martín-Barbero, 2004, p. 310). Essa aproximação dos veículos de massa, tem uma predileção por parte dos foliões mais antigos, pois eles tem um carinho pela cobertura realizada pelo sindicato, são conhecidos de longa data, tendo fotos disponibilizadas e um vídeo postado no canal do YouTube²⁵ do órgão.

Considerando o prognóstico apresentado acima e considerando a desertificação cultural proporcionada pela administração municipal dos poderes executivos e a atuação do terceiro setor em apoio à Companhia, chegamos ao ponto de convergência de atuação pública na providência de mecanismos de valorização da tradição popular: Izídio de Brito, sindicalista e vereador. Enquanto representante eleito em 2011, o edil conseguiu aprovar uma lei pela Câmara de Vereadores e promulgada pelo prefeito no dia 04 de maio de 2011 pelo então prefeito, hoje deputado federal Vitor Lippi. No texto da lei municipal nº 9561/2011, as apresentações da Folia de Reis são incluídas como apresentações culturais no Calendário Oficial do Município. Porém, assim como um dos objetivos deste trabalho era analisar como se dava a sobrevivência do grupo para além da lei, em adiantamento das conclusões, posso dizer que neste caso na cidade não ocorre de forma satisfatória para o grupo.

Na visita à Catedral, em seis de janeiro, avistei na praça duas pessoas com crachás: servidores públicos. Considerando o conhecimento adquirido e as informações fornecidas na entrevista com a bandeireira sobre a falta de apoio público, não pude deixar de lado e perguntar com sinceridade quais ações eram realizadas, considerando a atual administração municipal de Rodrigo Manga (Partido Republicanos). Ouvindo os trabalhadores deu-se a entender que a única ação municipal é a garantia de que o presépio não seria retirado da Praça Coronel Fernando Prestes - praça da catedral - antes da louvação do dia 06 (seis) de janeiro de 2025. Algo que é garantido ao grupo desde a promulgação da lei municipal nº 9561/2011, que coloca o movimento cultural no calendário oficial do município.

²⁴ Caderno de Campo, 06 de janeiro de 2025

²⁵ <https://www.youtube.com/@smetalsorocaba>, acesso em 28 de junho de 2025

Além disso, cheguei a questionar sobre o custeio financeiro de ações em favor da companhia, o que também tive uma resposta negativa.²⁶ Essa negativa foi explicada em outro momento (30 de maio de 2025), por Izídio de Brito. De acordo com o vereador, eles precisam passar por trâmites burocráticos que os fariam ser vistos como Organização de Utilidade Pública, algo que já é complicado para outras organizações, quem dirá para festeiros. Mas, novamente, de acordo com o edil, isso já está sendo verificado. Já que estou trazendo alguns elementos sobre a atuação do poder público municipal, outro ponto que foi colocado como importante, por Izídio, é a atuação dos servidores sorocabanos em apoio à Companhia. Para o vereador, apesar das adversidades, como a falta de orçamento, os trabalhadores da cultura, são quem, no serviço público, promovem a sobrevivência de manifestações como a Folia de Reis²⁷.

4.2.4 Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba

Quando se fala sobre a Companhia de Reis da Vila Formosa, diversas camadas são necessárias para a compreensão: a fé, a arte, a história de vida dos próprios integrantes que trouxeram suas particularidades que compunham à folia transformando-a em uma manifestação única: nem tão mineira, nem tão paranaense, mas totalmente sorocabana.

Para manter essas particularidades e suas jornadas, não somente um grupo de artistas seria o suficiente, é necessário um aporte que forneça essa valorização necessária. No primeiro momento, pensa-se no órgão público ligado à cultura e patrimônio, no caso de Sorocaba, a Secretaria de Cultura, mas e quando isso não acontece? Aí chegamos ao tópico deste texto, o terceiro setor entra em cena, neste caso em específico, o Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba e Região (SMetal).

Fundado em 1954, o órgão representa os interesses dos trabalhadores do ramo metalúrgico de Sorocaba e região, mas não se fechou somente nesta faceta das representações sociais, como é descrito em seu website oficial.

Já a partir de **1992**, consciente do encarecimento do custo de vida e da falta de acesso a serviços públicos, a direção do SMetal implantou o modo de atuação conhecido como Sindicato Cidadão, com debates e ações para além da fábrica, em defesa de direitos sociais, como saúde, educação, **cultura** e emprego (SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SOROCABA E REGIÃO, s.d., on-line).

Esta vertente de trabalho com as bases sociais foi o suficiente para ligar o sindicato à Folia por meio de um eixo: Izídio de Brito, sindicalista ex-dirigente e hoje vereador. A

²⁶ Caderno de Campo, 06 de janeiro de 2025

²⁷ Entrevista realizada com o Vereador Izídio de Brito, 30 de maio de 2025

aproximação deste personagem com a Companhia se dá por meio de alguns episódios da vida pessoal e profissional.

Apesar desta história aqui estudada se passar em Sorocaba, o entendimento da valorização de manifestações culturais foi enraizado em Izídio desde criança. Nascido e criado na área rural do município de Álvares Machado, no estado de São Paulo, Izídio sempre esteve presente nas folias de reis - aliás, esta era uma das festas católicas favoritas de sua mãe, como o mesmo me relatou. Ao se mudar para Sorocaba e ingressar na metalurgia e no enfoque deste tópico, no Sindicato dos Metalúrgicos, foi essencial na realização do levantamento dos artistas independentes de Sorocaba, e reuni-los no prédio do órgão na tradicional rua “7 de Setembro” no centro da cidade.

Entre os artistas encontrados por Izídio e demais sindicalistas, estava o grupo que mantinha viva a tradição que Izídio acompanhava desde criança, a Companhia de Reis da Vila Formosa. A simpatia foi quase imediata, além de trazerem às lembranças de infância, os líderes da Companhia, José e Eva, moravam próximos ao futuro vereador, o que facilitou ainda mais o diálogo em favor da valorização da cultura caipira.

Após essa aproximação, a Companhia começou a inserir a casa de Izídio, à época na Vila Angélica, em seus “santos itinerários”, ao ponto de os foliões contarem uma história de um milagre acontecido na família do próprio sindicalista, que confirmou a história em entrevista. “A Kátia tem uma história de que quando a Folia passou em casa e o Otávio era pequeno, no mesmo dia ele deu os primeiros passos”, disse o vereador²⁸.

Destes marcos históricos da criação do Sindicato Cidadão e a aproximação de Izídio, a Companhia desde a criação do segmento sindical, começou a receber auxílio logístico e comunicacional da instituição social com o intuito de preservar tradições culturais.

Durante as jornadas foi possível constatar pessoalmente essa relação de confiança criada entre a Companhia e Izídio de Brito - como figura representante do Sindicato dos Metalúrgicos. A confiança, pelo lado dos foliões, é encarada como uma longa amizade. Pelo lado do sindicalista-vereador, o cargo público não o afastou da responsabilidade para com seus protegidos mais idosos, seus familiares e com a formação de uma nova geração de foliões, como ele mesmo citou em entrevista concedida²⁹. Começando pelo que vejo ser mais rápido de ser explicado, o apoio comunicacional que o sindicato - lê-se Izídio - dá aos foliões:

²⁸ Entrevista com o Vereador Izídio de Brito no dia 30 de maio de 2025

²⁹ Entrevista com o Vereador Izídio de Brito no dia 30 de maio de 2025

- De acordo com o portal de notícias da instituição, na década de 2010 o SMetal recebia a Companhia de Reis para uma apresentação e visitação. Todas elas cobertas³⁰ pela equipe de comunicação do Sindicato e disponibilizadas em seus canais de divulgação, à época o website e o YouTube. Hoje essa visita não acontece mais, mas de acordo com as fontes ouvidas neste trabalho, a falta de visitas se dá pela agenda não compatível;

- Uma ação comunicacional já não mais realizada pelo órgão é a curadoria de um acervo artístico e jornalístico do grupo.

De acordo com Izídio³¹, o grupo tem fitas VHS com gravações de reportagens e entrevistas concedidas pelo grupo neste tempo de parceria com o órgão. Entre elas, uma inserção no Jornal Nacional, além de fotos e um CD. Este material fonográfico, eu encontrei à venda no Mercado Livre, mas ele já estava indisponível, infelizmente. É interessante compreender que este acervo está sob cuidados do Sindicato dos Metalúrgicos, porém, como este trabalho se propõe a discutir a sobrevivência e não necessariamente realizar um levantamento midiático³², considero um próximo passo deste estudo que explicarei melhor nas considerações finais.

As ações de apoio comunicacional que se mantêm firmes são: Os registros fotográficos da Festa da Chegada, na Vila Formosa, e também o apoio nas inserções na imprensa local, com Izídio conversando com alguns jornalistas que estejam no dia 06 de janeiro, na Praça Central, para que os profissionais conversem com os foliões, o que é conhecido no cotidiano das redações como “cavar pauta”.

Passando agora para o que observei como central no relacionamento entre Sindicato - Izídio - e os foliões e, não só arrisco dizer, mas ouvi dos próprios foliões como a base para a sobrevivência das jornadas da Companhia de Reis até hoje, o apoio logístico. O que antes começou com uma ajuda eventual, ao longo dos anos, foi deixando de ser algo simples, feito pela devoção de um sindicalista e foi se tornando imprescindível ao grupo. Em primeiro lugar, como será melhor explicado no tópico “Santos Itinerários”, os foliões já não se encontram residindo na Vila Formosa, como no início dos anos 1990, a companhia se espalhou e vive em diversos bairros de Sorocaba e até em outras cidades, como Itu e Iperó, sendo assim, um transporte unificado por meio de uma condução - nova e totalmente equipada para conforto dos foliões, sem ter nem mesmo a preocupação com motoristas ou combustíveis -, é

³⁰ jargão jornalístico de acompanhamento de eventos para escrita de reportagens

³¹ Entrevista com o Vereador Izídio de Brito no dia 30 de maio de 2025

³² Caderno de Campo, 30 de maio de 2025

disponibilizada de outubro à janeiro, mas também em outras datas que sejam necessárias como em encontros de Folias de Reis em outras cidades paulistas ou na apresentação deste projeto, por exemplo.

A decisão do apoio logístico da equipe foi tomada por Izídio, por considerar desgastante aos membros que à época já se aproximavam da velhice, mas o episódio que foi decisivo para a decisão de Izídio se deu após um episódio preocupante relatado por Eva em entrevista realizada no dia 20 de dezembro de 2024.

De acordo com o casal de fundadores, apesar da posição de liderança, fora, no cotidiano, sempre foram pessoas muito simples e trabalhadoras; sendo assim o casal não tinha uma condução própria e ia até o ponto de encontro com os companheiros de transporte público³³. Saíam muito cedo e chegavam tarde, por conta das longas jornadas e traziam consigo as doações em dinheiro e mantimentos para a festa da chegada, **o que os deixavam ainda mais vulneráveis a assaltos e furtos e foi o que aconteceu**³⁴.

Somado ao apoio logístico essencial para que os foliões possam ter pelo menos neste período do ano a oportunidade de exercer seu direito à cidade, outro “empurrãozinho” dado por Izídio e o Sindicato é no apoio para que a Festa da Chegada ocorresse de forma satisfatória para todos, uma vez que nem sempre as doações são suficientes e que não há institucionalizada a função de festeiro do ano, tudo é feito pelos participantes da Folia de Reis nas funções e cozinheiras e da decoradora (explicado acima).

Para a realização da festa de Santos Reis, é tradição o pedido de prendas e ajudas financeiras para o custeio das festividades, tanto que isso é quase unânime nas letras das toadas, o que vi na maioria das visitas foram doações pontuais, mas que fariam a diferença na hora de cozinhar o jantar da Festa. A maioria das prendas foram recebidas já nas últimas visitas, como um fardo de refrigerantes prometido por um comerciante vizinho ao Paranazinho³⁵. Considerando o papel de apoio do Sindicato, então, para que tudo fosse especificado, perguntei a Izídio sobre o custeio da festa, se era feito na totalidade pelo SMetal, ele negou. “o Sindicato complementa o que for necessário para que o jantar ocorra para os participantes, familiares e demais pessoas que estiverem” (Izídio de Brito, 2025)³⁶.

³³ Entrevista com Eva Borges (Bandeireira) concedida no dia 20 de dezembro de 2024

³⁴ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024

³⁵ Caderno de Campo, 06 de janeiro de 2025

³⁶ Entrevista com o Vereador Izídio de Brito no dia 30 de maio de 2025

Apesar do apoio do órgão, Izídio garantiu - e a informação foi confirmada por Eva - que as doações nunca foram insuficientes e até mais, por vezes, havia excedente de arrecadação, este sempre doado à igreja³⁷.

Todo este trabalho realizado pelo Sindicato e observado por mim, tanto na Festa da Chegada, quanto na conversa com Izídio, não é visto pelos demais membros como favoritismo, mas sim como uma ação social de base, assim como outras ações, tais como, o Cine SMetal, as aulas de teatro. Portanto, chego à conclusão que o Sindicato Cidadão tem como sua vertente, também, o resgate e a valorização cultural em tempos em que as políticas públicas de cultura são escanteadas.

Por fim, é importante ressaltar que sempre que o assunto sobre as partes técnicas da companhia era tocado em nossas conversas, o nome de Izídio de Brito era citado, a logística, a festa e os eventos todos devido ao cuidado de Izídio de Brito, tal qual um padrinho. Olhando no sentido contrário, é notório um cuidado do vereador com o grupo; sendo assim, a preservação da cultura foi um caminho para a construção de laços.

4.3 PERTENCIMENTO À CIDADE E OS ATRAVESSAMENTOS TERRITORIAIS E CULTURAIS

4.3.1 Os santos itinerários - Santos Reis Magos

Como é escolhido o local de uma jornada? Quem define a rota? Há, por trás, a tradição de seguir uma direção oriental-ocidental (Brandão, 1981), como os santos que dão nome à festa? Essas foram algumas das perguntas que me acompanharam na minha primeira jornada com os reiseiros, em dezembro. No entanto, o que vivi e ouvi foi ainda mais peculiar do que qualquer *checklist* tradicional. Como reitero ao longo deste trabalho, a Companhia da Vila Formosa pauta sua sobrevivência na tradição vivida, não em padrões rígidos. Antes de descrever o trajeto em si, é importante refletir sobre um aspecto que torna essas jornadas possíveis: o transporte e os atravessamentos. Milton Santos (2006) discute a desterritorialização provocada pela mobilidade compulsória nas cidades. O que antes eram raízes, hoje se torna efemeridade. No entanto, para não cair no esquecimento, a Companhia se apropria dessa lógica: usa o deslocamento a seu favor, como estratégia de sobrevivência

³⁷ Caderno de Campo, 06 de janeiro de 2025

cultural. Eles não apenas se deslocam; eles vivem o local como quem o habita, como um "homem lento" (Santos, 2006, p. 220) que observa, aprende e transforma, contrariando a lógica da velocidade urbana.

A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro. Essa tese ganhou tal força que hoje, diante de uma sociedade uma cultura em perpétua agitação, a cultura do movimento é apontada como o dado essencial da desagregação e da anomia (Santos, 2006, p. 223)

Pode parecer contraditório eu falar, ao mesmo tempo, de deslocamento e de lentidão. Mas é exatamente nesse balanço temporal que a consolidação da memória coletiva acontece. A Vila Formosa é o **ponto de partida**, o marco zero do grupo. Ali eles são reconhecidos e valorizados. Mas, numa era de "homens rápidos", como bairros distantes teriam contato com essa manifestação, se ela não se deslocasse? O transporte usado pela Companhia é mais que um meio físico: é o veículo que dá a eles o direito de existir na cidade, ou melhor, como é explicado por Lefebvre (2011), obtendo um pseudo direito à cidade resumido ao pequeno calendário da jornada, no restante o que se tem de cultura rural e campesina é escanteada.

Enquanto eu mesma ia ao encontro dos foliões, em transporte próprio, pensava: sem esse facilitador e traço restante de direito à cidade para o deslocamento, aquele encontro e aquele itinerário jamais aconteceriam. Após compreender que o deslocamento era o principal processo de resistência cultural, busquei compreender a vivência da jornada, das escolhas, de anotar o compreensível e o incompreensível e viver o que é essa companhia.

Como também vivenciei Brandão (1981), é consenso que os foliões andam, andam muito e param pouco, sendo somente nas casas onde cantam e as que oferecem pouso, mas no caso de Sorocaba me atrevo a dizer que as caminhadas são ainda mais extenuantes, explico comparando o que vivi com o que foi relatado pelo autor: “No período de uma quase tarde inteira os foliões de Dona Matilde não caminharam mais de uns 500 metros. Mas estiveram cantando em mais de 12 quintais, um pouco em cada um” (Brandão, 1981, p. 24). Certo, nesse trecho citado, Brandão compara o pequeno trajeto à quantidade de casas. Minha vivência em Sorocaba vai pelo caminho contrário, com exceção à Vila Formosa, uma casa recebia a folia há cada 300 metros, desta forma o tempo de deslocamento e espaço percorrido a pé supera a quantidade de casas, o motivo, ao meu ver, o próprio explica: “Essa gente de herança

camponesa canta para uma audiência já bastante esquecida coisas da roça, ou canta para uma gente que nunca viveu (Brandão, 1981, p. 23).

Refletindo acerca da experiência de acompanhar os deslocamentos da Companhia e sobre o planejamento das visitas, me ocorreu que tentar explicar algo que para mim ainda era incompreensível, somente seria possível reproduzindo o que me foi dito: Já se aproximava o meio-dia e os sinais de cansaço já estavam presentes nos rostos, mesmo que tentassem disfarçar. Um dos motivos que ao meu ver colabora com este cenário é o confuso itinerário montado por Eva. Dentro da Vila Angélica passávamos pelo menos duas vezes pela mesma rua, sei que era meu dia de observar, mas não me contive e perguntei ao grupo de mulheres que andavam mais lentamente:

- “Como vocês escolhem onde vão? Percebi que andamos algumas vezes na mesma rua”
- “Nós só seguimos a Eva, pergunte à ela”
- “Vocês nunca tiveram curiosidade?”
- “Não”

Segui o conselho dado pela instrumentista responsável pelo afoxé e enquanto o Bastião chamava em uma casa me aproximei, perguntei e a resposta ainda ecoa sem explicação para mim:

- “Me disseram que a senhora que monta os itinerários. Como a senhora faz?”
- “Eu vou onde os Santos Reis mandarem”, respondeu (Caderno de campo, 22 de dezembro de 2024)

Era quase impensável que o grupo saísse “sem rumo”, tendo somente o “ponto A” onde tinha o café e o “ponto B” do almoço. Por isso, trago novamente o estudo de Brandão (1981), sobre a produção do “mapa da trajetória da folia” para estabelecer algum tipo de interpretação:

Dias, às vezes meses antes, os mestres acertam com moradores da periferia rural de Caldas a trajetória da Folia. Alguns moradores pedem a passagem da bandeira por suas casas. Outros aceitam que ela passe por lá (Brandão, 1981, p. 25).

De posse da relação dos lugares por onde a Folia vai passar, os mestres estabelecem o seu roteiro, dividindo o total de casas, segundo a sua direção e proximidade, pelos dias de jornada. Antes da Companhia de Santos Reis sair pela porta da casa onde foliões se reúnem na noite de 31 de dezembro, todos sabem por onde vão passar, em que casas vão parar e em quais vão comer e dormir (Brandão, 1981, p. 25).

Por contraste ao estudo de Brandão (1981), é interessante ressaltar que a Companhia da Vila Formosa não tinha a proposta do acerto *a priori* da trajetória da Folia. Compreendi novamente que, do meu local de observação, não me cabia sugestões de melhorias dos trajetos. Percebi que realmente, talvez, se tratava da fé vivenciada e daquilo que dá vida ao grupo, pois nas caminhadas, as conversas são colocadas em dia, mudanças nas paisagens são

observadas, eles são parados na rua por pessoas que os reconhecem por sua história de infância ou dos materiais jornalísticos, então me afastei de querer encontrar uma resposta do porquê, pois ali estavam os sábios “homens lentos”.

5. A JORNADA VIVENCIADA

5.1 PRIMEIROS CONTATOS: DA EUFORIA AO DESESPERO

Os relatos dos textos a seguir - não só esse como os próximos -, são retirados inteiramente de meu caderno de campo, escrito em formato narrativo dos fatos observados com o intuito de aprofundar a experiência de leitura no contexto da realidade experimentada, junto à Companhia de Reis da Vila Formosa; bem como, compartilhar as experiências de campo, nesta primeira escrita, ainda sem maiores filtros ou censura.

Nem sempre a história de amizade construída em um “filme B” hollywoodiano é mentira, a vida imita a arte, sim, e aqui nesse relato segue a prova disso.

Era o início da minha pesquisa, em dezembro de 2024, com o coração na mão por estar começando algo do zero àquela altura do campeonato. Estava nas primeiras conversas sobre como realizar uma pesquisa sobre cultura popular e ouvi: “você vai ter que fazer trabalho de campo, entre em contato com eles” e aí que tá: como entrar em contato... Sem contato? Eu iniciei o projeto sobre Folia de Reis, na coragem, mas sem pensar muito em como fazer, mas iria. Na breve orientação ainda com a saudosa professora Teresa, ela me disse: “Você não é repórter? Como um jornalista encontra suas fontes? Faça o mesmo, sem medo”. - Este é um recado aos meus colegas jornalistas que, assim como eu, tem receio da vida acadêmica por ser um profissional generalista: reportagem é processo científico - a partir deste conselho, me revesti da coragem e da falta de vergonha que um repórter tem quando quer contar uma história e, com o telefone do professor Carlos Cavalheiro em meus contatos, mas nunca tendo conversado com o mesmo, mandei uma mensagem - ou um pedido de ajuda.

Recebi prontamente um retorno do professor com alguns números de telefone e uma advertência, por ele não saber se aqueles ainda eram os contatos, ou se as pessoas ali citadas ainda se encontravam na festividade, “o que tenho a perder?”, pensei comigo mesma e entrei em contato com o primeiro número enviado. Não conhecia a hierarquia e nem sequer as pessoas que faziam parte do grupo, então cliquei no primeiro número enviado em ordem alfabética, era Antônia. Primeiro enviei uma mensagem por texto, me apresentando e contando muito brevemente o motivo do meu contato. O retorno foi quase imediato e por ligação. Naquela rápida e cortês conversa, “Toninha”, como eu a chamaria depois, me explicou brevemente sobre as visitas da *Companhia* - seria a primeira vez que ouvira esse termo - sobre a liderança de Eva e José - sim, nesta ordem que explicarei melhor mais tarde -

e, por fim, que ela não poderia colaborar muito com o meu pedido, pois estava afastada da Companhia naquele ano, por motivos de saúde. Através desta conversa soube que o avançar da idade e os adoecimentos de membros da Companhia têm sido um dos empecilhos para a reunião do grupo.

Se, por um lado, Antonia parecia estar muito animada devido ao fato de alguém estar interessada pela história de “um grupo de velhos”, e essa recepção me deixou animada; de outro, e na tentativa de me aproximar de outros membros da Companhia para apresentar minha intenções de pesquisa, tal recepção favorável não foi imediata. Antonia anunciou que falaria com “Eva”, o segundo nome na lista de contatos que Carlos Cavalheiro teria me passado. Eva é a pessoa que está “à frente da Companhia” e que, portanto, “deveria dar a autorização” sobre meu estudo ou não. Compreendi, agradei e este foi o primeiro fio de esperança.

Por volta de uma hora após esse primeiro contato, um número desconhecido me liga, “você queria falar comigo? é a pessoa que quer fazer um estudo?”, disse Eva apreensiva ao telefone. Me apresentei ao telefone e vendo a apreensão, busquei da forma mais calorosa possível falar que já conhecia o trabalho dos Foliões nas visitas à Comunidade São José. “Ah, mas você quer fazer um estudo de que?”. Busquei explicar com exatidão e clareza o meu estudo e minhas intenções como pesquisadora, de forma que não houvesse dúvida sobre minha índole.

Neste momento da conversa, ainda receosa, Eva começou a me falar um pouco sobre a Companhia, ali mesmo, pelo telefone, e eu a ouvi com a maior atenção possível, porém naquele momento não conseguia fazer as anotações necessárias. Após a fala resumida sobre o que era uma Folia de Reis, agradeço profundamente a explicação, mas que menciono que eu gostaria de fazer entrevistas, participar do grupo, para fazer uma pesquisa aprofundada. Veio então a resposta: “ah, fia, eu não sei se a gente quer não”. Um gelo na espinha tinha me tomado naquela hora, “e agora?”. Busquei explicar a necessidade de se contar aquela história e que não seria somente uma reportagem, mas que eu seria como integrante no grupo, mas com uma função diferenciada. Não sei se o desespero transpareceu em minha voz ou algo à tocou: “eu vou pensar um pouco e conversar com meu marido, depois eu te retorno”.

Apreensão. Ansiedade e meu WhatsApp toca.

Eva Borges, revestida de uma segurança não vista antes, me envia um áudio, agora em tom mais autoritário, questionando-me sobre quem eu era, sobre o que era meu trabalho e o porquê da escolha em falar sobre a Companhia da Vila Formosa. Eu já estava preparada para diversas possibilidades de retorno, pois é comum que haja o receio com pesquisadores, pela

insegurança de serem usados, essa não era realmente minha intenção, por isso compreendi o sentimento.³⁸

Depois do interrogatório pela parte de lá - que essa desconfiança eu compreenderia depois - e minhas tentativas de convencimento pelo lado de cá, eu consegui, em partes, convencê-la a pelo menos me conhecer. A entrevista foi marcada para a tarde do dia seguinte. E naquele dia eu terminei aquele assunto assim como ver seu/meu time empatar um clássico.

5.1.1 A primeira entrevista e as relações de poder constituídas

Cheguei pontualmente às 15 (quinze) horas e fui recebida primeiramente por José Coppi que me pareceu tanto quanto ressabiado, especialmente por mais uma estranha pesquisadora entrar em sua casa atrás de sua história, preferiu chamar a esposa para me abrir o portão. Eva então abre o portão e me convida à entrar.

Nos apresentamos, ela me convida à sentar onde ficamos em um semicírculo que à minha esquerda estava o Bastião da Companhia, o jovem Miguel (13 anos) - que por motivos éticos em pesquisa não dirigi perguntas por conta de sua pouca idade -, ao meu lado direito José Coppi e ao lado, no braço do sofá, sua esposa. Eva me explica que Miguel estava lá preocupado com o casal fundador, pois não me conheciam, mas também para me avaliar, a partir do que eu perguntasse. Sim, estava sendo julgada até mesmo pelo jovem Bastião e percebi como se daria a hierarquia e relações de poder dentro da Companhia. Elas, as relações interpessoais, são colocadas em prática como um guarda-chuva. Todos estão abaixo do casal fundador que sustenta o grupo e todos devem respeito e até proteção, já que são os portadores da sabedoria, da tradição; em contrapartida, o casal depende muito dos outros membros para sustentação do grupo, assim, nunca estão só. Pelo visto eu teria que, em parte me submeter a ser coberta pelo guarda-chuva³⁹.

Antes mesmo de iniciar as perguntas, o casal me explica o motivo de me chamarem primeiro para conversar e contam sobre motivações pessoais - que não irei explicitar à pedido deles - para esse sentimento de desconfiança para com pesquisadores e jornalistas, após isso sou questionada, de forma firme, a respeito de ter entrado em contato primeiro com Antônia. Busquei de forma respeitosa explicar a situação que chego a essa temática de pesquisa e que meu contato com a foliã, sem a autorização prévia da gerente da folia, seria somente por ter seguido a “ordem alfabética” da lista de contatos que tinha em mãos. Pareceram compreender meu argumento e começaram a baixar a guarda.

³⁸ Caderno de campo, 19 de dezembro de 2019

³⁹ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024

Apesar da carreira jornalística, técnicas de entrevista e afins, nada disso conseguiu conter minha insegurança, contudo, no decorrer da conversa e com as minhas sinceras intenções expostas, pude me soltar mais e a sonhada entrevista aconteceu com sucesso. Todavia, como diz Racionais MC's (1994) “a confiança é uma mulher ingrata” e, por um momento esqueci-me do meu próprio julgamento e quase pus tudo a perder: O gravador já estava desligado, pois já estava de saída, só faltava mesmo confirmar o endereço da jornada que aconteceria no domingo, dia 22. Ao ser lembrada da minha orientação em ser apenas observadora, aconteceu o que nenhum jornalista deixa passar. Eva me disse: “vou te mostrar **com quem você pode falar**, não é todo mundo”. Imediatamente, e de modo educado, respondi-lhe: “desculpe, Eva, mas meu trabalho depende de ouvir a quem quiser falar, não posso me subordinar nessa parte e perder alguma informação importante”. Pensei que talvez estivesse colocando tudo a perder. Fui salva por José: “Eva, deixe ela falar com quem quiser, é como ela age com a gente que vai mostrar quem ela é”⁴⁰.

5.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

5.2.1 A primeira visita e o almoço

Era o último domingo antes do natal e a apreensão se teria visitas ou não era grande, porque aquela manhã amanheceu chovendo. Acordei bem cedo, me arrumei e mandei mensagem para Eva para confirmar a visita e o local, eram sete da manhã.

Demorou um pouco o retorno dela, já estava quase desistindo da visita quando finalmente meu celular tocou, Eva me perguntando se eu realmente iria, pois eles iam começar as visitas naquele momento que ela mandou a mensagem. Não tive nem tempo de pensar que eu já tinha mandado a mensagem há pelo menos meia hora, só entrei no carro e fui em direção à Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Angélica. Eu não sabia qual era a casa que a equipe da Companhia estava, então fui em direção à igreja, por fé, mas também por que eu poderia ouvi-los, caso minha intuição estivesse certa... E estava.

Ao chegar na rua lateral da igreja, vi as brilhosas camisas turquesas em uma casa há poucos metros da igreja e a toada já estava acontecendo. Eu já sabia que eu não poderia ter muito contato durante a jornada daquele domingo, então com apreensão escrevi minha primeira nota oficial durante as jornadas.

Eu estava com o coração na mão, com medo de não achá-los ou que ao achar a equipe, não ser bem recebida. Eu estava praticamente proibida por Eva, de conversar

⁴⁰ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024

com o grupo durante a jornada, esse domingo seria realmente uma **observação** (Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024).

Como eu não sabia se eles realmente iriam cantar, por conta do mau tempo - que depois se tornou um lindo e forte sol -, minha intenção era participar com eles desde o início, no café da manhã... Chegando ao local em que ouvia a toada, o café já tinha sido deixado para trás há algum tempo. Bem, tirando este fato que considero engraçado para o meu primeiro dia, acompanhei timidamente a primeira casa, durante o cântico, onde os foliões cantavam e olhavam de forma curiosa para mim, mas permaneci tal qual uma pedra de mármore - assim como pedido na tarde anterior. Ao final do canto e atendimento aos foliões com água e afins, eles seguiram em direção à porta de saída, até que a moradora pediu gentilmente uma foto com a Companhia, todos se reuniram de forma alegre - menos Eva, que parecia ainda incomodada com a minha presença, mesmo que eu tenha falado nada.

Fotografia 13 - Jornada na Vila Angélica - Sorocaba/SP



Fonte: Da autora (2024)

Enquanto a primeira visita acontecia, o clima de apreensão aumentou, pois quando me chamaram para participar com eles da foto e um sonoro “não vai” de Eva ecoou na garagem. O que fez pensar que, talvez, devesse me retirar. Mas logo em seguida me pediram para tirar a foto para eles. O que fiz de forma respeitosa. Eva, entretanto, talvez como uma forma de proteger o grupo da presença de uma pessoa desconhecida, se assegurou que eu não tivesse feito as fotos com o meu celular. Até tirei fotos depois, mas lembrando meu tempo de estagiária na Secretaria de Comunicação Municipal, onde nas escolas eu me desdobrava para tirar fotos minimamente boas, sem que os rostos das crianças aparecessem, assim fiz⁴¹.

Após essa cena e com o clima estranho, mas atenuado pelos demais foliões, seguimos em direção à Vila Angélica. Não compreendi porque não se passava em todas as casas de uma rua, tal qual a tradição da Bandeira do Divino, que o casal fundador também participa em sua respectiva paróquia⁴² e esse incômodo ainda permanece, até o momento da entrega deste trabalho, como expliquei nos tópicos anteriores. Como havia um espaçamento entre as casas e neste momento, não eram entoados cantos ou orações - como uma via sacra - não havia como proibir os foliões de se aproximarem, mas antes, eu ficava atrás alguns passos do grupo, para observá-los. Apesar da idade, na rua eles andavam tal qual um grupo de adolescentes que saem das escolas, se juntavam em núcleos menores, riam, conversavam e brincavam entre si. Isso permaneceu sem que lembrassem da minha presença nas primeiras ruas, mas chegava a hora de “falar do elefante no meio da sala”, eu.

Era evidente a curiosidade dos foliões e a vontade de saber mais sobre meu trabalho, tanto que essas perguntas só puderam ser sanadas com mais aprofundamento somente no dia 06 de janeiro, já que a recomendação de Eva à mim desde nossa primeira conversa no dia 20 de dezembro, seria a de “incomodar o mínimo possível os foliões e que conversasse com eles somente na parada do almoço, para que eles não perdessem o foco da missão” (Eva Borges, bandeireira). Provavelmente, ela tenha dado a mesma orientação ao restante do grupo, de ignorar minha presença, porém os foliões escolheram ignorar... A bandeireira.

Enquanto aconteciam as longas caminhadas pelas ruas do bairro, sem cantar nas casas, como expliquei acima, em comparação ao texto de Brandão (1981), um a um foram se aproximando, queriam saber mais sobre mim, o que eu estava fazendo e em que eles poderiam

⁴¹ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2025

⁴² Outra tradição do catolicismo popular brasileiro, nesta, em especial, a companhia de reiseiros que passam de casa em casa levando aos fiéis a “Bandeira do Divino”, representando a visita do Espírito Santos e seus dons. As jornadas acontecem no período de 50 dias que separam a Páscoa, da Festa de Pentecostes

colaborar. Na conversa rápida se apresentavam e perguntavam sobre mim; alguns falavam sobre seu tempo de companhia, outros qual era sua função, mas de pouco foram me tirando da posição de observação participante para participação observante⁴³.

Eu tentava me manter o mais neutra possível, seguindo a metodologia - contudo, diziam na graduação em jornalismo “neutralidade é uma falácia”, e eu concordo -, assim tentava não trazer a atenção para mim, eu dava respostas rápidas e tímidas, com medo de acabar piorando o clima que já não estava dos melhores. Nas primeiras aproximações de Olga, uma das mais idosas da companhia já se aproximando dos 90 anos, Eva chegou a intervir, falando que eu não poderia falar com os foliões, somente vê-los e acompanhá-los, porém, ao ver que era uma guerra perdida, nas ruas seguintes Eva acabou “largando a mão”.

Andamos. Andamos. Andamos. Em cada parada uma nova toada, sem perder o ritmo, apesar do cansaço aparente dos músicos. As primeiras toadas foram cantadas por José Coppi, porém, após a segunda hora de visita, mais ou menos, elas começaram a ser realizadas pelo seu ex-genro, José Esmerindo, segundo embaixador - e único “familiar” que leva a tradição dos Coppi à frente. O motivo da divisão de responsabilidades na Companhia é a saúde fragilizada de José Coppi que, naquele momento de pesquisa, aguardava a liberação de procedimentos médicos delicados que deixarei de fora os detalhes, a pedido do próprio.

As casas, com o passar das horas, ficavam mais espaçadas e as distâncias, conseqüentemente, maiores. Como é possível lembrar no relato e explicação acima, os itinerários das jornadas de Reis de Sorocaba são intrigantes, não seguem um trajeto linear, tanto que não consegui nem mesmo colocar de forma clara em minhas anotações pessoais, desta forma precisei quebrar a regra de “não falar com os foliões”, pois este fato, era muito intrigante.

Intrigante, pois era impossível detalhar um trajeto linear ou objetivo, um mapa de visitas (Brandão, 1981), era somente a fé. Explico de forma mais detalhada a escolha dos itinerários e suas implicações em alguns tópicos acima, porém, nesta primeira visita o que me causou dúvidas, para os demais cantadores, aquilo era mais um domingo de visitas espaçadas. A falta de um itinerário, porém, tem uma explicação diferente dada por Izídio de Brito (64), em entrevista concedida, no dia 30 de maio: apesar do espaço cedido na imprensa e os apoios, por se tratar de uma cultura ruralizada e de cunho popular, tem menos penetração nas paróquias, tendo como produto a falta de aceitação de parte dos católicos da região visitada, o que também é descrito por Brandão (1981, p. 23). Ainda que tenha essa explicação e essa barreira, o grupo tinha algo sempre como seu norte, a disciplina à Eva e seu esposo, o

⁴³ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024

Embaixador, assim, mesmo com a resposta sem grandes explicações técnicas para mim - e provavelmente para os demais -, a demonstração de fé individual se espalhou para o coletivo por meio da obediência⁴⁴.

Passada da quarta hora de caminhada, os foliões já reclamavam de fome, de idade avançada e alguns com doenças crônicas, como diabetes, não poderiam passar muito tempo em jejum associado ao esforço físico da extenuante caminhada e cantoria, mas mesmo com os apelos e cantos dos foliões sobre a necessidade básica - sim, em uma das toadas Esmerindo falou da fome que sentia durante o canto - chegamos à casa que seria servida a refeição, e isso era por volta das 13 horas.

A casa estava cheia para receber os foliões. A família que os acolheu reuniu-se em peso para poder fazer o grande banquete rural e também para aproveitar juntos, colocando as conversas em dia. A Companhia chegou e cantou com uma vitalidade como se fosse a primeira casa do dia. Se desfizeram das fardas e chapéus, guardaram os instrumentos e a bandeira em um quarto previamente arrumado, e ali acabara a primeira parte da missão do dia. Ao chegar na casa que seria o almoço eu até me assustei, porque ninguém tinha me avisado que seria ali. O misto de surpresa foi aumentando ao vê-los tirando as camisas e sentando como se estivessem chegado em suas casas. Estavam todos famintos e vi que não era o momento oportuno para conversar - sim, eu estava com vergonha -, então fiz um pouco mais do que já tinha feito desde cedo, observei. Esperei todos tirarem a comida e, sinceramente, me senti confusa... Eles estavam se divertindo ou discutindo? As brincadeiras sobre a vida amorosa de Zé Mineiro e outros assuntos tinham um tom de seriedade, mas ao mesmo tempo era tratado de forma jocosa, algo que só muitos anos de intimidade seria possível acontecer sem que houvesse realmente um mal-estar⁴⁵. Este trecho em especial que no momento me trouxe uma angústia curiosa, depois fui percebendo que até mesmo o riso e os chistes são marcadores culturais que fazem sentido naquele espaço e com aquele núcleo social. Rir é fisiológico, mas rir de quê e como, é social, explica Laraia (2001, p. 69).

Depois de comer com eles, sentei-me na garagem, onde a maioria dos instrumentistas estavam sentados, alguns já estavam de olhos fechados, em um breve cochilo. Ali eu finalmente pude conversar um pouco melhor com os foliões. O primeiro a se aproximar foi o pandeiroiro e segundo embaixador, Zé Esmerindo. Ele buscando me incluir no grupo, contava - e mostrava - vídeos de outra companhia próximo à sua cidade natal e, por coincidência, é na cidade da minha família paterna, Ribeirão do Pinhal, no Paraná. Aquilo foi o fio que precisava

⁴⁴ Caderno de Campo, 22 de dezembro de 2024

⁴⁵ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024

para que o gelo fosse quebrado, Elza se aproximou logo que ouviu sobre meu parentesco e começou a me mostrar outros vídeos e fotos de outras companhias que trabalham para valorizar a “tradição que existe desde que o mundo começou” (Elza, 66)⁴⁶

Depois que já estava mais enturmada, mas já próximo da minha hora de ir embora - tinha combinado com Eva que participaria no primeiro dia de metade da jornada, para que também os foliões fossem se acostumando com a minha presença -, Eva saiu da mesa e veio conversar comigo, falando um pouco sobre a tradição da recepção dos reiseiros e como isso se adaptou com o tempo, assim como Brandão (1981) também observou:

Na verdade, como quase ninguém saberia ao certo o que fazer se aquele estranho grupo de três cantores e um mascarado entrasse na casa, quase ninguém convida para que entrem. O almoço e janta são às vezes feitos na casa de um parente ou de um conhecido, às vezes feitos na casa de um dos foliões, em geral a de Dona Matilde. (Brandão, 1981, p. 24)

O que, em parte, dialoga com o relato de Eva sobre a dificuldade atual de se conseguir um local para o “pouso do almoço”, e como ela se desdobra para que familiares de antigos “pouseiros” continuem a tradição familiar. Como foi o caso observado na Vila Angélica, de acordo com a Bandeireira, os anciãos da família tinham a tradição de receber os foliões todos os anos, onde faziam fartos almoços e cafés naquela mesma cozinha onde comemos, com um lindo e enorme fogão à lenha, mas isso aconteceu até por volta de 2021. Eva me conta discretamente que, com o falecimento dos anciãos, a família, ainda vivendo o luto, deixou de ser ponto de apoio por volta de dois anos. Eu não sabia, mas naquele domingo que estive presente, a festa - sim, pois toda parada é uma festa para os reiseiros - era em dobro, porque os foliões voltaram à antiga estadia após esse hiato⁴⁷.

Ao final daquela meia jornada - para mim -, despedi-me os companheiros de jornada, deixando-os mais à vontade para continuar sua missão sem serem observados. Ao final da longa caminhada (veja mapa abaixo com o raio de visitação), saí de lá com a sensação de primeira etapa cumprida. O primeiro mergulho (Geertz, 1973, p. 21) tinha sido dado. Consegui me enturmar e, principalmente, saí de lá com o início de uma boa parceria com Eva, pois consegui mostrar com minhas poucas palavras que não estava ali para objetificá-los, ou melhor, consegui transpassar as barreiras culturais e conversar (Arantes, 1998, p. 27). Mas uma última dúvida ficou: Eu, nos meus 27 anos, saí desta caminhada completamente destruída fisicamente, então, como os reiseiros nesta idade conseguem caminhar tanto e com

⁴⁶ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024

⁴⁷ Caderno de Campo, 20 de dezembro de 2024

tamanha vitalidade? Saúde preservada pela cultura do chão e também pela devoção aos Santos Reis.

Figura 14 - Raio de visitação da Vila Angélica - Sorocaba/SP



Fonte: GOOGLE MAPS - EDIÇÕES DA AUTORA (2025)

5.2.2 Epifania do Senhor, o retorno à paróquia e a Fazenda Ipanema

Era domingo de manhã, 05 de janeiro. Estava muito animada pois seria meu segundo encontro com os companheiros de jornada - na visita do domingo, dia 29 de dezembro de 2024 não pude estar presente - e um dia muito importante para mim, era a missa de Epifania do Senhor na Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística, paróquia responsável pela Comunidade São José, berço da Companhia de Reis da Vila Formosa, mesma que participo com frequência.

A missa iniciava às oito da manhã, mas combinei com Eva que estaria lá vinte minutos antes da celebração começar. Assim o fiz. Como era a primeira vez que os reiseiros cantavam

fora da Comunidade São José, a euforia do povo era grande; consegui ver o lado interno da igreja por uma janela voltada para a rua e tinha um público considerável de fieis que participariam da missa, mas que também queriam ver essa cultura material. Apesar dos anos de estrada e incontáveis casas e igrejas a serem visitadas, a Companhia também estava ansiosa, seria a primeira vez cantando na matriz paroquial.

Cheguei ao local e todo o grupo já estava reunido para o lado de fora da igreja, todos mesmo, até Izídio acompanharia os reiseiros naquele domingo. Na calçada, os foliões cumprimentavam os que passavam, riam entre si e conversavam com o padre que acabava de se aproximar deles, contando histórias de anos anteriores. Apesar do gelo já ter sido quebrado e todo o grupo já me conhecer como “a moça da faculdade”, quando eu dizia que fazia parte da paróquia e que já os tinha visto anteriormente, os foliões pareciam não acreditar totalmente em mim, até aquela manhã.

Cheguei, cumprimentei a todos, falei com Izídio sobre alguns detalhes técnicos de apoio ao grupo, como filmagem da entrada, fotografias e trocamos telefone. Após esse pequeno contato, Eva me chama para me apresentar ao padre Padre Adelar Piccin - pároco da Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística -, imediatamente ele responde à Eva: “a moça da faculdade é você, Isabela? Por que ninguém me falou antes?” (Adelar Piccin, 66 anos). Como já tinha dito aos foliões, faço parte da equipe de música da Comunidade São José, desta forma, tenho contato com o padre frequentemente -, após essa frase algo mudou na relação interpessoal do grupo comigo, “ah, gente, ela é da casa, canta na São José”, disse o padre. Nenhuma resposta foi dada ao padre, a não ser o meu tímido “oi”, mas percebi que ali o teste tinha acabado e, agora, finalmente, eu tinha sido aceita no grupo e não seria mais tratada como observadora.⁴⁸

Duas frases ditas pelo sacerdote e tudo mudou, mas a inclusão por meio do que para mim pareceu um “ritual de passagem” será provado no decorrer deste relato, sigamos para a continuação dos acontecimentos da calçada.

As fardas são para os foliões tal qual uma veste litúrgica para um religioso. Os cuidados, manutenções e substituições se dão pelo próprio folião, seguindo a devida padronização. Tendo em mente essa constatação, Elza e Joaquim, casal próximo do Embaixador e Bandeireira ao ponto de chamá-los de “primos”, aproveita o momento onde o grupo está reunido antes da missa e entrega à Eva um presente para José, que prontamente foi abençoado pelo pároco, era uma nova faixa, pintada à mão, com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, como citado anteriormente no tópico “Bandeira e vestimentas”.

⁴⁸ Caderno de campo, 05 de janeiro de 2025

Todos animados para o início da missa até o que aconteceria em seguida - este relato se dá, em grande parte, a partir do que foi narrado para mim por Eva, já que estava em outra função designada pela mesma. Faltavam poucos minutos para a missa começar e no meio da multidão vi Antônia e seu esposo, aguardando, sem suas fardas, mas com roupas com cores semelhantes à utilizada na folia - lembram-se sobre o tom de ressentimento narrado anteriormente sobre a saída do casal, certo? -, alguns foliões foram cumprimentar os antigos companheiros e os convidaram a acompanhar o cortejo. Essa decisão trouxe uma dualidade de sentimentos em Eva: alegre por vê-los, mas pensativa, “não acompanharam durante os outros domingos e quer entrar cantando quando é na igreja?”, disse Eva. Mas como líder que é, não vetou a participação do casal, pois as vozes do casal dariam ainda mais corpo ao coro de entrada.⁴⁹

Como citado anteriormente, Izídio estava presente para acompanhar os velhos companheiros nesta visita inédita. “Como é de costume, nesta hora a indumentária de vereador sai de campo, para a de apoiador que, com seu inseparável celular, registra tudo que pode”⁵⁰. A missa estava para começar e eles gostariam de uma filmagem do fundo da igreja e outra completa mostrando a entrada pelo corredor central da Matriz Nossa Senhora Rosa Mística. E o ritual de aceitação se inicia: Eva confere à mim a responsabilidade de fazer a filmagem geral, lá do primeiro banco da igreja. Sim, pode parecer algo pequeno, mas registrar a primeira visita dele à paróquia era primordial.

Esse vídeo ficaria para a posteridade, para que fosse compartilhado entre os membros, amigos e apoiadores; isso para eles era de total importância - e para mim também. Fiquei no primeiro banco durante a procissão de entrada cantada com um canto litúrgico, diferente dos cantos de fé popular da companhia. Após a equipe litúrgica posicionada, eu, e outras dezenas de pessoas posicionamos nossos celulares para filmar a entrada dos 14 foliões enfileirados. Eles cantaram forte até chegar à frente do altar e se sentaram nos primeiros bancos, previamente preparados para os ilustres convidados.⁵¹

⁴⁹ Caderno de campo, 05 de janeiro de 2025

⁵⁰ Caderno de campo, 05 de janeiro de 2025

⁵¹ Caderno de campo, 05 de janeiro de 2025

Fotografia 15 - Missa da Epifania do Senhor na Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística



Fonte: Da autora (2025)

Ao fim da missa, antes da benção de envio, Adelar começa a explicar em meio aos avisos paroquiais, convida aos demais fieis a acompanhar a apresentação dos foliões ao redor do presépio montado no fundo da igreja. Por se tratar da primeira visita dos foliões na comunidade matriz, o pároco discorreu por alguns minutos sobre a importância da valorização de manifestações da cultura popular ligadas ao catolicismo e como a sobrevivência dessa cultura passava pela responsabilidade de todos e que deve ser ensinada para as futuras gerações, dando exemplo de sua própria infância quando lembrou sua experiência com o congado e os reiseidos, em São Paulo-SP, quando criança⁵²

⁵² Caderno de campo, 05 de janeiro de 2025

Com esse segundo sermão, agora social, o padre finaliza a missa, mas com a missão de que todos que pudessem, prestigiassem a apresentação e assim fizeram. Ao fim da missa, sem canto final dando espaço à toada cantada por José, a equipe celebrativa saiu junto com os foliões, que se alocaram em volta do presépio no canto à esquerda da igreja. Cantaram com empenho e força, como se fosse a toada realizada após a cerimônia dos arcos - narrada em tópicos a seguir - e, após o canto, a louvação completa ao presépio realizada pelo Bastião mais novo, Miguel. Enquanto o louvor acontecia, e agora aceita no grupo, outras funções de apoio me foram designadas por mim, por Eva e Izídio. Tirar fotos de ângulos diversos e prover o bem-estar dos cantores, buscando água e outras necessidades. Neste momento perdi uma parte do canto, porém tendo a certeza de aceitação da minha presença no grupo, foi ainda mais importante⁵³.

Finalizada a louvação e as fotos com os que ali estavam prestigiando a manifestação cultural, saímos para a segunda parte da longa jornada que se daria naquele dia. Já familiarizada com todos e com total aval de Eva, agora eu conseguia conversar com os foliões e até entrar nas brincadeiras, perguntei: “Não vamos mais para a Fazenda Ipanema?”, mas me responderam com todo bom humor e carinho pela comunidade local: “vamos para a parte de cima da Vila Formosa”, me explicaram. De acordo com Eva, a visita às casas, mesmo que de forma apressada era preciso, pois se deixassem tudo para o dia seguinte, no dia 06, não seria possível finalizar a tempo da apresentação no principal presépio da cidade e, por consideração à vila que os acolhe todo ano, não poderiam deixar parte dela abandonada. O grupo visitou naquela manhã por volta de cinco casas e partiu em direção à sede do Paranazinho, onde a condução providenciada por Izídio os aguardava para partir à última jornada do dia, na Fazenda Ipanema, mas eu não pude acompanhá-los por motivos alheios à minha vontade.

⁵³ Caderno de campo, 05 de janeiro de 2025

Figura 16 - Raio de visitação na Vila Formosa - Sorocaba/SP



Fonte: GOOGLE MAPS - EDIÇÕES DA AUTORA (2025)

Da Fazenda Ipanema me sobrou somente os relatos posteriores dos demais foliões sobre as visitas: Apesar do dia extremamente quente de verão, a visita foi ótima e sem imprevistos. Visitaram poucas localidades - não souberam me dizer ao certo quantas -, pois o enfoque da conversa seria sobre o almoço. O que é importante lembrar: os momentos de pouso são sagrados para os reiseiros e para a companhia Sorocabana, o dia da visita à Fazenda Ipanema é ainda mais, pois de acordo com eles, nesse dia são tratados como se fossem os Santos Reis encarnados.

Por se tratar da véspera da esperada festa anual e, por conta da idade dos participantes, considerando que este se trata do maior trajeto percorrido pelo grupo para realizar uma jornada, esta também é a que acabou mais cedo, pelo que me relatou Eva, assim, prezando pelo bem-estar do grupo, todos no longo dia seguinte estariam preparados para finalizar o tempo litúrgico do Natal, o tão esperado 06 de janeiro.

5.2.3 O seis de janeiro

Seria um dia muito agitado para eles - se não o mais agitado e esperado do ano - era a festa dos santos padroeiros e mais do que isso: era o dia de retornar à Vila Formosa, às origens da Companhia. Logo cedo, por volta das oito e meia da manhã, Eva me envia um áudio, dando maiores detalhes sobre a programação da manhã, em especial sobre uma mudança repentina em seu tão pensado cronograma: a louvação do presépio, marcada anualmente para o meio-dia, sempre na Catedral Metropolitana de Sorocaba e no presépio em tamanho real da praça Cel. Fernando Prestes, montado anualmente pela Prefeitura de Sorocaba, teria sido adiantada meia hora, por conta das coberturas jornalísticas da imprensa local que aconteceriam. Conforme o áudio de Eva:

Vamos pra catedral às 11h e pouquinho porque a TV Tem⁵⁴ quer fazer uma entrevista ao vivo com a gente, então nós vamos pra catedral mais cedo, pra eles ‘gravá’ a gente na praça. Eu já avisei todo mundo e a van do Izídio já tá passando (Eva Borges, áudio via WhatsApp, 2025)

Confesso que a mensagem me pega de surpresa, mas não desprevenida, considerando o episódio anterior ocorrido na Vila Angélica; troco-me rapidamente e vou ao destino. Chego às 11h10 na Praça Cel. Fernando Prestes e escolho um lugar estratégico para observá-los assim que chegassem. Chegassem? Eu paro ao lado do presépio por uns três minutos, vejo o movimento da praça e, num breve silêncio, ouço sons de instrumentos vindos da Catedral Metropolitana. A atrasada era eu.

Adentro o recinto e encontro a Companhia em seus primeiros versos, todos em volta do presépio montado ao fundo da igreja, perto das grandes portas à esquerda; em volta do grupo, fieis - muitos em choro -, curiosos e pessoas que puxavam a Bandeireira para contar suas histórias pessoais com a Folia de Reis, em suas cidades de origem, à essas pessoas a Bandeireira dava a oportunidade de segurar o estandarte, enquanto a toada acontecia.

⁵⁴ Afiliada da TV Globo na região de Sorocaba.

Fotografia 17 - Louvação ao Presépio da Catedral Metropolitana de Sorocaba - Sorocaba/SP



Fonte: Da autora (2025)

Toada finalizada, os foliões que saíam em direção ao presépio que fica na praça, foram cercados, em especial a Bandeireira. As pessoas que ali ficaram durante a apresentação, usaram este momento no átrio da igreja para contar suas histórias de infância com a Folia de Reis, outros relataram “milagres” ocorridos após a passagem da Folia e outros muitos pediam orações e fitas que ornavam a bandeira, com um objeto de devoção, uma delas, como me contou a Bandeireira, disse que tinha dado uma fita à uma mulher que enviaria a um familiar no exterior que passa por tratamento oncológico. Esse momento podemos pensar no caráter do simbolismo da bandeira, tratada como um “canal de graças”, não o canto ou a reza, o levar uma fita representa a própria presença dos santos, como explicou Bitter (2009):

Considerando-se que do ponto de vista nativo a bandeira pode ser vista como sendo simultaneamente material e imaterial, pertencente tanto ao plano mundano quanto ao supramundano, assim como o são os kolossos gregos, por exemplo, é que decorre seu poder de mediação (Bitter, 2009, p. 112)

Após o atendimento aos fieis e para que o grupo não atrasasse os demais compromissos, o grupo rapidamente se reuniu para tirar a foto oficial que é tradição. todos

reunidos se acomodam nas escadarias da Catedral (Catedral Metropolitana de Sorocaba ou Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Ponte) e jornalistas, fiéis e amigos tiram fotos para recordação e uso em materiais de imprensa.

Fotografia 18 - Foto oficial na escadaria da Catedral - Sorocaba/SP



Fonte: Da autora (2025)

Após a tradição da foto, os reiseiros saíram em canto, tal qual uma animada e curta procissão, da escadaria até o presépio a cerca de 20 a 30 metros. Ao ouvir o toque dos instrumentos, pessoas que andavam pelo Centro e representantes públicos da Prefeitura de Sorocaba e da Câmara Municipal de Sorocaba, já rodeavam o coreto para ouvir - e filmar - a Companhia em sua tradicional louvação. Ainda durante os cantos, representantes da imprensa e de canais independentes também se aproximavam, fazendo filmagens e fotos para as respectivas reportagens.

Por se tratar da data solene aos foliões - apesar da festa litúrgica ter sido celebrada no dia anterior, na missa de “Epifania do Senhor” - o Embaixador e demais músicos escolheram cantar mais de uma toada, sendo a principal a “Louvação ao Presépio” feita pelos músicos e por um dos “Bastião”, ao todo, a apresentação levou em média 20 minutos.

Fotografia 19 - Louvação ao presépio da Praça Cel. Fernando Prestes - Sorocaba/SP



Fonte: Da autora (2025)

Após os cantos e louvores, chegou o momento do casal de líderes serem rodeados pela imprensa, enquanto os demais participantes confraternizaram entre si mais um ano de apresentações. O Embaixador e a Bandeira deram entrevistas para um canal de TV aberta, um jornal impresso, um portal de notícias on-line e para uma rádio, além disso, uma outra pesquisadora em trabalho de escrita científica para um artigo também esteve presente. Ao conversar com a imprensa, os dois líderes do grupo falaram sobre a importância da Folia de Reis para eles, para a cidade e enalteceram a vitalidade de todos os membros, apesar da idade

e distâncias de locomoção. Após o momento de atendimento à imprensa, os membros seguiram em direção ao Paranazinho, casa da Companhia, para o início dos preparativos para a festa que aconteceria ao final da tarde.

Ao chegar no ponto de apoio da Companhia, todos se esforçaram para organizar o que era previamente possível, enquanto uma equipe fazia o almoço, outra já organizava o espaço físico arrumando as mesas e cadeiras, enquanto novamente a Bandeira dava mais uma entrevista, desta vez ao vivo. Este ano de 2025, por exemplo, Eva fez uma entrada ao vivo para a Rede Bandeirantes, mas queixou-me sobre o cancelamento repentino da TV Tem, afiliada da Globo na cidade. Apesar disso, Eva disse ter criado desenvoltura para conversar com a imprensa e usa de forma estratégica com a intenção de fazer a tradição ser mais conhecida e valorizada.⁵⁵

O Dia de Reis é também para os Foliões o dia de rever antigos amigos, ex-foliões e ex-vizinhos, é um dia de família, aliás, é importante reforçar que, apesar de nenhum dos filhos ou netos das famílias dos líderes (Embaixador e Contramestre) terem seguido a tradição de seus pais - onde perguntei em minhas primeiras conversas com a família fundadora, porém, sem uma devolutiva concreta, percebi que apesar de relevante, não era um assunto em que poderia tocar -, alguns destes familiares vêm ao Paranazinho neste dia específico para colaborar com o bom andamento da festa que tanto importa aos Foliões. Os familiares ajudam na organização geral, na cozinha e aproveitam o momento feliz de todos aqueles que fazem parte do convívio desde a década de 1990.

Após a organização prévia do local, faltando somente a decoração do salão e dos arcos, que ficam sob a responsabilidade de Elza, a decoradora oficial, os demais foliões saem para cantar nas últimas casas da Vila Formosa, para enfim festejarem o fim de mais uma jornada. As últimas visitas iniciaram às 15hs em casas da Vila Formosa até próximo o final do bairro, na Avenida Itavuvu, nestas visitas, um carro de som fornecido pelo Sindicato dos Metalúrgicos acompanhava o grupo, junto ao locutor João que acompanhou todo o trajeto narrando nas ruas o que acontecia, além de trechos da história do grupo, isso tudo sem ligar para o entorno, onde alguns alguns antigos foliões, reclamavam de sua “insistência em não parar de falar em nenhum instante”; além das casas, os foliões cantaram - agora com o auxílio tecnológico de amplificação de voz.

Fotografia 20 - Início da Jornada na Vila Formosa - Sorocaba/SP

⁵⁵ Caderno de campo, 06 de janeiro de 2025

Fotografia 21 - Louvação ao Presépio na casa do Contramestre Zé Mineiro

Fonte: Da autora (2025)



É importante ressaltar neste relato, saindo do círculo das visitas e do apoio tecnológico é algo mais “para os da velha guarda”, algo que foi alterado com o tempo de vida da Companhia, pelo que ouvi durante as conversas dos antigos foliões presentes nas visitas à Vila Formosa: as visitas aos comércios, mas em especial aos bares. Jesus Vicente, 62, antigo “cantador” da companhia e pelas coincidências da vida, meu amigo jornalista, disse-me que isto era algo praticamente proibido nos anos 1990. Em nossa conversa informal, ele, também intimista da cultura popular, me conta sobre uma função “das antigas companhias” que ele tentou trazer para a de Sorocaba, mas sem sucesso, o “litreiro”. Esse cargo era conferido ao folião para a arrecadação e distribuição de bebidas alcoólicas durante as jornadas e na festa. Vicente, o ex-folião, contou-me que a escolha de não ter um litreiro, também influenciava as visitas “no início, nos anos 1990, a gente nem cantava em bares, que bom que isso mudou” (José Jesus Vicente). A informação foi confirmada pelo também ex-folião que estava ao lado.

Durante minha jornada, principalmente na Vila Angélica, vi a companhia visitar estabelecimentos como bares de forma natural e, da mesma forma, os visitados davam suas ofertas para a festa - como um fardo de refrigerantes dado na Vila Formosa -, então a informação dada pelo ex-folião me pegou de surpresa, pois não tinha contabilizado de forma correta o número de visitas em estabelecimentos, assim utilizando da minha própria metodologia de relatos orais, lembro-me da visita em cinco bares, com duas contribuições.⁵⁶

Após pelo menos duas horas de cantos, idas e vindas - algo que trarei para a discussão em próximos tópicos - na companhia de vizinhos e foliões, algo numa expectativa de 20 pessoas - sem contar os donos das casas visitadas - chegamos ao último lugar a ser visitado pela Bandeira dos Santos Reis, antes da entrada dos arcos, este é o bar de Zé Mineiro, o Contramestre, vizinho à sede do Clube Paranazinho. Por volta das 17h30, todos se reuniram para cantar a louvação ao autointitulado “maior presépio da região”. Zé Mineiro, ali na função de receptor da bandeira, não mais o Contramestre estava mais feliz do que nunca por receber os amigos de longa data para “cantar o reis”, um presságio para o que viria após? Talvez, mas não tem como saber. Após a toada, em festa, todos os foliões, ex-foliões, fieis e amantes da arte ali representada, seguiram para a esperada “Passagem do Arco”.

⁵⁶ Caderno de campo, 06 de janeiro de 2025

Fotografia 22 - Início do cortejo para a Cerimônia dos Arcos - Vila Formosa



Fonte: Da autora (2025)

5.2.4 Cerimônia dos Arcos e a festa

Chegada à sede do Paranazinho, três arcos de bambu estão posicionados na ponta contrária à da porta de entrada da sede, representando o caminho percorrido. Em cada arco, uma faixa trançada de papel crepom colorido e, para que os espectadores - cerca de 40 pessoas entre jornalistas, pesquisadores, ex-foliões e vizinhos - não atrapalhem a cerimônia de encerramento, um cordão de linha com fitas douradas foram colocadas ao lado dos arcos, delimitando a proximidade entre os foliões e quem assistia. Outra explicação para a delimitação é referenciada em Kodama (2009) em que a delimitação de espaço também é uma separação entre sacro e mundano: “[...] o sagrado está no espaço delimitado após a passagem pelo arco. O que se percebe deste ritual é: o lugar em que está a bandeira é sagrado para os foliões” (Kodama, 2009, p. 157)

Antes da faixa estão os foliões em uma “fila informal”, tendo somente como ordem pré-definida a bandeira à frente. Para o lado de dentro do arco estava a Decoradora, segurando um quadro, uma arte sacra que referenciava a cena da chegada dos Três Reis Magos à Belém. Para os reiseiros, naquele momento o quadro simbolizaria o próprio destino, o ato de seguir a Estrela-Guia (Estrela do Oriente, Estrela D’Alva, entre outros codinomes) até onde estava Jesus recém-nascido - na bíblia ele se encontrava em Belém, na Judeia, mas para os foliões era representado em um presépio iluminado montado dentro da sede do time do bairro.

Fotografia 23 - Arco cerimonial sem decoração - Vila Formosa



Fonte: Da autora (2025)

Apesar da beleza e emoção vista em todas as pessoas ali presentes, foliões ou não, outra personagem neste ritual me pareceu um tanto quanto diferente, pois não tinha a visto em outra oportunidade quando participei da Festa da Chegada, quando mais nova e, também, não encontrei referencial teórico sobre ela: A Rainha da Festa, uma menina vestida de branco, ao lado da Decoradora. Antes da primeira apresentação deste texto, alguns me disseram ser uma representação de um anjo, outros de Maria.

Esse é um questionamento que após outras pesquisas vejo que cheguei a um significado que estava intrínseco aos objetivos dos foliões quanto à escolha da jovem menina como rainha da festa: o desejo de que a sacralidade daquele momento perdure na nova geração. Entendo desta forma pois pela idade e pela tradição do próprio grupo sorocabano, a representação não seria um “passar o bastão” para a nova festeira, porém significa um desejo de futuro não externalizado de forma verbal; Kodama (2009) explica:

A coroação assume deste modo, um caráter político e social, bem como explicita o sentido de religiosidade que acompanha as Folias. A coroa é um símbolo de sacralidade, nela **o coroado é investido de poder e passa a ser o mediador entre os anseios e desejos da comunidade com o sagrado** (Kodama, 2009, p. 153 - grifo da autora)

Estava anoitecendo quando os foliões iniciaram a cerimônia, antes do corte da barreira e passagem pelo arco, uma toada é cantada, com versos que remetem o nascimento de Jesus e a viagem dos Reis Magos ao encontro, após a primeira toada, a barreira é transposta e alguns confetes são jogados em direção aos foliões. Os outros dois arcos seguiram a mesma lógica, com a diferença de quem portava a bandeira, ao invés da Bandeireira oficial, a chance foi dada a um ex-folião, como um gesto de respeito, mas também pode ser lido como um pedido de retorno do amigo ao grupo.

Fotografia 24 - Início da Cerimônia dos Arcos - Vila Formosa



Fonte: Da autora (2025)

Passados os três arcos, o quadro dos Reis Magos é levantado, sinalizando o momento narrado no Evangelho de Mateus, onde a estrela “para” no local onde se encontrava a manjedoura, a última toada é finalizada enquanto uma chuva de confetes é jogada, sinalizando a alegria da chegada, assim, os reiseiros adentram o recinto da festa para realizar a tradicional louvação ao presépio e a passagem da bandeira por cima da cabeça de todos os foliões como um pedido de benção por aqueles que se doaram novamente à missão.

Ao fim do cortejo e da cerimônia de finalização é chegada a esperada festa, com comidas típicas dos territórios rurais, conversas e afetos. Neste momento, somente os mais próximos à Companhia permanecem para compartilhar dos alimentos e das conversas. Risadas altas, conversas sobre diversos aspectos da vida, principalmente as lembranças são muito comuns neste momento. Os instrumentos musicais daqueles mais animados deixam de tocar músicas religiosas e uma roda de viola é formada espontaneamente entre os foliões e convidados, trazendo clássicos da música sertaneja “caipira” - sertanejo raiz - são cantados, até altas horas da noite. E assim, a festa terminou por volta das 23 horas, com o cansaço de todos, inclusive o meu, mas a sensação de dever cumprido, ainda mais forte aos foliões mais idosos.

5.2.5 O velório do contramestre

O relato a seguir é denso e doloroso, retirado exclusivamente de um caderno de campo que pensei já ter finalizado sua função neste projeto, além de gravações realizadas por mim, após a comunicação da morte e participação do velório de José Pedro Fonseca, Contramestre da Companhia de Reis da Vila Formosa. Os relatos foram escritos entre os dias 01, 02 e 08 de fevereiro de 2025.

Mineiro era um dos mais zelosos com a tradição dos Santos Reis. Nascido em Salinas, no estado de Minas Gerais em 16 de fevereiro de 1946, a vida dele é atravessada pela Folia de Reis, cantando em várias cidades de Minas Gerais antes de vir à Sorocaba, para a construção de uma vida financeira mais estável. Mineiro foi um dos primeiros foliões da Companhia desde sua fundação na Vila Formosa e de lá pra cá é o Contramestre, até seu falecimento em 01 de fevereiro de 2025.

Por ser o último dos reiseiros ainda a habitar o bairro que dá nome à companhia, Zé era um porto seguro aos demais participantes, não à toa recebeu o título de contramestre. De acordo com relatos ouvidos durante o velório, Mineiro era suporte aos demais, “nem que

fosse de um sorriso", além de sua "segundeira" forte e o violão ao lado do Embaixador. Acompanhe a seguir o relato do caderno de campo:

"Já estava acostumada a receber mensagens de algumas pessoas da companhia após as visitas de dezembro e janeiro, em especial, de Elza, a Decoradora. Ela me enviava pelo menos a cada vinte dias, fotos e vídeos feitos por ela de anos anteriores ou de outras companhias de Reis, em especial da cidade de Ribeirão do Pinhal, onde mantenho laços familiares no Paraná; mas dessa vez a mensagem seria diferente e inesperada, com um comunicado que nem eu e nem os outros brincantes esperavam: a morte de um folião, e logo do contramestre (voz e violão que acompanha o embaixador em versos e toadas, o número dois na Companhia).

Era dia 1º de fevereiro de 2025, às 19h29. Era um sábado extremamente chuvoso em Sorocaba e acabara de sair da comunidade católica "São José", na Vila Formosa, local em que o Zé Mineiro, o Contramestre, participava ativamente de missas, apesar de sua família ter se convertido à religiões cristãs neopentecostais, por motivos não específicos em conversas com os foliões, mas, conseqüentemente afetando o futuro da própria tradição, pois, se não há para quem deixar o legado, uma vez que a fé católica foi remanejada, para quem se passaria o bastão?

Após a missa, recebi uma mensagem pelo *WhatsApp*, era Elza, a Decoradora. Como recebia pelo menos uma comunicação mensal dela, não achei estranho o áudio, mas ao ouvi-lo, senti um gelo na espinha: "*Oi, boa noite, tudo bem? Tenho uma notícia muito triste para falar para você. O Zé Mineiro (Contramestre) acabou de falecer. Deu um AVC, o neto falou, e ele pediu para mim estar avisando vocês, tá bom? Todos os componentes que eu tenho aqui eu estou avisando*" (Caderno de Campo, 01 fev 2025). O peso da notícia, além do choque me vinha à cabeça lembranças dos recentes domingos, onde Zé se cansava muito mais rapidamente que os demais colegas da mesma faixa etária. "Será que não era um aviso do corpo? Ele não teria se esforçado demais?", pensei comigo, mas qualquer um desses pensamentos já não teria mais validade, ele já tinha partido, eu deveria me preocupar principalmente com quem ficou.

Não demorou muito desde a comunicação de Elza - na verdade mal deu tempo de digerir a amarga informação - e já receberia mais uma ligação, agora de Eva, a Bandeiraira e esposa do Embaixador, José Coppi. Às 19h43, ela me liga e, entre a fala embargada e o choro copioso, me questiona se eu já sabia da notícia, respeitosamente confirmei e tentei acalmá-la dividindo esse momento de dor. Ela respirou, agradeceu e me disse que enviaria as informações sobre o velório, agradei e disse que estaria presente, nos despedimos. Em seguida ela me enviava as informações sobre o velório que aconteceria na casa do falecido

folião, no dia seguinte, das 7h às 15h. Além das informações de praxe, Eva também me avisava que, pouco antes das 12h, os reiseiros se reuniriam no velório para sua última homenagem ao amigo e me disse: “seria muito importante para nós se você pudesse comparecer”, claramente eu iria e assim o fiz.

Em respeito aos familiares e amigos do falecido, não fui ao velório tão cedo quanto os demais, cheguei por volta das 11h20 na sede do Paranazinho que estava aberta para estacionamento dos carros. Lá me deparei com os reiseiros colocando suas fardas azuis - até mesmo os bastiões - e afinando seus instrumentos de corda; os de percussão não foram utilizados para dar um tom solene à homenagem. Cumprimentei os participantes em tom de condolências, mas sentia neles não uma tristeza pela morte do companheiro de décadas, mas algo como gratidão, com exceção da Bandeira, ainda muito chorosa. Pela parte dos demais foliões além da gratidão, uma fala me chamou a atenção vinda da maioria deles “a gente não pode desanimar, o Mineiro não queria isso”, apesar de ser o cumprimento de uma promessa ao amigo, a fala parecia ser uma preocupação no grupo.

Às 11h30, com todos os participantes já fardados e afinados, o grupo se reuniu em roda no meio da rua, em frente ao Paranazinho, antes de entrar para a última toada de Mineiro. Como líder da Companhia, o Embaixador puxou alguma falas de memórias do amigo falecido, como a parceria de décadas e alertou aos que estavam ali que eles não poderiam desanimar da missão, após isso os integrantes de mãos dadas e em roda, realizaram as orações do “Pai Nosso”, “Ave Maria” e o “Santo Anjo”, as orações foram realizadas para o lado de fora da casa onde acontecia o velório a primeiro momento pensei que seria pela quantidade de pessoas, porém, descobri depois que seria uma forma de respeito aos demais familiares não-católicos.

Fotografia 25 - Cortejo fúnebre para o velório do Contramestre



Fonte: Da autora (2025)

Seguimos para dentro da casa, “Zé Mineiro” era velado na sala de estar, lá os reiseiros se ajeitaram em volta do caixão e cantaram uma toada completa de dez minutos em homenagem ao falecido. Como será explicado nos tópicos a seguir, as toadas são versos improvisados, sem ensaio prévio do embaixador ou de outros integrantes da Companhia. O canto me deu uma sensação de carta aberta ao amigo falecido escrita ali mesmo, em volta ao caixão. Sem Contramestre oficial, Benedita, a foliã de Itu que participa das visitas esporadicamente assumiu o local vazio ao lado do Embaixador.

Apesar da dor do momento, este foi um fato interessante e inusitado, uma vez que a participação das mulheres nas vozes, é normalmente colocado em posições de vozes de apoio, mas nos cargos de “chefia” são mais raras as oportunidades de ver a atuação de mulheres.

Como relatado no livro de Cavalheiro (1999), a Companhia da Vila Formosa é conhecida por cantar as diferentes toadas⁵⁷, ontem em especial foi o dia de cantar - mesmo que inconscientemente - a toada mineira, com todas as vozes separadas em naipes únicos, mas sem a finalização característica com a nota estendida da contratata/requinta, a nota mais aguda da companhia.

Após finalizada a homenagem, por se tratar de idosos e pelo tempo de amizade, a família do Contramestre acolheu os reiseiros claramente emocionados, apesar do momento de dor, me pareceu que ao acolher os companheiros de jornadas, a família via um pouco do pai que acabara de falecer naqueles que acabaram de cantar.

5.2.6 Missa do sétimo dia e o pertencimento ao grupo

Este trecho é uma continuação direta dos fatos ligados à morte do Contramestre, os fatos relatados foram retirados do caderno de campo da autora e conversas realizadas a partir do aplicativo de comunicação, *WhatsApp*.

Após a toada em homenagem ao Contramestre, os amigos reiseiros pareceram se preocupar com o rito católico de falecimento, as exéquias⁵⁸. Como os familiares não seguiam a mesma religião do pai, um ministro ordenado do catolicismo não foi comunicado. Perguntei à Bandeiraira o que fariam nessa situação, “Vamos ver de fazer a missa de sétimo dia dele”, me disse ela, e ali saíram com essa missão de honrar a alma do amigo no rito religioso.

Sem esperar, esse momento de dor para o grupo, foi o que considero ter sido o rito de aceitação do grupo, aquele e os fatos a seguir que serão narrados foi o momento de passagem onde deixei de ser uma estranha no grupo, até uma certa ameaça - ao ver deles -, para ser uma entre eles. Como cheguei a essa conclusão? Após a morte do contramestre, questionei a Bandeiraira sobre a missa de sétimo dia e se havia a vontade de realizá-la na paróquia onde o grupo sempre se apresenta... Essa frase mudou tudo, o que antes se tinha relação profissional e às vezes um pouco distante, a pergunta interpretada como sugestão foi o detalhe que faltava para ser parte integrante.

⁵⁷ https://www.youtube.com/watch?v=0shj4i2s8DI&t=199s&ab_channel=GiAlbuquerque (acesso em: 02 set 2025)

<https://www.youtube.com/shorts/VZQc-DOPGSM> (acesso em: 02 set 2025)

https://www.youtube.com/watch?v=XdLAhTk_7Zw&list=RDXdLAhTk_7Zw&start_radio=1&ab_channel=AndersonDosSantos (acesso em: 02 set 2025)

⁵⁸ Celebração da liturgia da Igreja Católica, destinada aos fiéis falecidos, onde o sacerdote ou ministro com a finalidade de “auxílio espiritual para os defuntos, consolação e esperança para os que choram a morte” (Secretariado Nacional de Liturgia, 2020)

Por estarem todos fragilizados no momento, a Bandeireira encarregou à mim a responsabilidade de marcar a missa de sétimo dia do contramestre, na paróquia da Vila Formosa, como já conhecia o pároco por outras vivências, tinha o contato pessoal dele e pude questioná-lo de forma mais direta sobre o pedido do grupo. Ele prontamente que faria a missa à pedido do grupo e me passa os horários disponíveis das missas de sábado e domingo. Sábado a missa aconteceria às 18h, na Comunidade São José, na Vila Formosa e comunidade referência aos foliões (como contei anteriormente), as demais missas aconteceriam no domingo, no período da manhã e tarde. No poder de minha responsabilidade dada, retornei à Bandeireira sobre os horários e lembrei-a que a Comunidade da Vila Formosa não somente seria a igreja com ligação histórica com o grupo, mas também a mais próxima da casa do falecido amigo. Ela comunica o grupo e aceita a sugestão de sábado à noite.

No decorrer da semana, porém, surge outra dúvida: a família do contramestre iria? Eles abririam uma exceção para participar de um culto na religião do falecido pai? Dividi essa minha angústia em forma de dúvida à Bandeireira que me respondeu com ainda mais apreensão: “Olha fia, eu passei pra filha dele o endereço e o horário, mas não sei se eles vão vir não”, essa dúvida deixou nossas luzes de alerta acesas, até o horário da missa, no sábado.

Chegou sábado. Com tudo confirmado, a equipe litúrgica da paróquia deixou bancos separados para os reiseiros. Eles chegam na igreja por volta das 17h15, tanto o padre, quanto a equipe litúrgica já os esperavam na cozinha da igreja, com um café da tarde organizado para que mesmo em um momento triste, o grupo se sentisse à vontade na antiga casa. Cheguei pouco depois e já os encontrei sentados em volta da mesa, com o padre no meio, rindo, conversando e comendo, ali também na alegria, era uma forma de honrar o Contramestre. Mas e a família? Sem nenhum sinal, mas os foliões não sentiram-se acanhados quanto a isso, afinal, com mais de 30 anos juntos nas estradas da vida, eles também eram os familiares de Mineiro.

A comunidade acostumada a vê-los somente em janeiro - e o que não aconteceu em janeiro de 2025, já que eles cantaram na matriz paroquial -, estranhou o grupo de 11 pessoas de camisas azul cetim brilhante e perguntavam “mas quem são?”, “por que estão com roupas iguais?”, como porta-voz improvisada do grupo, explicava a quem vinha quem eram e o que faziam ali e assim eles se acomodaram em seus lugares previamente reservados.

Apesar de ter minha função laboral como pesquisadora, na igreja onde acontecia a missa de sétimo dia, “visto a farda” - assim como dizem os foliões - de cantora, sendo assim, fico em um lugar de visão privilegiada, em um mezanino e, ali, tinha visão de toda nave⁵⁹ -

⁵⁹ expressão utilizada que nomeia o local onde os fieis sentam-se para participar das celebrações

essa informação é essencial para entendimento dos fatos a seguir. Inicia-se a missa e o que era uma apreensão, até o fim do primeiro canto, se tornou realidade, a família não viera, mas esse pensamento não durou muito. Inicia o momento da missa chamado “ato penitencial”, logo após a abertura da missa, canta-se uma liturgia de penitência, eis que neste canto pessoas começam a chegar e se acomodar em bancos atrás da folia, sim fui totalmente surpreendida... A família do Contramestre estava no local, contrariando até mesmo àqueles que os conhecia melhor, que eram os demais foliões. A barreira pensada tinha sido derrubada pela memória do patriarca da família. E assim a missa seguiu normalmente seus ritos, com o padre fazendo menções em memória do Contramestre.

Fotografia 26 - Missa de sétimo dia do Contramestre



Fonte: Da autora (2025)

Ao final da missa, as duas famílias de Zé Mineiro - a consanguínea e da Companhia - se abraçavam e conversavam no pátio da comunidade, onde os foliões não conseguiam disfarçar o alívio em ver os filhos e netos de Mineiro, pois, para a Companhia, era como vê-lo em vida. Também não perdi a oportunidade, quando pude conversar com a filha, me apresentei, falei sobre a conversa riquíssima com seu falecido pai, contudo, não tinha conseguido, em vida, sua autorização do uso de voz e imagem. Antes mesmo que eu terminasse o que falava sobre o documento, que sugeriria levar o documento até a casa dos familiares, que disponibilizaria o áudio para que os familiares ouvissem, ela me corta e diz, “não precisa pedir duas vezes, você está com o documento aí, se tiver, assino agora. Se meu pai falou, está falado e sei que ele amava contar história sobre a folia”, confirmei que estava com o documento, ela assina e autoriza o uso das informações fornecidas pelo seu falecido pai, agradeço e me despeço.

De certo esse dia foi uma experiência arrebatadora, alegre e ao mesmo tempo dolorosa. Enquanto sentia a perda do membro querido para todos, vivia a minha definitiva inclusão no grupo. Aqueles poucos minutos após a missa, onde conversava com reiseiros e familiares, senti a apreensão dos membros se tornar empatia, vi a quebra de paradigmas religiosos em nome do amor ao seu falecido pai e vivenciei novos laços criados... Depois dessa missa até apelido ganhei, quando falam pelo grupo, a Isabela Rocha, não é mais pesquisadora itinerante, agora é “nossa menina”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar estas considerações, suas conclusões e desafios, é importante reafirmar a base deste trabalho, não somente nas ciências humanas, mas nos afetos construídos neste período. Busquei me deixar afetar (Ingold, 2019), mas para além, este trabalho mergulha, vive na carne e cria vínculos, para assim fazer ciência. Desta forma, minha primeira constatação desta pesquisa é: não se trata somente de estudos interdisciplinares ou das ciências humanas e sociais, mas ciência dos afetos.

Este trabalho buscou, por meio de uma abordagem imersiva, qualitativa e interdisciplinar, compreender a sobrevivência da Companhia de Santos Reis da Vila Formosa no contexto urbano de Sorocaba. Concluir neste momento é compreender que alguns caminhos não se encerram - apenas se transformam em travessias futuras. A companhia de Santos Reis da Vila Formosa, ao longo deste trabalho, revelou-se como mais do que um grupo folclórico: é memória viva, resistência simbólica e território afetivo em pleno centro urbano.

Suas jornadas não carregam apenas cantos; carregam histórias de deslocamentos, ancestralidades, fé e pertencimento.

A presença ativa da Companhia, composta majoritariamente por idosos e herdeiros de tradições migrantes do Paraná e de Minas Gerais, nos revela que a tradição é um corpo vivo, adaptado e adaptável às transformações da cidade. Nesse sentido, a Companhia sabe utilizar, intuitiva e estrategicamente, recursos de comunicação social de massa — como a participação em reportagens, redes sociais e produções independentes — para garantir sua visibilidade e permanência. Essa habilidade, ainda que não sistematizada, é reveladora: indica um uso comunicacional que parte da necessidade humana de ser visto, ouvido e lembrado, especialmente diante das ameaças de apagamento cultural nos centros urbanos.

Neste processo, compreendi que mais do que sistematizar dados, essa dissertação precisou se deixar atravessar pela experiência da convivência, da oralidade e da memória para que algo que agregasse valor à história deste grupo fosse realizado. Tal como propõe Tim Ingold (2019), não simplesmente recolhi e expliquei informações como quem monta uma planilha, mas me aprofundei na condição pura da antropologia, de caminhar junto e importar-me. Compreendo que isto tudo foi possível somente de uma forma: a pesquisa não pode se apegar a somente uma forma rígida de metodologia, mas buscando traços entre diversas formas de se “fazer” ciências humanas, compreendendo o que cabia naquele momento privilegiado. Por isso, assim como o jornalista busca o melhor modo de se contar uma história, este trabalho necessitou de diversos aspectos de metodologias antropológicas como a observação participante, as entrevistas, os relatos orais que levam a uma compreensão da oralitura.

Reconheço, contudo, algumas limitações importantes: em primeiro lugar, não foi possível realizar um levantamento midiático completo e sistemático sobre todas as representações da Companhia na imprensa e em mídias digitais ao longo das décadas, ou como é conhecido no jornalismo, um *clipping*. Essa lacuna, porém, indica um caminho fecundo para futuras pesquisas, que podem ampliar a compreensão sobre os efeitos e significados da visibilidade pública desses grupos na construção de narrativas culturais. Outra lacuna que procurei suprir, mas compreendo que houve uma limitação, se deu na escolha de pautar este trabalho na ética jornalística como bússola na condução deste trabalho. Mesmo que a escuta atenta, o cuidado com a imagem dos sujeitos, o compromisso com a verdade e a sensibilidade diante das camadas emocionais e simbólicas das falas estiveram presentes do início ao fim, as implicações que este trabalho pôde sofrer, foi um risco abraçado pela autoria.

Contudo, inspirada em autores como Christofolletti (2008) e Maria Isaura Pereira de Queiroz (1991), posso concluir que o fazer jornalístico e o fazer antropológico caminham lado a lado quando se trata de narrar a condição humana em sua complexidade — especialmente quando essa condição se expressa em cantos, memórias e fé.

Outro aspecto que este trabalho não pode abordar de forma completa foi a criação de um acervo próprio de aterrissagem de materiais audiovisuais, como um canal na plataforma YouTube ou subgêneros. Contudo, o trabalho de um pesquisador não termina na entrega de seu documento, acredito que continuarei neste trabalho e, ao reunir um acervo maior, trabalhar com atenção e respeito neste aspecto da pesquisa.

Em relação ao direito à cidade, o estudo revela que este aspecto na Companhia da Vila Formosa ainda é profundamente condicionado ao apoio político e à disposição das instituições de terceiro setor em reconhecer e valorizar as expressões culturais periféricas. A Companhia de Reis da Vila Formosa sobrevive, em grande parte, graças ao apoio de entidades como o Sindicato dos Metalúrgicos e à articulação comunitária. Isso nos obriga a refletir sobre a ausência - por vezes proposital - do poder público nos processos de preservação da memória e da cultura popular, o que escancara as desigualdades no acesso ao reconhecimento simbólico e ao suporte material.

Entre as fitas da bandeira, os instrumentos das toadas e os relatos dos foliões, compreendi que a cultura não é uma herança passiva, mas sim um trabalho coletivo e contínuo de manutenção. “Memória é trabalho” (Bosi, 1994, p.55). Ao resgatar a tradição da Folia no contexto urbano, este trabalho também procurou cumprir um papel social: documentar, sim, mas também reconhecer, valorizar e devolver aos sujeitos da festa a dignidade de serem narradores de suas próprias histórias.

Deixo, por fim, uma convocação a novas jornadas: que outros e outras se aproximem, que documentem, que se deixem transformar pelo encontro com os reiseiros. A memória é um bem coletivo, e sua preservação é responsabilidade de todos/as nós.

E para finalizar, deixo um trecho de uma toada de despedida:

Vem pegar nossa bandeira
Pra nós poder viajar
Colocar ela na porta
Para o folião beijar

Vou cantar pro folião
Que ele é um bom Bastião
Santos Reis que lhe abençoa
Toda hora e todo dia
Segurou nossa bandeira
Com prazer e alegria

Santos Reis que lhe abençoa
Com a sagrada família (Cavalheiro, 1999, p. 120)

7. REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. O que é cultura popular? 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ATAIDE, Wellington Renan Téles de. João de Camargo: um negro na encruzilhada da modernidade. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/17872>>.

BARBOSA, Gemyma Dantas; CALDAS, Carlos Ribeiro Filho. Hoje é dia de Santo Reis - os Três Reis Magos e a piedade popular luso-brasileira. Fragmentos, [S. l.], [s. v.], [s. n.], [s. p.], [s. d.]. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/8814/5709>>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BATISTA, Érika P. A interdisciplinaridade como mediadora da veracidade: o diálogo sobre jornalismo, história e antropologia. Revista de Estudos da Comunicação, [S. l.], v. 10, n. 21, 2009. DOI: <<https://doi.org/10.7213/rec.v10i21.18465>>. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/18465>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara: folias, reisados e congadas. Brasília: IPHAN, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/A%20bandeira%20e%20a%20m%c3%a1scara.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Memória do sagrado: a religião dos camponeses, a igreja dos fazendeiros. In: A partilha da vida. São Paulo: Rosa dos Ventos, 2017. Disponível em: https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/memoria_sagrado.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação em pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1981. Disponível em:

https://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/sacerdotes_viola.pdf.

Acesso em: 17 jun. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981. Disponível em: https://www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/sacerdotes_viola.pdf.

Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

BUZZI, Priscila Maria Ribeiro. "Ascendeu a Estrela Dalva num facho de branca luz": a música da Folia de Reis dos Prudêncio de Cajuru-SP, um legado. 2017. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-11042018-142640/>. Acesso em 04 set 2025.

CÂNDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988. Verbete "Bandeira", p. 581.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Global, 2001. Verbete "Reisado", p. 581.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. Folclore em Sorocaba. 1. ed. Sorocaba: Terra Rasgada; Prefeitura de Sorocaba, 1999.

CELLI, Andressa. Evolução urbana de Sorocaba. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-27072012-141358/>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética no jornalismo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Brasília: FENAJ, 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

FERNANDES, José Ubiratan. Festa dos Santos Reis. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 4 jan. 2018. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/festa-dos-santos-reis/>. Acesso em: 2 set. 2025.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GONZALEZ, Lélia. Festas populares no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2024.

GORZONI, Priscila de Paula. Os mascarados das Folias de Reis: uma análise das máscaras da Companhia Santa Cecília, de São Caetano do Sul, no ABCD paulista, e da Companhia da Serraria, de São Thomé das Letras, no Sul de Minas Gerais (2009-2012). 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12828>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GOULART, Rafaela Sales. Tradição como missão: história da preservação da memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital (SP). 2023. 365 f. Tese (Doutorado em História e Sociedade) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2023. Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/8603aa4a-e37d-4776-946e-3a205940a816>>.

Acesso em: 11 fev 2025.

GOULART SALES , Rafaela; CUNHA LOPES , Fabiana. Um mapa das Folias de Reis do Estado de São Paulo: notas preliminares sobre o processo de reconhecimento de um patrimônio cultural imaterial do Brasil. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, [S. l.], v. 21, n. 1, 2024. DOI: 10.35355/revistafenix.v21i1.1304. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1304>. Acesso em: 25 ago. 2025.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama Cidades. [S. l.], 2024. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/panorama>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

INGOLD, Tim. Antropologia: para que serve? Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 80 p. ISBN 978-85-326-6250-7

KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas. 2009. 299 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-04082009-202926/publico/Folia_de_Reis_avatar_das_culturas_subalternas.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

LITURGIA, Secretariado Nacional. Celebração das exéquias. Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2020. Disponível em: <<https://www.liturgia.pt/rituais/Exequias.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

LOPES, André Camargo. A Companhia de Reis Santa Luzia, Londrina/PR: considerações acerca do catolicismo tradicional popular brasileiro e o papel de seus mestres-rituais. Antíteses, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 347–374, 2009. DOI: <10.5433/1984-3356.2009v2n3p347>. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/1901>>. Acesso em: 4 fev. 2025.

MACEDO, Alleks Endriw Pereira. (Re)historicizando as Folias de Reis: reflexões críticas sobre a dicotomia cultural em uma perspectiva decolonial. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 19., 2020, Rio de Janeiro. Anais do XIX Encontro de História da Anpuh-Rio. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2020. Disponível em: <<https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/anais/trabalhos/trabalhosaprovados>>. Acesso em: 6 fev. 2025.

MADURO, Otto. Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento; tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. 196 p. ISBN 85-326-1279-2.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O [velho e bom] caderno de campo. Sexta-Feira, n. 1, p. 8-11, 1997. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br/Magnani_JGC_38_971501_O_VelhoEBom_CadernoDeCampo.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MANFREDINI, Fábio Navarro; GUANDIQUE, Manuel Enrique Gamero; ROSA, André Henrique. A história ambiental de Sorocaba [recurso eletrônico]. Sorocaba: Unesp – Câmpus Experimental de Sorocaba, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Maria Augusta Ramos. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MARTINS, Janaina Träsel. A cosmovisão celta e a vocalidade poética: a tradição oral e as narrativas mitológicas da Idade Média. Boitató: Revista do Grupo de Pesquisa em Literatura, Imaginário e Memória, Londrina, v. 10, n. 19, p. 96–110, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31509>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MATOS, Ronaldo Aparecido de. Os cantos da Companhia de Reis Fernandes de Olímpia – São Paulo. 2016. 323 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical, Etnomusicologia e Musicologia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/67504c0f-b155-4ee4-a79c-95782e67fbe0>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Seleção e introdução de Celso Castro; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica de Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. (Nova biblioteca de ciências sociais).

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. Revista Lusófona de Educação [online], n. 40, p. 11-25, 2018. ISSN 1645-7250. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34958005002>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

NEDER, Andiará Barbosa; FRANCO, Gilciana Paulo. Lideranças femininas nas Folias de Reis, nas Umbandas e Candomblé: uma análise de fluxos e refluxos. Numen: Revista de

Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 187-204, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/29614/20193>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PAULUS. Bíblia Sagrada - Edição Pastoral. Disponível em: <<https://biblia.paulus.com.br/biblia-pastoral/novo-testamento/evangelhos/evangelho-segundo-sao-mateus/2>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

PETSCHLIES, Erik. Fragmentos de história: índios e colonos em Sorocaba (1679 – 1752). Revista de Estudos Universitários - REU, Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/1040>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

PORTELLI, Alessandro. Muitas memórias, outras histórias. Organização de Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Khoury. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. Organização e tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. 7. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

REILY, Suzel Ana. O canto da família: organização vocal nas Folias de Reis do sudeste brasileiro. Revista Instituto de Estudos Brasileiros. n.29, p.111-124. São Paulo. 1988. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/70290/73019>. Acesso em 04 set 2025.

ROCHA, Isabela Martins de Souza. Caderno de Campo. 2025.

RODRIGUES, Carlos Elias Barros Sobreira. "A gente comeu gelo!": percepções da grande geadá à luz de uma história ambiental (Paraná, 1975). 2022. 121 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, 2022, Maringá, PR. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/8265?mode=full>. Acesso em 18 jun 2025.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 2. reimpr. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1). ISBN 85-314-0713-3. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil). Disponível em:

<https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wp-content/uploads/sites/1073/2022/08/A-natureza-do-Espaco.pdf> . Acesso em 25 ago 2025

SILVA, Glauber Paiva da. Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História, [S. l.], 2019. Disponível em:

<https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553116115_ARQUIVO_NOCOESDEIDENTIDADEDESTUARTHALL.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum. [S. l.], 1998. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8236756/mod_resource/content/0/THOMPSON-Costumes%20em%20Comum.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2025.

VATICANO. Catecismo da Igreja Católica. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p1s1c2_50-141_po.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 121-132.

8. APÊNDICES

MODELO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Como você iniciou neste grupo?
2. Você sabe qual a história deste grupo de foliões?
3. O que te chamou mais a atenção assim que você começou a participar?
4. O que mais te marcou nesse tempo em que você participa? Pode compartilhar esse episódio?
5. Como é a visão do grupo sobre sua participação para construção da religiosidade e cultura local?
6. O que você sente ao saber que este é o único grupo da cidade a preservar essa tradição?
7. O que você espera para o futuro deste grupo da Folia de Reis?
8. São feitos convites para novos foliões? E qual a devolutiva?

9. Tem crescido uma vertente mais conservadora de católicos no contexto urbano, vocês já ouviram ou sofreram alguma represália por conta de trazer uma tradição popular?
10. Como é a relação do grupo com a arquidiocese?
11. Vocês têm proximidade com outros grupos de foliões? Quais as semelhanças e diferenças entre os grupos de outras cidades?
12. Deixe eles falarem de lembranças marcantes. O que é a folia de reis para você? e por que?

VERSOS DE LOUVAÇÃO AO PRESÉPIO

Viva os prazer de hoje por esse encontro que nasceis
eu digo por lei sagrada as viagens dos Três Reis.

A viagem dos Três Reis que para Belém seguia,
para encontrar com Deus menino o filho da Virgem Maria.

Tudo no mundo era sático
os anjos do céu queriam paz na terra e alegria,
meus amigos, Deus é Deus.

Por essas palavras eu digo tirada da profecia
A viagem dos Três Reis
A visita de Messias.

Entra, entra, pastorinho, para esse Belém sagrado,
eu quero ver o menino Deus
no cálix bento deitado.

Senhor dono da casa,
filho da Santa Maria,
seu presépio foi louvado
com amor e alegria.⁶⁰

⁶⁰ Borges, Eva, 2025. Áudio de WhatsApp